



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Thaís Fonseca Cruz

**O sonho de ser Médico:** uma análise sobre a mobilidade de brasileiros para Rosário,  
Argentina

Brasília

2025

Thaís Fonseca Cruz

O sonho de ser Médico: uma análise sobre a mobilidade de brasileiros para Rosário,  
Argentina

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da  
Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em  
Antropologia Social

Orientadora: Profa. Dra. Andréa de Souza Lobo

Brasília  
2025

Ficha catalográfica para trabalhos acadêmicos

[Insira neste espaço a ficha catalográfica para trabalhos  
acadêmicos.]

Thaís Fonseca Cruz

**O sonho de ser Médico:** uma análise sobre a mobilidade de brasileiros para Rosário,  
Argentina

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, no dia 27 de maio de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Gabriel Tardelli

Departamento de Antropologia Social – Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Leonardo Azevedo

Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof.(a) Sara Morais

Departamento de Antropologia Social – Universidade de Brasília (UnB)

Suplente

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social

.....  
Insira neste espaço a  
assinatura digital  
.....

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

.....  
Insira neste espaço a  
assinatura digital  
.....

Profa. Dra. Andréa de Souza Lobo

Orientadora

Brasília, 2025

## AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa é um processo complexo e acho que é importante contextualizar os caminhos de pesquisa que me fizeram chegar até aqui. O meu interesse por mobilidades profissionais começou em 2019, ainda na graduação, quando estava fazendo um programa de mobilidade estudantil na Califórnia, próximo a região do Vale do Silício. Naquele momento, fui buscando brasileiros em período de estudos ou trabalhando em suas áreas de formação. Os resultados desse esforço deram origem as análises do meu trabalho de conclusão de curso.

Eu não imaginava que seguiria estes temas de pesquisa, mas foi no primeiro semestre do mestrado em uma conversa com a minha orientadora, a professora Andrea Lobo, que me sugeriu que seria interessante continuar por que ainda tem muito a ser desenvolvido. Assim, começo estes agradecimentos a ela por acreditar nesta pesquisa, pelos incentivos, pela escuta e leitura atenta que nos permite ir além do que imaginávamos. Muitas vezes, ao longo do processo, Andrea enxergou e conseguiu orientar os caminhos para que esta pesquisa fosse possível da forma que está.

A generosidade de Andrea se estende também em conseguir criar uma rede e um grupo de pesquisa que se fez bastante presente em meu processo de pesquisa. Por isso, agradeço ao Laboratório de Pesquisa em Etnografia das Circulações e Dinâmicas Migratórias Mobile por todo o apoio e todas as trocas ao longo dos anos. Em especial, gostaria de deixar um agradecimento para Maria Eduarda Bonomo, Tru, Débora Barcellos, Ana Clara Damásio, André Justino, Vinicius Venâncio e Rodrigo Ramassote.

Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade de Brasília (UnB) pela formação ao longo do mestrado. Sou grata por todos os espaços de discussão em sala de aula e seminários que me possibilitou desenvolver as análises aqui presentes. Para as funcionárias do departamento e da secretaria, em especial para Fernanda, Kedma e Rosa. Um agradecimento também a todos funcionários do Instituto de Ciências Sociais: na portaria para Dona Ana e a Branca pelos cafés. Aos professores do Departamento de Antropologia e, em especial, a professora Carla Costa Teixeira por todos os ensinamentos. Carla me inspira a uma vida dedicada a antropologia, a uma leitura profunda dos clássicos, e sou muito grata por ter sido sua aluna em Teoria Antropologia Clássica 1 e Etnografia das Instituições.

Aos amigos e colegas de turma nas disciplinas, agradeço por todas as discussões antropológicas. Em especial, gostaria de agradecer Yssy Rodrigues, Jordhanna Cavalcante, Laisa Fernanda, Clarissa Cavalcanti, Emmily Souza, Tainá Aragão, João Paulo Siqueira, Karol Martins e Raquel Braga. Para a Lara Noronha por toda a parceria acadêmica, pela companhia nos GTs de migração e pelos dias de bares. Sou muito feliz em compartilhar a caminhada no mundo acadêmico com você. Para Joyce Grasielle Fonseca, sou grata por todo o carinho, apoio e afeto que

compartilhamos nos anos de mestrado, por todas nossas conversas sobre antropologia e sobre a vida e por ter sido a minha dupla nos trabalhos de Teoria Clássica. E a Isabella Marques Ferreira, sou muito grata pela nossa rede de apoio, estudos, escuta e amizade que foi essencial para conseguir finalizar esse trabalho. Para Ana Noronha por toda a torcida no processo da pesquisa e na vida. Agradeço também a Thaís Valim (xará!) pelos encontros nos dias de trabalho na Kata. Agradeço também a toda equipe da Revista Pós com quem tive a oportunidade de trabalhar. Em especial agradeço ao João Miguel, doutorando da sociologia, por todas nossas conversas que se estenderam para além do mundo de publicações. Agradeço também a Camila Vaz, colega do PPGAS pelas conversas sobre a vida na Argentina.

E um agradecimento para todos os amigos que acompanharam todo o processo do mestrado. Aos amigos da graduação Gabriel Borges, Ruy Bandeira, Daniel Maia e Júlia Brito. Um agradecimento também para Camila Oliveira e Gabriela Costa pelas trocas e pela amizade. Matheus Viana, amigo antropólogo, com quem também conversei sobre a pesquisa. Pedro Ribas, por todo o apoio. Aos amigos da vida e que se fazem sempre presente. Para Gabi Cortês, minha irmã de coração, sou muito feliz pela nossa amizade e que em momentos de vida diferentes conseguimos estar presente. Durante este período, Gabi se tornou mãe da Nala e sigo te admirando por transmitir todo esse amor. Agradeço a Luisa Leão por todas as trocas e conversas sobre pesquisa e vida acadêmica. E um agradecimento também para minha amiga médica Letícia Altaf. A Marina Torres por estar presente na vida apesar de qualquer distância. Agradeço a Amanda Paes por todo o amor e pelo acolhimento. A Luiza Ceruti e Pedro Ibarra pela amizade e carinho de sempre e aos “amigos da Lu” (Renata, Natalia, Matheus, Raquel, Cadu e Celso), agradeço por tudo, incluindo os incentivos em manter uma rotina de exercícios com o grupo de GymRats.

Para toda a minha família que sempre me apoia, me incentiva e me inspira. Para o meu pai, Bruno, que é economista e mesmo assim se lançou o desafio de ler capítulos desse trabalho estranhando o “texto em primeira pessoa”. Para minha mãe Luciana que acompanhou todos os momentos dessa pesquisa. Tenho o maior orgulho em ser “a filha da Saboia”. Para meu irmão Pedro que falava um “vai dar certo” nos dias difíceis. E para o Artur que faz a nossa família ser incrível, por sua alegria que fazem os nossos dias melhores.

No meu lado materno, quero deixar um agradecimento para minha Vó Iracema, que nos inspira seguir estudando e aos quase 80 anos decidiu retornar para a universidade para cursar Música pelo programa de Vestibular 60+ da UnB. Para meu tio e padrinho Marcelo e a Cris (e a Laurinha que chegou agora), tia Andrea, tia Alessandra. Para minha prima Tarsila que está cursando medicina, espero que encontre inspiração em seguir seus sonhos. No meu lado paterno, quero deixar um agradecimento para minha vó Beta, por todo o carinho e amor. Para minhas tias Marilia

e Marina e um agradecimento para minha prima e afilhada Luiza que está sempre perto do coração mesmo morando longe e meus primos Ana Júlia e Heitor.

Para o Luca, meu parceiro e meu amor, por todo o apoio nestes anos. Construir planos, multiplicar afetos e dividir a vida é melhor ao seu lado. Obrigada por me incentivar em todos os momentos, pelas primeiras leituras e comentários e me ouvir falar tanto sobre antropologia e essa pesquisa nos últimos meses da vida. Também aproveito para agradecer toda a sua família, que sempre me acolhe e torce por mim.

Agradeço ao Gabriel Tardelli pelas discussões antropológicas e por aceitar compor esta banca. Também deixo meus agradecimentos ao Leonardo Azevedo por aceitar o convite para participar da banca e pelas discussões sobre o tema de mobilidades profissionais. A Sara Moraes, sou grata pelo aceite em compor a banca como suplente e sou bastante grata por toda a sua generosidade em compartilhar e criar uma rede de apoio que foi muito importante no processo dessa pesquisa.

Na Argentina, sou bastante grata a Thalita Angellucci, pesquisadora que me recebeu e discutiu temas que estão incluídos neste trabalho. Também agradeço a Maria Izabel Pozzo pelo espaço na disciplina de Metodologia de Pesquisa em que apresentei resultados iniciais da pesquisa para argentinos. Agradeço também a disponibilidade de Ariel Oliveira, com quem tive a oportunidade de conversar sobre a sua pesquisa de mestrado feita sobre os brasileiros que estudam medicina em Rosário. Desejo agradecer também as professoras da Universidade Nacional de Rosário que me receberam e me concederam entrevistas que foram importantes para uma perspectiva institucional e as agências de assessoria estudantil que me receberam.

E, principalmente, gostaria de dedicar e agradecer a todos os estudantes de medicina brasileiros em Rosário que acreditaram nesta pesquisa e aceitaram contribuir falando sobre suas experiências. Em especial, sou bastante grata ao Pedro\* por todo o apoio e carinho. Agradeço também ao Gustavo\* por todas as nossas conversas sobre a experiência de estudar medicina na Argentina. E agradeço a Natália\*, Letícia\* e Victória\* por terem sido as primeiras a aceitar participar da pesquisa e pela torcida no processo. Também deixo um agradecimento a Sol e Vitor Cesário por terem me encontrado em Buenos Aires e me levado para sair em uma noite porteña.

Por fim, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de pesquisa concedida que possibilitou o desenvolvimento dessa pesquisa e o período de campo na Argentina.

## **RESUMO**

Essa pesquisa analisa a experiência de estudantes brasileiros de medicina em Rosário, Argentina. Partindo do contexto brasileiro, a formação médica é marcada por dificuldades no acesso ao ensino superior e um perfil médico hegemonic. A escolha pela Argentina é comparada pelas possibilidades de formação no Brasil e em outros países sul-americanos, baseado em um projeto de mobilidade construído pela visão da profissão. O sonho de ser médico é reforçado por um duplo aspecto: de sentimento humanitário para “salvar vidas” e a possibilidade de ascensão social. As relações entre Brasil e Argentina também são importantes neste contexto de mobilidade e existe uma potencialidade em considerar uma análise ampla e comparativa sobre América Latina. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma perspectiva etnográfica, combinando metodologias de análise de redes sociais de estudantes e acompanhamento de jornais argentinos, entrevistas, observação participante em dois momentos de pesquisa de campo em Rosário. Conclui-se que essa mobilidade é uma estratégia viável para um segmento específico, mediada por sonhos profissionais, redes de apoio e adaptações a um sistema educacional distinto, refletindo desigualdades estruturais no acesso à educação médica.

**Palavras-chave:** Mobilidade Estudantil; Estudantes de Medicina; Brasil e Argentina

## **ABSTRACT**

This research examines the experiences of Brazilian medical students in Rosario, Argentina. At the Brazilian context, medical education is marked by barriers to access higher education and a hegemonic medical profile. The choice of Argentina is compared with opportunities for medical education in Brazil and other South American countries, based on a mobility project shaped by professional aspirations. The dream of becoming a doctor is reinforced by a dual perspective: a humanitarian feeling to "save lives" and the possibility of social mobility. The relationship between Brazil and Argentina also plays a key role in this mobility context, highlighting the potential for a broader comparative analysis across Latin America. The research is based on an ethnographic approach, combining methodologies such as social media analysis of student social media, Argentine newspapers, interviews, and participant observation during two fieldwork periods in Rosario. The findings suggest that this mobility serves as a viable strategy for a specific segment of students, mediated by professional aspirations, social networks, and adaptation to a new educational system, reflecting structural inequalities in access to medical education.

**Keywords:** Student Mobility; Medical Students; Brazil and Argentina

## **RESUMEN**

Esta investigación analiza la experiencia de estudiantes de medicina brasileños en Rosario, Argentina. Partiendo del contexto brasileño, la formación médica está marcada por las dificultades de acceso a la enseñanza superior y por un perfil médico hegemónico. La elección de Argentina se compara con las posibilidades de formación en Brasil y otros países sudamericanos, a partir de un proyecto de movilidad construido por la visión acerca de la profesión. El sueño de ser médico se ve reforzado por un doble aspecto: el sentimiento humanitario de «salvar vidas» y la posibilidad de ascenso social. Las relaciones entre Brasil y Argentina también son importantes en este contexto de movilidad y hay potencial para considerar un análisis amplio y comparativo de América Latina. La investigación se desarrolló desde una perspectiva etnográfica, combinando metodologías de análisis de las redes sociales de los estudiantes y seguimiento de periódicos argentinos, entrevistas y observación participante en dos períodos de investigación de campo en Rosario. Se concluye que esta movilidad es una estrategia viable para un segmento específico, mediada por sueños profesionales, redes de apoyo y adaptaciones a un sistema educativo diferente, reflejo de las desigualdades estructurales en el acceso a la educación médica.

Palabras clave: Movilidad Estudiantil; Estudiantes de Medicina; Brasil y Argentina

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- AMB - Associação Médica Brasileira
- ALDE - Agrupacion de Lucha por los Derechos de los Estudiantes
- CadÚnico – Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal
- CBC – Ciclo Básico Comum
- CFM – Conselho Federal de Medicina
- Conicet - Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas
- DUCLE- Diploma de Competência em Lingua Espanhola como Língua Estrangeira
- Ebserh – Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares
- Enare – Exame Nacional de Residência
- ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
- FCM – Faculdade de Ciências Médicas
- FIES – Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior
- IUNIR - Instituto Universitário Italiano de Rosário
- MCERL – Marco Comum Europeu de Referência para Língua Estrangeira
- MEC – Ministério da Educação
- OMS – Organização Mundial da Saúde
- PBL – Problem Based Learning
- PFO – Prática Final Obrigatória
- PRAELE - Programa Acadêmico de Espanhol como Língua Estrangeira
- ProUni – Programa Universidade para Todos
- SIELE – Servicio Internacional de Evaluacion de la Lengua Extranjera
- SISU – Sistema de Seleção Unificado
- UAI – Universidade Abierta Iberoamericana
- UBA – Universidade de Buenos Aires
- UFG – Universidade Federal de Goiás
- UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
- UNR - Universidade Nacional de Rosário
- UP – Unidades Problemas
- USP - Universidade de São Paulo

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Brasileiros tomando Mate Argentino

Figura 2 – Mapa de Rosário

Figura 3 – Mercado brasileiro em Rosário

Figura 4 – Pão de Queijo em Cafeteria argentina

Figura 5 – Comemoração de Final de Curso na frente da Faculdade de Ciências Médicas

Figura 6 – Comemoração Bajada 2023

Figura 7 – Mapa Curricular da Graduação em Medicina UNR

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
SAIR PARA ESTUDAR: ASCENSÃO OU DISTINÇÃO SOCIAL? .....	15
SOBRE OS CAMINHOS DA PESQUISA E A NARRATIVA DA DISSERTAÇÃO .....	19
<b>1. MEDICINA NO BRASIL E A BUSCA POR NOVAS POSSIBILIDADES.....</b>	<b>24</b>
1.1 PARTINDO DO BRASIL: O CAMPO MÉDICO E O ENSINO DE MEDICINA	25
1.2 O ESTUDANTE BRASILEIRO: TRAJETÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E MOTIVAÇÕES .....	30
1.3 CHEGANDO EM ROSÁRIO: A CIDADE DO MESSI, DO PORTO E DA AGRICULTURA .....	37
1.4 MOBILIDADE ESTUDANTIL: REDES, AGÊNCIAS E O CONTEXTO UNIVERSITÁRIO .....	46
<b>2. O SONHO COMO PROJETO: POR QUE SER MÉDICO?.....</b>	<b>52</b>
2.1 TUDO COMEÇA PELO SONHO .....	55
2.2 SER MÉDICO NO BRASIL E NA ARGENTINA .....	62
2.3 ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	70
2.4 ESTUDANTES BRASILEIROS APRENDENDO MEDICINA: DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS.....	78
<b>3. VIVER LONGE DE CASA: COMO RELAÇÕES SÃO CONSTRUÍDAS?.....</b>	<b>88</b>
3.1 AQUI, NÓS SOMOS FAMÍLIA .....	92
3.2 SER ESTRANGEIRO, SENTIR-SE A MARGEM.....	104
3.3 RECONFIGURANDO IDENTIDADES: ENTRE A EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA E A MOBILIDADE ESTUDANTIL.....	111
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>128</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>132</b>

## INTRODUÇÃO

Fluxos estudantis a partir do Brasil, para o Brasil ou em outros contextos, especialmente em uma direção Sul-Norte, têm sido temas de diversas pesquisas. O destaque destes estudos é um tipo de mobilidade que agrega fatores como busca por melhores condições de vida, não por uma via laboral, mas pela busca de uma qualificação superior. Dessa maneira, o projeto de saída ambiciona um retorno em uma nova posição social, seja a partir da formação superior alcançada seja pela própria experiência internacional. Assim, este é um tipo de deslocamento profissional que está incorporado em contextos de mobilidades de elite, uma estratégia para acumulação e reprodução de certos “capitais simbólicos” de “distinção”<sup>1</sup>.

O caso dos brasileiros que estudam medicina na Argentina se insere de maneira particular neste campo de estudos antropológicos. Não se trata a princípio da busca por internacionalização, mas sim de uma estratégia para acessar o ensino superior. Dessa maneira, os estudantes descrevem as dificuldades para acessar a formação no Brasil, detalhando as concorrências dos vestibulares e o custo de mensalidades das faculdades privadas. Portanto, esse deslocamento surge como uma alternativa em uma vantagem comparativa impulsionado pelo “sonho de se tornar médico”<sup>2</sup>.

Nesta conjuntura, o primeiro questionamento é por que o desejo de seguir a medicina mobiliza esse deslocamento geográfico. Por um lado, é vista como vocação humanitária; de outro, como projeto de ascensão social e econômica. Essa ambiguidade reflete contradições mais amplas do campo da saúde no Brasil, marcado pela desigual distribuição de profissionais entre regiões e um perfil profissional hegemônico branco pertencente a classes mais altas<sup>3</sup>. É por este motivo que a pesquisa pode ser uma contribuição também para o campo de estudos sobre a saúde.

No campo de estudos migratórios, a centralidade desta pesquisa contribui para repensar as dinâmicas regionais de circulação no contexto latino-americano contemporâneo. Além disso, como destaca Freitas (2021), é um perfil socioeconômico intermediário por que ao mesmo tempo que

<sup>1</sup> A discussão sobre capitais simbólicos e distinção parte da leitura teórica do sociólogo Pierre Bourdieu (2006,2008). O poder simbólico atua como uma forma transformada de outros capitais (econômico, cultural), que garante uma posição dentro de hierarquias sociais. Esses capitais culturais, sociais e simbólicos são legitimados por instituições e internalizados através do *habitus*, a disposição corporal institucionalizada. Uma estratégia eficaz para sua reprodução envolve a apropriação seletiva de bens e práticas culturais como a formação educacional, a construção de redes sociais exclusivas e a conversão de capitais econômicos em formas simbolicamente valorizadas. Essa dinâmica naturalizada mascara seu caráter arbitrário, perpetuando a dominação sob a aparência da meritocracia ou do refinamento individual. Assim, a distinção opera como um mecanismo de exclusão dissimulada, onde a acumulação simbólica reforça fronteiras invisíveis entre grupos sociais.

<sup>2</sup> A partir deste ponto no texto, os conceitos e as categorias analíticas estarão entre aspas, assim como citações diretas de interlocutores que ocupem menos de três linhas indicadas no texto. As categorias nativas, palavras-chave das interações com os interlocutores brasileiros e argentinos, estarão indicadas em **negrito**. Os termos em língua estrangeira estarão indicados em *italico*. Para conceitos ou palavras-chave que se enquadram em mais de uma classificação, estarão indicadas com mais de um marcador.

<sup>3</sup> Para mais informações e dados quantitativos da distribuição de profissionais da medicina, consultar a Demografia Médica Brasileira (2023).

não conseguem cursar medicina no Brasil, conseguem financiar as redes e trajetórias que viabilizam essa mobilidade, incluindo as relações estabelecidas entre os estudantes, suas famílias e as instituições de ensino.

Ao longo desta dissertação, analisei diferentes categorias para definir esse fenômeno social. Observei que, dependendo do campo de investigação e da ênfase em determinadas características, surgem conceituações distintas. A partir de uma perspectiva antropológica e considerando a autodefinição dos meus interlocutores, concluí que "**mobilidade estudantil**" é um termo mais abrangente.

Essa definição ressalta, em primeiro lugar, um aspecto fundamental para os meus interlocutores: o fato de serem **estudantes de medicina** e buscarem essa formação profissional independentemente do local ou da instituição de ensino. Além disso, a noção de "**mobilidade**" enfatiza o movimento de sair do país de origem para se estabelecer em outro, bem como a percepção de impermanência que caracteriza essa experiência. Os estudantes transitam entre universidades, cidades e países, e essa dinâmica deve ser entendida como parte integrante do fenômeno do fluxo migratório brasileiro.

Dessa maneira, a pesquisa se baseia em uma abordagem etnográfica que privilegia a experiência concreta desses estudantes brasileiros na Argentina. Através da análise de suas sociabilidades, estratégias de adaptação linguística e cultural, e das relações estabelecidas com o sistema educacional argentino, busca-se compreender como esses atores navegam entre diferentes contextos institucionais e constroem significados sobre sua formação profissional. A pesquisa revela, ainda, como esses processos de adaptação ressignificam tanto as expectativas iniciais sobre a carreira médica quanto as noções de pertencimento nacional.

### **Sair para estudar: ascensão ou distinção social?**

O fluxo contemporâneo de estudantes brasileiros para a Argentina em busca de formação médica insere-se em uma tradição histórica mais ampla de deslocamentos estudantis. No caso brasileiro, o percurso remonta ao período colonial em que as elites brasileiras se locomoviam para Portugal para se graduar. Assim como destaca Fávero (2006), os primeiros cursos superiores do país só foram fundados em 1808 com a chegada da Família Real no Brasil.

De certa forma, é possível considerar que a mobilidade de brasileiros para o exterior também esteve atrelada a uma estratégia de manutenção de elementos de distinção de uma parte da elite brasileira. A pesquisa de Nogueira (2004, p. 47) sobre as viagens para fins de estudos revela que os filhos de uma elite empresarial de Belo Horizonte utilizam “estratégias educativas parentais e as lógicas das carreiras escolares de jovens provenientes de famílias caracterizadas por ocuparem,

na escala social, posições elevadas do ponto de vista econômico, independentemente do capital cultural possuído”.

Essa relação se aproxima com a trajetória do *habitus*<sup>4</sup> do herdeiro como analisado por Xavier de Brito (2004) que construiu dois modelos de trajetórias para estudantes brasileiros na França: o itinerário do *habitus* de herdeiro, associado ou não a um *habitus* internacional e o itinerário de ascensão por meio da educação. A definição de “herdeiro” é relaciona com a socialização primária de certas formas de capitais culturais e apresenta algumas características como: pais que pertencem a classes sociais mais altas e tem nível mais alto de escolaridade, apoio familiar que se estende até a o nível universitário, socialização precoce na profissão da qual se beneficiam por uma rede de contatos interna e a percepção de que a partida para outro país faz parte de uma perspectiva internacional mais ampla. A definição de Xavier de Brito sobre o *habitus* internacional se aproxima da definição de Weenink (2008) do “Capital Cosmopolita” caracterizado pela fluência de outros idiomas, pelas famílias que tem em sua história uma cultura internacional e o conhecimento sobre o sistema acadêmico internacional.

Nesse tipo de mobilidade de elite, existem estratégias também na definição dos destinos baseados em um conjunto de referências como a fluência no idioma, a experiência no país do destino em um cálculo sobre as vantagens para o acúmulo de capital internacional e cosmopolita. No caso de pesquisa de Prado (2004), jovens em Belo Horizonte e suas famílias analisam estes fatores para a escolha do programa de intercâmbio durante o ensino médio. Da mesma forma, Iorio (2018), ao analisar a mobilidade de brasileiros estudantes em Portugal, conclui que estas pessoas são motivadas por “uma experiência no exterior”, uma experiência de vida e/ou acadêmica interessante, emocionante e desafiadora. Além de uma experiência individual, é uma forma de “enriquecer o currículo”: adquirir um certo tipo de capital simbólico objetivando uma progressão profissional (IORIO, 2018). Dessa maneira, um primeiro conjunto de estudos sobre mobilidade estudantis e profissionais de elite revelam estratégias familiares e individuais de acumulação de capital internacional.

Em um outro contexto, outras pesquisa focalizaram políticas públicas de financiamento para formação no exterior. Nesse sentido, destaco a pesquisa de Lombas (2013) sobre a trajetória

<sup>4</sup> Em O Poder Simbólico (2006), Bourdieu define o *habitus* como um sistema de disposições duradouras, socialmente incorporadas, que orientam práticas, percepções e julgamentos de modo aparentemente ‘espontâneo’. Herdando a noção maussiana do corpo socializado, o autor enfatiza que o *habitus* é produto de condições materiais e simbólicas específicas. Além disso, Bourdieu enfatiza que é um mecanismo de reprodução invisível: ao internalizar estruturas de dominação, os agentes naturalizam desigualdades, convertendo-as em ‘preferências’ ou ‘aptidões’ individuais. Assim, o *habitus* opera como uma matriz geradora de estratégias adaptadas ao campo social, onde o poder simbólico se exerce sem necessidade de coerção explícita. A família pode atuar como um destes mecanismos de reprodução e é, por este motivo que, além de herdar patrimônios econômicos, a transmissão destes capitais simbólicos são centrais para uma análise de Bourdieu.

de pesquisadores das áreas de Ciência da Computação, Física e Economia, que haviam obtido bolsa de estudos da Capes e do CNPq, entre 1996 e 2007, para ir para os Estados Unidos, França e Grã-Bretanha e a pesquisa Azevedo (2015) sobre pesquisadores que receberam bolsas Capes para doutorado pleno no exterior. No âmbito de incentivos estatais, as vantagens são apresentadas através de uma perspectiva de internacionalização da ciência, em que a criação de redes de pesquisas para colaboração e integração se tornam possíveis. A trajetória de alguns pesquisadores revela também que o financiamento público para estas mobilidades torna possível o deslocamento e a permanência de grupos socioeconômicos que não conseguiram acessar por outros meios, democratizando as oportunidades de mobilidade internacional.

As duas formas de deslocamentos, no entanto, decorrem de uma mesma dinâmica: a crescente valorização do capital internacional no campo acadêmico e profissional. Ao mesmo tempo, são pesquisas que destacam que o movimento para formação no exterior não é feito por um único perfil. Dessa maneira, é preciso ressaltar que pessoas se movem para estudar em diversos contextos, tempos e lugares, seja em busca de formação especializada, acesso a instituições renomadas ou condições mais acessíveis de ensino. No Brasil, um dos movimentos marcantes nesse sentido é a mobilidade rural-urbana, impulsionados pelo processo de industrialização brasileira. Para a antropologia brasileira, as migrações internas foram um tema importante de pesquisa na década de 1970 a partir de uma visão marxista e focada em classe e trabalho. Eunice Durham (1973) relaciona migrações rurais-urbanas com um processo de transformação nos dois espaços que possibilitou também a formação educacional de brasileiros. Segundo, a antropóloga destaca que

Entre todos os migrantes que entrevistamos, muitos dos quais analfabetos, não encontramos nenhum que não tivesse interesse em enviar os filhos à escola. A alfabetização é reconhecida por todos como instrumento essencial de adaptação à vida urbana. Todos esperam que os filhos completem o primário, isto é, que "tirem o diploma". (DURHAM, 1973, p.171)

Nesse sentido, essa era também uma estratégia familiar em que a educação representava uma possibilidade de acessar empregos formais e documentos de melhor remuneração dentro do espaço industrial (DURHAM, 1973). Assim, a escolarização representa uma forma de ascensão social, especialmente para os filhos de migrantes rurais. Esse movimento também é resultado da desigualdade no acesso a instituições de ensino.

Por um lado, é preciso considerar que, desde a publicação do livro de Eunice Durham (1973), houve um aumento de instituições para a educação básica, inclusive com modalidades específicas para garantir o acesso como educação no campo e a educação indígena. As taxas de

analfabetismo no Brasil também diminuíram na medida em que houve uma expansão da educação básica. Por outro, desigualdades no acesso educacional ainda são persistentes no Brasil e movimentos entre o campo e a cidade para fins de estudos ainda são comuns.

No campo da geografia, o deslocamento diário de pessoas entre municípios para trabalhar ou estudar é definido como um “movimento pendular” ou “migração diária” e um conjunto de pesquisas continuam a ser produzidas sobre o tema no contexto brasileiro. Como exemplo, é possível destacar o estudo de Carvalho e Maia (2023) sobre o movimento de estudantes de ensino médio de um município rural no interior de Minas Gerais que percorrem distâncias entre 14 km a 28 km, geralmente utilizando o transporte escolar ou recorrendo a redes de amigos e parentes. As condições de transporte são um ponto crucial nessas análises, e a pesquisa realizada por Martins (2017) em Palmelo, no interior de Goiás, revela que o aparente desinteresse dos estudantes é, na verdade, consequência do desgaste causado pelos longos deslocamentos em transportes em más condições.

Para além de deslocamentos diários, em muitos casos eles envolvem a residência em outra cidade. O estudo de Venâncio (2022), por exemplo, explora a mobilidade como uma estratégia ambígua para o acesso à educação. Analisando o caso de Val, uma menina negra enviada aos 9 anos da zona rural de Formosa (GO) para Brasília sob os “cuidados” de sua madrinha, integrante da elite local, o autor destaca que foi uma mobilidade justificada pela promessa de estudos, mas também essa mudança revelou uma relação de exploração, em que Val foi submetida a trabalho doméstico não remunerado e condições precárias de moradia (VENÂNCIO, 2022). Ao mesmo tempo, a formação educacional possibilitou que Val se tornasse professora, rompendo o ciclo e possibilitando sua emancipação do trabalho doméstico de servidão. De maneira geral, é possível perceber que em certos contextos rurais e para classes mais baixas, o processo de mobilidade para estudos é a via para acessar educação e uma possível ascensão socioeconômica.

Uma segunda relação presente em muitos contextos brasileiros é que, principalmente para acessar o ensino superior, a mobilidade de jovens brasileiros é bastante comum entre cidades, entre estados e entre regiões do Brasil. Essa mobilidade foi resultado também da reformulação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que, a partir de 2009, se tornou a principal forma de ingresso nas instituições públicas federais de educação superior pelo Sistema de Seleção Unificado (SiSU), sistema centralizado e informatizado que disponibiliza vagas em todo país.

Assim, a pesquisa de Alves (2023) sobre a migração interestadual para a Universidade Federal de Goiás (UFG) revela que o desejo de estudar em uma universidade federal e o fato de muitos estudantes não serem aprovados no vestibular nas universidades dos seus estados de origem são as principais justificativas desse tipo de mobilidade. No caso de pesquisa de Amanda Silva

(2023) sobre estudantes de baixa renda de medicina que acessaram o ensino superior por cotas e se mudaram para estudar na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no campus de Macaé, categoria que define como “migrantes cotistas”, se aproxima da mesma dinâmica. A falta de universidades públicas em sua cidade de origem e a aprovação no vestibular são as principais causas de deslocamento desses estudantes (SILVA, 2023).

Em um primeiro momento, é preciso considerar que universidades federais de ensino superior seguem centralizadas em capitais e regiões do país, resultado de um processo histórico que concentrou universidades em centros específicos do país. Em uma recuperação histórica, a formação das universidades no Brasil também teve relação com a mobilidade para estudos. O caso da medicina é interessante porque também tem uma relação com a formação do ensino superior no Brasil. De acordo com Fávero (2006), as primeiras instituições de ensino superior eram cursos de caráter profissionalizante com o objetivo de formar profissionais para o Estado. Assim, em 1808 é inaugurado o Curso Médico de Cirurgia na Bahia e o Hospital Militar do Rio de Janeiro com uma Escola Médica que posteriormente se tornariam Universidades Federais (FÁVERO, 2006). Deste modo, existe um destaque do médico como um profissional de profunda relevância nacional.

Além disso, o caso da medicina é interessante porque por que é o curso de graduação com maior mobilidade interna no Brasil. De acordo com Scheffer et al (2023), praticamente um terço dos alunos de medicina estuda em unidade da federação distinta do local de nascimento, revelando um movimento de estudantes entre estados. Os dados coletados por Alves (2023) também revelam que medicina era o curso com mais “estudantes migrantes”<sup>5</sup> ao longo dos anos que finalizaram a graduação.

Entre os estudantes que se deslocam para o exterior, existe uma análise sobre as possibilidades de cursar medicina. Por um lado, consideram que passar no vestibular exige uma preparação e um tempo de dedicação muito grande para as universidades públicas. E as universidades particulares tem um custo de mensalidade muito alto. Assim, a escolha em ir para o exterior é uma escolha comparada baseada na profissão médica.

### **Sobre os caminhos da pesquisa e a narrativa da dissertação**

Nos estudos sobre mobilidade profissional internacional, a ênfase tem recaído predominantemente sobre fluxos Sul-Norte e a acumulação de capitais simbólicos (BOURDIEU,

<sup>5</sup> No contexto de pesquisas desenvolvidas no campo da pedagogia, Alves (2023) define como “migração estudantil” a mudança de local para cursar integralmente a formação educacional em um local diferente da origem do estudante. Enquanto a mobilidade acadêmica refere-se às migrações de membros da comunidade acadêmica com a expectativa de retorno à instituição de origem. Mais adiante, no capítulo 3, vou desenvolver com mais profundidade uma análise sobre as categorias utilizadas, mas é importante destacar como cada conceito e área de pesquisa evidencia um elemento deste fenômeno.

2006, 2008) nesse eixo. Contudo, minha investigação se volta para dinâmicas menos exploradas: deslocamentos entre países latino-americanos<sup>6</sup>, mobilizados por lógicas distintas. No caso desta pesquisa, é a impossibilidade de acessar a formação no Brasil e o desejo de cursar medicina que promove o deslocamento de brasileiros para Rosário. Dessa forma, os estudantes brasileiros são impulsionados não pela busca de prestígio internacional, mas pela combinação da impossibilidade de acesso ao ensino médico no Brasil com o persistente desejo de formação na área.

Existe uma vasta literatura que se debruça sobre o Brasil e Argentina como demonstra Silva (2020). Em sua análise, divide o conjunto de produções em pesquisas que tratam do cenário macropolítico (SALLUM, 2004; MELLO, 1996; GULLO, 2006) e pesquisas de interação social entre os dois países (PIRES, 2010; FRIGERIO; RIBEIRO, 2002, SCHMEIL, 1994).

A escolha por Rosário como campo de pesquisa apresenta particular interesse justamente por sua condição de cidade interiorana, distante das regiões fronteiriças que costumam concentrar esses fluxos educacionais. Se, como demonstra Webber (2023), as localidades fronteiriças produzem relações sociais específicas, minha hipótese é que a distância geográfica e o caráter interiorano de Rosário revelam uma experiência distinta, potencialmente mais imersiva na trajetória desses estudantes. Essa configuração espacial singular permite examinar como a mobilidade estudantil se reconfigura quando desvinculada dos eixos tradicionais de fluxo e das dinâmicas de fronteira.

Para conseguir conhecer possíveis interlocutores, comecei a buscar por palavras chaves como “Medicina”, “Brasileiros” e “Rosário” em buscas por redes sociais e encontrei diversos perfis grandes no *youtube* e no *instagram*. Entre estas contas, encontrei perfis públicos com estudantes que compartilhavam a rotina, experiências na faculdade e aspectos da vida na Argentina. Comecei a entrar em contato me apresentando e descrevendo os objetivos da pesquisa: analisar a experiência de estudar medicina em Rosário. Nesse contato por mensagem, perguntava se havia o interesse em contribuir com os objetivos da pesquisa com uma entrevista. Esses se tornaram pontos importantes para apreender redes e relações estabelecidas que fortalecem o fluxo de brasileiros.

Foi por meio dessas redes sociais que quando cheguei na Argentina, no inicio de março de 2024, já estava com alguns contatos estabelecidos para a pesquisa. Considerando que teria menos tempo na cidade, foquei essa primeira parte do campo em encontrar esses possíveis interlocutores.

<sup>6</sup> Afirmo que é uma dinâmica de mobilidade “menos explorada” quando comparado ao quantitativo de pesquisas realizadas sobre brasileiros no exterior, não desconsiderando que existe uma bibliografia sobre o Brasil e Argentina. Como demonstra Silva (2020), existe um conjunto de produções que tratam do cenário macropolítico (SALLUM, 2004; MELLO, 1996; GULLO, 2006) e pesquisas de interação social entre os dois países (PIRES, 2010; SCHMEIL, 1994). A coletânea organizada por Frigerio e Ribeiro (2002) reúne pesquisas importantes de mobilidades na década de 1990. Mais recentemente, algumas pesquisas foram desenvolvidas sobre estudantes de medicina na Argentina como a pesquisa de Angellucci (2018) e Oliveira (2021) em Rosário, e Palacios (2023) sobre La Plata, Sharpe e Catalano (2023) sobre Buenos Aires e a análise estatística feita por Freitas (2021).

Uma das primeiras respostas que recebi foi a de Natália<sup>7</sup> pelo *instagram*. Quando fomos combinar o lugar que poderíamos nos encontrar, perguntei se teria alguma cafeteria que ela poderia sugerir por ser um lugar público que poderíamos conversar. Depois de um tempo que já nos conhecíamos, ela me falou que convidar estudantes para restaurantes ou lanchonetes poderia constranger alguns estudantes que passam por muitas dificuldades para pagar as contas no país. Entre os relatos que me contaram, ouvi histórias de estudantes que passaram frio nos períodos do inverno, por exemplo. Por esse motivo, como estratégia metodológica, passei a encontrar os estudantes somente nos espaços da faculdade, fazendo as entrevistas nos pátios ou em lugares públicos como praças da cidade. Realizei algumas entrevistas nas casas de estudantes quando foi uma sugestão dada por eles.

Retornei para o Brasil, período que segui acompanhando as redes sociais de estudantes. Além de terem sido o meu primeiro espaço de interlocução com os estudantes de medicina, também se tornaram fontes importantes de notícias e temas que impactavam a vida de interlocutores. Por fim, também recorri ao acompanhamento de jornais argentinos<sup>8</sup> para ter uma fonte de análise e notícias sobre contextos políticos que atravessaram o campo de pesquisa. Nesse meio tempo, também tive a oportunidade de aprofundar as leituras sobre o contexto argentino e entrei em contato por *email* com uma pesquisadora brasileira que havia escrito um artigo sobre o aprendizado de espanhol dos estudantes de medicina brasileiros em Rosário, Thalita Angellucci (2018, 2020). Naquele momento, Thalita estava realizando a pesquisa de pós-doutorado na área da educação e recebeu com bastante entusiasmo a minha proposta de pesquisa sobre o tema. Como estaria voltando em setembro de 2024, recebi o convite para apresentar os resultados iniciais em uma disciplina de metodologia de pesquisa para estudantes de graduação da Universidade Nacional de Rosário. A disciplina era ministrada com a Professora Maria Isabel Pozzo, que também me colocou em contato com professores de medicina da UNR.

Assim, durante a segunda parte do campo de pesquisa, tive um acesso mais amplo a múltiplas perspectivas. Destaco que foi importante esse distanciamento temporal para conseguir reencontrar interlocutores de pesquisa e estabelecer uma comparação entre diferentes períodos do ano. O mês de março é um momento de chegada de estudantes e início do ano, enquanto que, ao longo do ano, existe uma fluidez sobre as mobilidades. Muitos dos estudantes que conheci haviam retornado para o Brasil ou embarcado para outros países como o Paraguai. Aqueles que estavam

<sup>7</sup> Todos os nomes próprios de interlocutores mencionados neste trabalho são fictícios, a fim de preservar o anonimato e a confidencialidade dos participantes, em conformidade com princípios éticos de pesquisa.

<sup>8</sup> Os principais jornais argentinos que acompanhei foram “La Nación”, “Página 12”, “El País Argentina” e “La Capital”, este último sendo um jornal local de Rosário. Em alguns casos, também fiz a leitura de mídias brasileiras e internacionais noticiando a Argentina contrastando em minhas anotações de campo algumas análises e percepções. Além de citar explicitamente no texto, quando utilizar alguma fonte jornalística, optei por deixar o link de acesso e título completo da reportagem em nota de rodapé para facilitar o acompanhamento e leitura.

como ingressantes falaram sobre as mudanças percebidas nesse contexto que também é interessante para serem analisados. Além disso, tive a possibilidade de conversar também com estudantes de medicina de universidades privadas, especificamente da Universidade Aberta Intramericana (UAI).

Os meus dias de campo consistiam principalmente em tentar me inserir na rotina dos estudantes e meu dia a dia passou a ser ir para as faculdades de medicina da cidade, a UNR e UAI. Para conseguir encontrar e conversar com estudantes, eu procurava por grupos que estivessem conversando em português nos intervalos de aulas e me apresentava falando sobre a pesquisa. Em outros casos, consegui entrevistas e contatos por indicações dos próprios estudantes. No total, tenho registros<sup>9</sup> de mais de 30 entrevistas com estudantes de medicina, algumas realizadas de forma individual e outras vezes em grupo. As entrevistas em grupo eram interessantes porque em diversos momentos os brasileiros discordavam de percepções e falas e concordavam com outros pontos de maneira enfática.

Aos finais de semana, como as faculdades estariam fechadas me dediquei a participar de eventos da vida social de brasileiros como festas e encontros entre brasileiros. Também fui em algumas igrejas batistas, evangélicas e católicas buscando estar presentes em espaços de socialização que fazem outra parte importante do meu conhecimento sobre a experiência de mobilidade dos brasileiros. Assim, eu tive a oportunidade de entrevistar, observar e acompanhar a vida de estudantes brasileiros nas faculdades de medicina e na vida em Rosário.

Para a escrita, a proposta é que o texto acompanhe o caminho percorrido por esses estudantes. O primeiro capítulo é uma contextualização do fluxo de brasileiros que buscam formação médica na Argentina, iniciando pelo cenário da educação médica no Brasil. Abordarei as barreiras de acesso ao ensino superior e o papel dos conselhos profissionais na manutenção de um perfil hegemônico, contrastando-o com o perfil sociodemográfico dos estudantes que migram para Rosário.

No segundo capítulo, exploro o sonho como projeto a partir de Gilberto Velho (1994, 2008), analisando tanto o ideal humanitário da profissão quanto sua dimensão como estratégia de ascensão social, além dos significados simbólicos construídos através de rituais em uma comparação do Brasil e da Argentina. Em seguida, desenvolverei uma análise sobre as vivências desse projeto pelas experiências de aprendizado, destacando as contradições do acesso irrestrito

---

<sup>9</sup> Os registros que tenho foram feitos em um caderno de campo que me acompanhou em todas as entrevistas. Quando autorizado por meus interlocutores, também fiz gravações de áudios que foram transcritos posteriormente. Também registrei a pesquisa de campo por fotografias de lugares e coisas que considerei importante para as análises.

nas universidades argentinas e os desafios de adaptação às metodologias argentinas. A vida universitária é uma fase importante do projeto construído pelos estudantes de medicina.

Em seguida, o terceiro capítulo se debruça sobre as “relacionalidades” estabelecidas pelos estudantes em Rosário. Em um primeiro momento, analisarei as relações entre estudantes que se baseiam em uma troca de informações e apoio mútuo. O outro conjunto de relações é entre os estudantes e suas famílias no Brasil, com foco na categoria “apoio”, que tem sentido afetivo e financeiro. A partir destes vínculos, articularei as teorias migratórias com as autopercepções dos estudantes para entender a experiência e o contexto político argentino recente, incluindo as possíveis implicações das políticas das políticas para estrangeiros do presidente argentino Javier Milei - cujo mandado teve início em dezembro de 2023 -, assim como os casos de discriminação, fechando com uma reflexão sobre as relações Brasil-Argentina nesse processo. Essa estrutura permitirá conectar as trajetórias individuais aos processos sociais mais amplos que caracterizam esse fenômeno.

Assim, ao percorrer a trajetória dos estudantes brasileiros de medicina em Rosário, este trabalho busca não apenas mapear suas motivações, vivências e redes de apoio, mas também revelar como suas jornadas individuais refletem dinâmicas sociais mais amplas. Como argumentarei, este movimento é resultado de desigualdades do acesso à educação superior no Brasil e aspirações profissionais para seguir a carreira médica. Ao articular sonhos, estratégias e deslocamentos, a análise propõe um olhar crítico sobre a mobilidade acadêmica revelando um fenômeno construído por outras vias.

## **1. MEDICINA NO BRASIL E A BUSCA POR NOVAS POSSIBILIDADES**

Neste capítulo pretendo desenvolver uma contextualização sobre o fluxo de brasileiros que vão estudar medicina em Rosário, na Argentina. Meu objetivo é analisar a experiência dos estudantes, destacando as motivações por trás desse movimento, considerando principalmente a centralidade da profissão médica e o contexto de formação superior em comparação com o Brasil. Além disso, busco explorar o impacto desse fenômeno tanto para os estudantes brasileiros quanto para a cidade de Rosário, avaliando aspectos econômicos, sociais e educacionais. A partir dessa investigação espero contribuir para um melhor entendimento das dinâmicas migratórias estudantis no contexto latino-americano.

Para pesquisar mobilidades, é importante entender dois aspectos fundamentais: a partida e a chegada. Essas categorias acompanham os estudos de fluxos migratórios desde seus primórdios. Sayad (1998) é um autor de referência neste debate quando inova ao refletir que partida e chegada devem ser analisadas a partir de um ponto de vista sistêmico e interligado. O processo de imigração para o autor é, portanto, marcado pela ausência e pela presença. Esta perspectiva posteriormente culminará nas teorias das migrações transnacionais, que dizem que quem está em fluxo pode estar nos dois lugares – dissolvendo essa oposição entre partida e chegada como pontos estanques.

Somando a tais perspectivas, pretendo, neste capítulo, analisar os processos de saída do Brasil, observando o contexto que mobiliza o fluxo de meus interlocutores de pesquisa para outros países. Nesse sentido, planejo apresentar a formação e o sistema de educação superior no Brasil e o campo médico. Conectada a essa realidade brasileira seguimos para uma reflexão sobre a chegada dessas pessoas ao seu destino. Para compreendermos tais contextos de chegada, apresentarei dois aspectos sobre o perfil dos estudantes: quem são e quais as condições necessárias para se deslocar.

Concomitantemente, compreender a chegada é vital, pois significa entender as características da cidade de Rosário, o contexto de suas faculdades de medicina e como a presença brasileira começa a ser estabelecida. Rosário está localizada ao norte de Buenos Aires e sua economia envolve principalmente o escoamento da produção agropecuária. Seu porto é o maior da Argentina, sendo rota de 80% da produção agrícola. É essa produção que promoveu o surgimento de uma elite intelectualizada que investiu no financiamento da primeira faculdade de medicina de Rosário, hoje parte da Universidade Nacional de Rosário (UNR). Essa contextualização é importante por mostrar a formação histórica do ensino de medicina na cidade. Atualmente, os brasileiros ocupam as regiões centrais e mais próximas das universidades e essas mudanças também são percebidas pelos argentinos.

A escolha por Rosário, para cursar medicina, se consolida pelos campos de possibilidades percebidos por estes brasileiros. A formação médica no Brasil se torna inviável pelo acesso ao

ensino superior público, devido à alta concorrência dos vestibulares, e, por outro lado, devido ao alto custo de universidades privadas. Comparativamente, tanto com outros países, quanto com outras cidades argentinas, Rosário se destaca por ser uma cidade mais interiorana com um custo de vida mais baixo. Esta decisão é, portanto, uma escolha comparada. Neste processo também existem agências que se apresentam como assessorias estudantis, que divulgam e vendem serviços intensificando o fluxo de brasileiros, através de auxílios burocráticos para iniciar os estudos nos cursos de medicina.

A mobilidade para a Argentina é parte de um fluxo maior em um contexto da América do Sul, considerando também os fluxos para a Bolívia, Paraguai e Argentina. No Paraguai, a pesquisa de Webber (2018, 2021), em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, destaca a relação de fronteira no fluxo de estudantes que moram no lado brasileiro e fazem a travessia para cursar medicina. Em relação a Bolívia, a pesquisa de Rodrigues (2013) sobre brasileiros formados em universidades de Santa Cruz de la Sierra e Cochabamba analisa a inserção profissional e o retorno desses profissionais ao país de origem. Embora esses destinos compartilhem desafios como adaptação cultural, distância familiar e pressão para validar o diploma no Brasil, eles representam uma alternativa viável para concretizar o sonho da formação médica, evidenciando tanto as disparidades educacionais brasileiras quanto as novas dinâmicas da internacionalização do ensino superior e das estratégias familiares de mobilidade social. Na Argentina, as mobilidades me pareceram ser um caso interessante para análise por ser uma migração sem a característica de ser fronteiriça e por ser um fluxo mais recente.

### **1.1 Partindo do Brasil: o Campo Médico e o Ensino de Medicina**

A formação médica no Brasil normalmente inclui seis anos de faculdade de medicina, seguidos por residência médica em uma especialidade. De acordo com a Demografia Médica Brasileira de 2023<sup>10</sup>, “o estudante de medicina no Brasil é majoritariamente branco, do gênero feminino, com idade entre 19 e 24 anos, faz a graduação em instituições privadas e cursou o ensino médio também em escolas particulares” (p. 114, 2023). Os números apresentados pelo relatório revelam que, no ano de 2019, os ingressantes de medicina no Brasil que estudaram o ensino médio em escolas privadas representam 70,2% do total e 69,7% se autodeclararam brancos.

Uma primeira categoria a ser destacada sobre esse perfil é a classe social e quais são as condições financeiras necessárias para ser um estudar medicina. Entre 2013 e 2022 houve a maior expansão do quantitativo de vagas totais de cursos de medicina no Brasil. O número de vagas

---

<sup>10</sup> O estudo é realizado pela Associação Médica Brasileira (AMB) em parceria com a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP)

passou de 16.818 em 181 cursos em 2010, para 41.805 vagas em 389 cursos no ano de 2023. Essa expansão se concentrou no ensino privado, especificamente concentrada em algumas regiões do Brasil, o que não promoveu uma democratização do acesso para a maior parte da população. Dessa maneira, dentro deste total de vagas de medicina, 32.080 vagas são de instituições privadas.

A Demografia Médica de 2023 destaca ainda a potencialidade lucrativa da abertura de cursos de medicina. De acordo com o levantamento realizado pelo Escolas Médicas, a mensalidade média de faculdades médicas privadas ativas em 2022 era de R\$ 9.044,921, o equivalente a quase 8 salários mínimos no país, e a receita potencial dos cursos de medicina foram estimados em R\$20,9 bilhões em seis anos de duração dos cursos. No caso das universidades públicas, pelos números apresentados não houve um aumento significativo das vagas e, ainda assim, mais da metade de suas vagas são ocupadas por estudantes que cursaram o ensino médio em escolas privadas<sup>11</sup>, o que revela também um perfil socioeconômico específico.

No caso de universidades particulares, os estudantes brasileiros de medicina descrevem as impossibilidades de pagar integralmente pela faculdade. É importante destacar que no Brasil existem dois programas de acesso ao ensino superior privado: o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES). O ProUni<sup>12</sup> é um programa do Ministério da Educação criado em 2004 pelo ministro Fernando Haddad que concede bolsas integrais ou parciais de até 50% para faculdades privadas. As condições para participar é que o candidato deve ter renda familiar bruta de até 1,5 salário mínimo por pessoa para bolsa integral e 3 salários mínimos para bolsas parciais. Além disso, o estudante deve ter cursado o ensino médio em escola pública ou escola particular como bolsista.

No caso do FIES<sup>13</sup>, a descrição no site oficial do governo é de que “o programa financia até 100% do valor dos encargos educacionais cobrados pelas instituições de ensino com adesão ao Fundo, de acordo com a renda familiar mensal bruta do estudante e do comprometimento dessa renda com o pagamento da mensalidade”. De acordo com o edital do FIES de 2025, podem se inscrever estudantes com renda familiar mensal bruta per capita de até 3 (três) salários mínimos. Dentre as vagas, metade são “vagas Fies Social” para estudantes renda familiar per capita de até 0,5 (meio) salário-mínimo inscritos (R\$759,00) no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal – CadÚnico. Todavia, existe um valor determinado para os financiamentos de mensalidades de acordo com o curso, sendo que para medicina, o teto das mensalidades financiadas

<sup>11</sup> No ano de 2019, os estudantes egressos do ensino médio privado ocuparam 51,5% das vagas de universidades públicas e 77,3% das vagas das universidades privadas (DEMOGRAFIA MÉDICA, 2023).

<sup>12</sup> Informações obtidas através da página <https://acessounico.mec.gov.br/prouni>

<sup>13</sup> Informações disponíveis em <https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/financiamento/fies>

é até R\$10.000,00. Uma reportagem do jornal *Globo*<sup>14</sup>, apresentou o caso de estudantes que precisam complementar o valor das parcelas pagando cerca de 2 mil reais mensalmente, mesmo com os benefícios do programa.

No caso das universidades públicas brasileiras, as vagas disponíveis não acompanham a demanda. O sistema de ingresso é através de uma prova classificatória, tradicionalmente conhecido como vestibular. De acordo com o levantamento histórico feito por Oliveira e Antonello (2022), o sistema de provas para a entrada no ensino superior foi criado em 1911 pelo aumento do número de interessados para além da quantidade de vagas disponíveis. Até então, as avaliações eram apenas eliminatórias, mas pelo “problema de excedentes”, durante o governo militar brasileiro, foi criado o critério classificatório (OLIVEIRA; ANTONELO, 2022). Assim, se conformou um sistema de provas em que cada instituição aplicava uma avaliação própria de maneira descentralizada.

A partir de 2010, o governo federal implementou o Sistema de Seleção Unificada (Sisu). Os interessados em qualquer localidade do Brasil podem realizar a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e acompanhar, através de uma plataforma online, colocando sua preferência de vagas e instituições. As vantagens apresentadas pelo governo são destacadas por Almeida et al (2017) em uma dupla articulação: para as instituições de educação, significaria a diminuição de vagas ociosas e um aumento da diversidade estudantil especialmente em relação a origem geográfica; para os estudantes, uma inclusão social maior pela possibilidade de concorrer a vagas em todo país. Nos dois âmbitos, a redução dos custos foi apontada como um aspecto positivo, ou seja, para instituições diminuiria os gastos de elaboração e aplicação de provas e para estudantes, as despesas de inscrição. Em relação à inclusão social, a articulação do Sisu com a lei de reserva de vagas (Lei nº 12.711/2012) para egressos de escolas públicas e autodeclarados pretos, pardos, indígenas e quilombolas e por pessoas com deficiência também é essencial na democratização do ensino superior no Brasil, devido à diversificação do corpo estudantil nas universidades públicas.

Em relação ao curso de medicina, é a graduação que possui a maior concorrência e, de acordo com o Ministério da Educação (MEC)<sup>15</sup>, foram 298.316 inscritos para uma oferta de 5.733 vagas em instituições federais no ano de 2024. Os meus interlocutores de pesquisa descreviam esse contexto e a dificuldade para ser aprovado nas universidades públicas. Um discurso compartilhado entre os brasileiros é de que “só consegue estudar medicina no Brasil quem é rico”. Para conseguir ser aprovado no vestibular das universidades públicas, os brasileiros consideram que é preciso ter

<sup>14</sup> <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2025/02/06/criado-para-publico-de-baixissima-renda-fies-social-cobra-mais-de-r-2-mil-por-mes-em-cursos-de-medicina-de-social-nao-tem-nada-diz-aluna.ghtml>

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/fevereiro/sisu-2024-teve-mais-de-239-mil-aprovados>

estudado nos melhores colégios particulares e, ao mesmo tempo, ter uma família para apoiar financeiramente os anos de estudos de cursinho. Além disso, considerando a idade dos ingressantes de medicina é estimada que a média de tempo de preparação são 3 anos após o fim do ensino básico. Era comum que os estudantes também compartilhassem histórias e perspectivas sobre aprovados depois de muitos anos de preparação.

A partir desse contexto de formação e ensino da medicina, é possível concluir que as políticas públicas de acesso ao ensino superior não são suficientes para garantir a admissão de um perfil de médicos mais diverso. Sobre as relações entre raça e gênero, Rosana Castro (2022) destaca que, em contraste com as transformações de gênero na profissão, a predominância racial branca da medicina é persistente<sup>16</sup>. É, nesse sentido, que Castro (2022) considera que

no Brasil, o campo médico pode ser caracterizado, em termos gerais, por sua dupla articulação do racismo e da branquitude. A participação negra é reduzida e o exercício da profissão é considerado inadequado ou impróprio para pessoas negras; ao mesmo tempo em que o ofício se estabelece como ocupação não só majoritariamente branca, como simbolicamente pré-destinada exclusivamente a esse grupo racial. (CASTRO, 2022, p.7)

Essa dupla articulação se revela pelo perfil de formação no ensino superior, mas também por movimentação dos conselhos profissionais de medicina. A classe médica brasileira se posiciona contra diversas políticas de ações afirmativas, para preservar sua hegemonia. O posicionamento mais recente do Conselho Federal de Medicina (CFM) foi contra cotas para residência médica. Em 2024, a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) lançou o edital do Exame Nacional de Residência (Enare) com reserva de 30% das vagas para negros, indígenas, quilombolas e portadores de necessidades especiais. A nota publicada pelo CFM afirma que desigualdades já foram “equalizadas” pelo acesso ao ensino superior e que os registros médicos já garantem uma igualdade (CFM, 2024). O posicionamento vai além, afirmando que é um mecanismo que vai causar uma “discriminação reversa” e a seleção de residências precisa defender o mérito acadêmico de conhecimento (CFM, 2024).

O segundo contexto que merece ser explorado são os posicionamentos sobre a presença de médicos formados no exterior. No caso dos brasileiros, essa conjuntura foi muito associada a

<sup>16</sup> A antropóloga desenvolveu a sua pesquisa de campo acompanhando a condução de protocolos em uma clínica, em que foi exigido o uso de jaleco para circulações nos espaços. Ao contrário de outras pesquisas do campo da antropologia da saúde, associações estabelecidas entre a pesquisadora e uma médica não aconteceram revelando hierarquias raciais e de gênero dentro do campo da saúde. O artigo de Rosana Castro (2022) também traz reflexões importantes sobre as análises antropológicas que normalizaram certas relações raciais. Para os propósitos dessa dissertação, destaquei as análises sobre o campo médico, mas considero que as reflexões do fazer antropológico em campo também são fundamentais.

chegada de médicos cubanos pelo Programa Mais Médicos, lançado em 2013. Em agosto daquele ano, a chegada de médicos cubanos no aeroporto de Fortaleza foi vaiada em uma manifestação de profissionais da medicina sob gritos de “Revalida” e “Escravos”<sup>17</sup>. Castro (2022, p.5) aponta que “os protestos ganharam proporção nacional, com apoio de órgãos de classe como o Conselho Federal de Medicina e a Associação Médica Brasileira, e marcaram resistências e conflitos relativos a diferentes aspectos da implementação do programa voltado à ampliação da distribuição de médicos pelo país”.

O discurso utilizado foi questionar a formação desses profissionais e a falta de exigência de revalidação de diplomas e que médicos cubanos seriam submetidos a condições de trabalho precários com parte do pagamento de seus salários enviados ao governo cubano. Entretanto, o que os profissionais de Cuba que participaram do Mais Médicos relataram é que atuaram movidos por um sentimento de solidariedade, em regiões onde os médicos brasileiros são mais ausentes (CÁRDENAS, 2019). Tendo desenvolvido a pesquisa sobre a integração sociocultural de Médicos Cubanos no Brasil, Cárdenas (2019) conclui que estes profissionais criam laços profundos com as comunidades brasileiras, especialmente nas regiões interioranas.

Por esta perspectiva, é possível considerar que as desigualdades do perfil profissional da medicina se sustentam por um conjunto de fatores. O primeiro destes envolve o acesso ao ensino superior no Brasil, considerando que a expansão de vagas e faculdades se concentrou no ensino privado. As altas mensalidades são uma barreira para a entrada da maior parte da população brasileira e se tornou um negócio lucrativo. Ao mesmo tempo, as políticas de acesso ao ensino superior são insuficientes para garantir a entrada e a permanência nas universidades públicas e um perfil mais diverso.

Para além da admissão ao ensino superior, é preciso considerar que existe um segundo conjunto de fatores que se torna uma barreira para um perfil mais diversificado do médico no Brasil: as articulações políticas dos profissionais da medicina. Esse aspecto tem uma relação histórica com a formação do campo médico no país, que foi analisado por Edmundo Coelho no livro “Profissões Imperiais” (1999). As primeiras universidades em território brasileiro foram inauguradas a partir do século XIX com a chegada da Família Real, momento importante de construção de um Estado Brasileiro (COELHO, 1999). Até então, uma pequena elite se locomovia para a Europa em busca do ensino superior (COELHO, 1999). A prática médica no Brasil era

---

<sup>17</sup> Para notícias sobre o caso, ver notícia da Folha <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/08/1333042-vamos-para-onde-os-brasileiros-nao-vao-diz-cubano-vaiado-por-medicos.shtml> Entre os médicos que desembarcaram naquele dia, Juan Delgado se tornou um símbolo e foi convidado posteriormente por Dilma Rousseff para um pedido de desculpas públicas e foi entrevistado nesta reportagem <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2013/12/23/cubano-vaiado-por-brasileiros-e-o-simbolo-do-programa-mais-medicos.htm>

marcada pela precariedade com poucos profissionais formados e muitos curandeiros e boticários. Em 1829, foi fundada a Academia Imperial de Medicina que passou a legitimar o saber médico padronizando procedimentos de saúde e combatendo práticas alternativas. Ainda de acordo com Coelho (1999), o grupo ocupava uma posição privilegiada social e economicamente em relação a outras profissões na sociedade brasileira e as diferenças também refletiam fatores como conexões políticas, clientela abastada e cargos públicos acumulados.

De certa maneira, a posição ocupada por médicos brasileiros representa uma permanência de dinâmicas e articulações políticas da profissão. Assim, a defesa de uma formação regulamentada no Brasil e do registro de seus médicos, o posicionamento contra políticas públicas de democratização do acesso a saúde como o Mais Médicos representa a manutenção de privilégios e exercício da profissão por um grupo muito específico.

## 1.2 O Estudante Brasileiro: trajetórias, experiências e motivações

Assim como em outros fluxos de mobilidade, existe um discurso sobre o sonho, os planos futuros e as trajetórias para alcançar estes objetivos. Da mesma maneira, não existe um perfil único para descrever todos esses brasileiros, mas pretendo apresentar características gerais sobre os estudantes de medicina oriundos do Brasil em Rosário. A proposta de Santos e Catalano (2023) na pesquisa sobre os brasileiros estudantes de medicina em Buenos Aires foi desenvolver perfis relacionando com suas trajetórias educacionais em relação ao vestibular. Dessa maneira, fazem uma divisão em três grupos: brasileiros que se dedicaram à aprovação em uma universidade pública brasileira por algum período de tempo; os que se matricularam em outro curso em paralelo enquanto seguiam com o desejo de cursar medicina; por fim, os brasileiros que já consideraram o vestibular como muito difícil e nem tentaram fazer a prova (SANTOS; CATALIANO, 2023).

As trajetórias dos brasileiros em Rosário são muito semelhantes. Em todas as entrevistas e conversas que tive, os estudantes sempre descreviam as impossibilidades de cursar medicina no Brasil como o principal motivo para ter optado por faze-lo na Argentina. Os alunos descreviam suas trajetórias de mobilidades relacionando com o sonho de ser médico. Este sonho se relaciona, por um lado, com um sentimento humanitário de “salvar vidas”, e por outro com uma perspectiva de ascensão econômica. O deslocamento para a Argentina envolve em primeiro lugar a dificuldade do acesso aos cursos de medicina no Brasil. Entretanto, existem características importantes sobre o perfil de brasileiros: condições socioeconômicas, raça, gênero, sexualidade, idade e lugar de origem. Como estratégia de análise e discussão, me apoio no método utilizado por Martes (2000) de criar segmentações em casos baseados em interlocutores que conheci.

Assim, imagine um jovem de 17 anos que veio do interior do estado do Rio de Janeiro e fez o processo de emancipação antes de se mudar para a Argentina. Por outro lado, considere um jovem de 23 anos que fez 5 anos de cursinho em Fortaleza para ser aprovado em medicina. Depois de mais um resultado negativo no vestibular, decidiu ir para Rosário por conta da amiga de uma prima que estava estudando na cidade. Uma técnica de enfermagem que trabalhou durante o período da pandemia e, percebendo a forte hierarquia dentro de hospitais e sistemas de saúde, decidiu que queria fazer mais e seguir o sonho de fazer medicina. Um advogado que, frustrado com o mercado de trabalho na sua área, decide seguir uma carreira diferente e opta pela carreira médica. Uma mulher de 40 anos casada e com dois filhos em idade escolar se muda com a família. Ela acredita que Rosário é uma boa oportunidade para seguir o sonho de ser médica e, ao mesmo tempo, proporcionar uma vida tranquila para a família. Esta mulher divide o tempo de dedicação à faculdade com um trabalho de meio período em um salão de beleza para complementar a renda do trabalho do marido, que importa produtos para um mercadinho brasileiro. Uma senhora, aposentada do serviço público no Brasil, decide ir para a Argentina para ajudar o filho mais novo com os cuidados da casa e comida. Depois de um tempo morando na cidade, prezando por uma independência e um sentimento de que pode fazer muito mais com seu tempo, decide fazer o processo de matrícula na faculdade de medicina.

Todos estes brasileiros estudantes de medicina podem se encontrar em uma sala de aula, pelos corredores da Faculdade de Ciências Médicas ou nos comércios de brasileiros<sup>18</sup> da região de Rosário. Entre mensagens trocadas em grupos de *whatsapp* solicitando indicações de serviços ou dicas da cidade, são estabelecidas relações entre essas pessoas. Ou, ainda, ter contratado a mesma empresa de assessoria para realizar o processo de documentação para a sua mobilidade. Contextualizo essas comparações para dizer que me deparei com uma diversidade demográfica e socioeconômica que compõe o grupo de “brasileiros estudantes de medicina”.

A pesquisa estatística de Freitas (2021) sobre estudantes de medicina na Argentina aponta uma maioria de estudantes de perfil socioeconômico intermediário. Ao mesmo tempo em que não se enquadram nas condições para participar de programas de acesso ao ensino superior como o ProUni e o FIES, também não possuem condições financeiras para custear mensalidades das faculdades de medicina privadas brasileiras. Entre todos os meus interlocutores, existe uma opinião

<sup>18</sup> Defino os “comércios de brasileiros” como os serviços prestados por brasileiros para brasileiros. Em geral, encontrei mercados de venda de produtos brasileiros, salões de beleza brasileiros, restaurantes e bares de comida brasileira, serviços de limpeza de casas e cuidados de crianças. Em todos os casos que me deparei, a formação destes comércios também se relaciona com o fluxo de estudantes brasileiros na cidade para estudar medicina. Alguns comerciantes brasileiros chegaram na cidade como estudantes e abandonaram o curso posteriormente ou são familiares de estudantes que se mudaram para a região como cônjuges, pais ou parentes. De certa maneira, as assessorias estudantis também podem ser classificadas por esta categoria de “comércio de brasileiros”.

de que o ensino da medicina no Brasil é elitzado e inacessível. Este perfil apontado por Freitas (2021) faz sentido por abranger aspectos importantes sobre as condições financeiras dos brasileiros em Rosário. Os estudantes que conheci estabeleciam uma comparação monetária entre os dois países, concluindo que existe uma vantagem comparativa.

A segunda vantagem comparativa é sobre o custo de vida mais baixo em Rosário, que em relação a outras cidades argentinas, especialmente Buenos Aires, era apontado como um dos fatores de escolha pela localidade. Uma reportagem da *Folha de São Paulo*<sup>19</sup> sobre brasileiros em Buenos Aires demonstra o crescimento a partir de 2015 e apresentava uma estudante brasileira que recebia 6 mil reais para estudar medicina na capital argentina. Meus interlocutores, em Rosário, falavam que um dos motivos determinantes para morar em Rosário era o custo de vida mais baixo quando comparado com Buenos Aires e suas despesas mensais variavam entre 2 mil e 5 mil reais para viver na cidade, destacando que os alunos das universidades particulares ainda têm o custo das mensalidades.

Os gastos para os brasileiros incluem principalmente aluguel, transporte e alimentação. Os tipos de moradia variam: **residências estudantis, monoambientes**<sup>20</sup> ou apartamentos com mais quartos divididos entre diferentes pessoas. Em sua pesquisa sobre brasileiros estudando medicina em Rosário, Oliveira (2021) destacou as dinâmicas de moradia da cidade e as exigências para conseguirem assinar o contrato de aluguel. A cidade passou por um aumento da demanda por moradias para universitários, de diversas nacionalidades, aumentando assim a construção de apartamentos pequenos no centro e na região mais próxima às universidades. Para conseguir assinar o contrato, deveriam arcar com um “**depósito de garantia**”, porém o desconhecimento sobre legislações e contratos se torna uma dificuldade para os recém-chegados (OLIVEIRA, 2021). Na minha pesquisa, muitos brasileiros destacavam uma mudança recente do arcabouço legal argentino<sup>21</sup> que permite reajustes a cada 3 meses de acordo com a inflação e pode ser que seja que “você assine um contrato sem saber quanto vai estar pagando nos próximos 6 meses”. Além disso,

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/03/numero-de-brasileiros-quintuplica-em-7-anos-e-transforma-faculdades-de-medicina-na-argentina.shtml>

<sup>20</sup> Na Argentina, um *monoambiente* é um tipo de imóvel residencial caracterizado por ter um único cômodo que integra quarto, sala e cozinha em um mesmo espaço, geralmente com o banheiro separado. É o equivalente ao que em alguns países se chama de *kitnet* ou *estúdio*. Esse tipo de moradia é bastante comum em áreas urbanas, onde há grande demanda por espaços pequenos e funcionais, voltados principalmente para estudantes, jovens profissionais ou pessoas que moram sozinhas. Em Rosário, existe um aumento de imóveis deste tipo nas regiões centrais da cidade e próximas das faculdades.

<sup>21</sup> A Lei de Aluguéis argentina (Ley 27.551/2020) impunha regras rígidas, como contratos mínimos de 3 anos e a possibilidade de reajustes anuais indexados à inflação. A partir de 2023, Javier Milei instituiu um Decreto de Necessidade e Urgência (DNU) revogou algumas destas medidas pela crise econômica em dezembro de 2023, permitindo livre negociação entre locadores e inquilinos sobre prazos (sem mínimo obrigatório), moeda (dólares ou pesos) e reajustes sem indexação estatal.

como colocado por Oliveira (2021) é comum que alugueis sejam cobrados em dólares americanos, prática tornada comum pela instabilidade da economia do país<sup>22</sup>.

Em relação ao deslocamento, a Argentina utiliza um sistema de transportes nacional através de um cartão azul chamado “SUBE”. Assim que cheguei na cidade, consegui comprar um cartão em um pequeno mercado, os *kioscos*, que era também onde recarregava os créditos. No caso dos estudantes, todos aqueles matriculados em universidades de Rosário têm quatro passagens gratuitas por dia. A maioria dos contatos que estabeleci moravam em regiões próximas à faculdade ou no centro de Rosário, com hábito de caminhar pela cidade. Sobre a alimentação, os discentes da universidade pública têm acesso ao *comedor*, o restaurante universitário. No período em que estive na Argentina, o valor do almoço era 500 pesos para os estudantes da universidade pública. Na cotação daquele momento, 1 real brasileiro equivalia 220 pesos, ou seja, o almoço era aproximadamente 2 reais. Para o público externo de não estudantes, o valor do almoço era 1500 pesos. Os restaurantes têm um sistema de marcação de horários por um sistema próprio da universidade com vagas limitadas para cada 30 minutos. Fiquei curiosa sobre o funcionamento dos restaurantes universitários e um dia almocei em um com uma interlocutora. Percebi que as filas de lá para o almoço não costumam ser tão grandes quanto no Brasil. O cardápio é composto por comidas argentinas, e no dia que fui comer era uma milanesa, frango empanado e uma salada de cenoura com beterraba. Outra diferença em relação aos restaurantes brasileiros é que é possível buscar a comida para levar pagando uma taxa para a embalagem de 200 pesos ou entregando um pote próprio. Além dos restaurantes, muitos cozinhavam em casa, principalmente nos dias que não tinham aula. Os discentes das universidades particulares pagam mais caro nos restaurantes universitários, mas também possuem o benefício do transporte público gratuito.

De acordo com os meus interlocutores, o valor das mensalidades havia aumentado, sendo que Universidade Abierta Intramericana (UAI) justificou o ajuste de preços para acompanhar a inflação. Durante o período de minha pesquisa de campo as mensalidades estavam cerca de 4 mil reais. Os estudantes apontam que a soma do valor das mensalidades e os custos para viver em

<sup>22</sup> A economia argentina mergulhou num ciclo vicioso de crises a partir da segunda metade do século XX, marcado por colapsos econômicos recorrentes, como a hiperinflação dos anos 1980 e o fim do regime de conversibilidade em 2001, quando se rompeu a paridade peso-dólar (1:1). Esse episódio desencadeou uma crise sem precedentes: o país declarou moratória, implementou o congelamento de depósitos bancários e revelou a insustentabilidade de um modelo cambial rígido após anos de endividamento crescente. Esses problemas estruturais como o déficit fiscal e nas transações correntes, políticas monetárias inconsistentes e dependência excessiva de commodities, não apenas persistiram como se agravaram após a crise pós-pandemia, perpetuando a instabilidade econômica argentina. Particularmente, em 2023 houve uma seca severa no país impactando diretamente as exportações e os resultados das contas externas. O ajuste fiscal recente logrou reduzir índices de inflação, mas o custo social foi elevado, a pobreza atingiu 52,9% da população no primeiro trimestre de 2024. O nível de atividade econômica mensal, medida pelo instituto nacional de estatísticas (INDEC) caiu 11 pontos percentuais entre janeiro de 2023 a abril de 2024. O consumo das famílias refletindo o agravamento das condições do mercado de trabalho e renda real das famílias reduziu-se em 4,2% no ano de 2024. (GIAMBIAGI; TIZIANI, 2025)

outro país ainda são mais baixos do que o valor das mensalidades de faculdades particulares do Brasil.

Entretanto, um destaque que merece ser feito é a comparação entre o custo de vida atual e o mesmo valor quando chegaram na Argentina. Pedro, que estava cursando o quarto ano, relatou que, assim que começou a faculdade, a mensalidade era 900 reais. Além disso, ele compartilhou comigo que viver em Rosário 5 anos atrás com R\$1000 era o suficiente para “viver bem”, ou seja, pagar o aluguel, todas as contas e ainda conseguir sair nos finais de semana. Atualmente, Pedro conta que esse valor não é o suficiente nem para pagar aluguel. De fato, pelo trabalho de Oliveira (2021), que realizou sua pesquisa de campo em 2020, relatou o caso de um entrevistado que recebia remessas da família no valor de R\$800,00, pagando R\$500,00 de aluguel e o restante sendo suficiente para “viver tranquilamente”. O aumento do fluxo de brasileiros para a Argentina se intensificou a partir de 2015 por causa de um período em que a cotação tornava os preços mais favoráveis. Atualmente, a crise econômica prolongada começa a afetar o poder de compra dos brasileiros, apontando a perda de 40%.

Entre os estudantes que conheci na Argentina, quase todos recebem ou já receberam algum valor da família no Brasil. Em alguns casos, o valor recebido dos parentes não é suficiente para custear todas as despesas e por isso desenvolvem algumas estratégias para conseguir se manter. Primeiramente, antes de vir para o Brasil, muitos começam fazendo uma poupança para custear o período que viveriam para a Argentina. Conheci estudantes que trabalharam em profissões diversas como técnicos de enfermagem, atendente de telemarketing, atendente em estabelecimentos comerciais e outras ocupações para conseguir custear a mobilidade. Outros já possuíam alguma formação superior obtida no Brasil e é esta atuação que permitiu fazer uma poupança para se manter no país. Para alguns, a formação era muito diferente da medicina, como arquitetura ou direito, e só exerceram a profissão no país de origem por um período curto para possibilitar o fluxo para a Argentina. Em outros casos, conheci nutricionistas e psicólogos, profissões dentro do campo da saúde, que, pela possibilidade de trabalhar a distância, seguem trabalhando de forma autônoma conciliando os horários de ofício e os períodos de provas e avaliações.

Outros estudantes que trabalham com escalas fixas relataram somente ser possível assumir este tipo de emprego enquanto não estão no ciclo de práticas médicas, cujo início é a partir do quarto ano. Conheci dois estudantes que falaram sobre este aspecto. O primeiro deles é Vitor que trabalhava como entregador e motoboy. Ele comprou uma moto assim que chegou na Argentina, parcelando a compra e depois de dois meses de trabalho conseguiu pagar e, a partir disso, fez uma poupança para o momento das práticas médicas. Quando o conheci, estava cursando o quarto ano da faculdade e não conseguia mais conciliar os estudos com um emprego fixo, porém continuava

fazendo entregas esporadicamente. O segundo caso é o de Gustavo que trabalhava em uma copiadora durante o período da tarde. Ele me explicou que o principal objetivo era conseguir juntar dinheiro para se sustentar a partir do ano de práticas clínicas, ao mesmo tempo em que garantia uma permanência em tempos de instabilidade e inflação.

Para complementar a renda recebida do Brasil, uma outra possibilidade de trabalho era vender serviços relacionados a estudos para a faculdade. Muitos estudantes oferecem mentorias pagas, orientando estudos e simulando provas orais; vendem resumos e materiais de estudos de elaboração própria. Alguns alunos também passam a trabalhar com assessorias estudantis, acompanhando o processo de mobilidade de outros colegas e prestando serviços de apoio sobre documentação e tradução.

No tocante a dimensão racial, muitos se consideram brancos, apenas um falou abertamente sobre ser negro em entrevista e diversos compartilharam suas dúvidas a respeito de sua identidade racial. De maneira geral, percebo que existe uma identificação por “traços brasileiros” que se relaciona com questões fenotípicas do cabelo cacheado e/ou crespo e também tom de cor de pele.

Em relação às sexualidades é importante destacar que o movimento LGBTQIA+ também tem uma presença marcante na cidade. Certo dia, encontrei uma reportagem dizendo que Rosário é a cidade “mais LGBT” da Argentina<sup>23</sup> e decidi apresentar essa questão para os interlocutores. Todos aqueles com quem conversei concordaram que a Argentina é mais progressista que o Brasil neste aspecto e me falaram que desconheciam algum caso de homofobia explícita. Na verdade, os meus interlocutores relatavam que, por causa desta abertura, muitos estudantes passavam a se sentir seguros para assumir outras sexualidades e identidades de gênero longe da família e de um contexto de muita discriminação.

No que diz respeito à idade desses brasileiros, a maior parte dos quais convivi tinha idades entre 22 e 30 anos. Por causa de trajetórias diversas, seja pelo tempo em cursinho ou por terem atuado em outras áreas, a maioria dos estudantes entende que está se formando “tarde”. Ao mesmo tempo, conheci brasileiros mais velhos que estavam realizando o sonho de estudar medicina. Um exemplo é Inácio, um senhor de 61 anos que decidiu vender seu carro e fechar uma empresa que administrava no interior de São Paulo para estudar medicina. Ele me contou que os filhos já estavam criados, casados e com filhos, então decidiu fazer o processo de mobilidade. Atualmente, Inácio está se sustentando com a renda de aluguel de um imóvel que ainda consta em seu nome e

<sup>23</sup> Na realidade, a reportagem destaca que Rosário é o melhor destino turístico LGBT e isso se relaciona com um contexto histórico mais amplo em que a Argentina foi o primeiro país da América Latina a reconhecer o casamento entre pessoas do mesmo sexo e logo depois aprovou a possibilidade de turistas se casarem na cidade [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/05/120517\\_casamento\\_gay\\_buenosaires\\_mc](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/05/120517_casamento_gay_buenosaires_mc) <https://www.lacapital.com.ar/la-ciudad/rosario-fue-elegida-el-mejor-destino-turistico-lgbt-argentina-n10151644.html>

uma complementação que seu irmão envia para a Argentina. Conheci também uma família de maranhenses em que as duas filhas estudavam medicina na cidade e os pais, que recebiam uma aposentadoria de empregos públicos no Brasil, decidiram vir para a cidade fazer o mesmo. Nesse sentido, existe um perfil de estudantes mais velhos e, em muitos casos, que recebem aposentadorias do Brasil.

Entre os alunos, há uma diversidade regional que também é valorizada entre os próprios brasileiros. Uma situação que marcou minha pesquisa foi quando Manuela me convidou para sua casa, onde estavam suas amigas, onde eu poderia aproveitar para fazer a entrevista com todas juntas. Ela me explicou que todas essas amigas moravam perto, pelo centro da cidade, e gostavam de se encontrar para “se cuidar, fofocar e não ficar só estudando”. Quando cheguei, devia ter 4 ou 5 mulheres de todas as partes do Brasil: Marcela, de Curitiba, Rafaela que era maranhense, Manuela, Natália e Bruna que eram do Rio de Janeiro e Gabriela cearense de Fortaleza. Em um certo momento, Rafaela contava uma história sobre uma roupa **fuleira** que tinha comprado. As meninas cariocas se viravam e perguntaram o que significava “fuleira”. Naquele momento, começou uma discussão sobre as diferenças regionais do Brasil e quais as palavras ou expressões usariam para falar de alguma coisa “fuleira”, que levou a falar sobre as diferenças de sotaque e diferenças culturais. Depois de um certo momento, Natália virou para mim e disse que essa é uma das coisas que mais gosta da Argentina: a possibilidade de poder conviver com gente do Brasil inteiro e que, por essa convivência, sabia que tinha muitos lugares para visitar algum dia. As outras concordaram e acrescentaram: “Quando é que eu ia imaginar que ia chegar na Argentina e conhecer todas essas brasileiras?”.

Os estudantes possuem origens muito diversas, mas de maneira geral percebo que há uma concentração das regiões Sudeste e Nordeste. No caso da migração de brasileiros para a Bolívia, Varella (2013) desenvolve a pesquisa a partir de uma cidade do Mato Grosso que faz fronteira com o país. Ainda sobre o contexto boliviano, uma outra tese de doutorado desenvolvida por Rodrigues (2015) apresenta uma concentração de brasileiros que vem da Região Norte e de estados fronteiriços com o país. Por outro lado, no caso do Paraguai existe uma prevalência de brasileiros da região Sul do país que consideram as distâncias mais próximas e preferem morar em Foz do Iguaçu para estudar (WEBBER, 2018, 2023). Esta generalização não significa que não existam brasileiros destas regiões na Argentina, mas as distâncias físicas também são um fator a ser considerado para as mobilidades nestes fluxos.

Em relação a gênero, destaco que o meu primeiro contato com os estudantes foi através da páginas em redes sociais dedicadas a divulgar a possibilidade de estudar medicina na Argentina. Esses perfis, em sua grande maioria, são administrados por mulheres, que me passaram a impressão

de constituírem a maioria dos alunos em Rosario. Entretanto, assim que cheguei na Argentina, descobri que essas páginas não eram tão representativas, pois conheci homens na mesma proporção que mulheres, mesmo tendo entrevistado mais este último grupo.

Um outro aspecto do perfil dos brasileiros é a religião, que se torna uma possibilidade de interação com a comunidade argentina. Conheci um conjunto de estudantes que se declararam cristãos e falavam sobre a igreja como um ponto de apoio importante. Outros estudantes católicos que conheci falaram que participavam de uma pastoral e eram responsáveis por um curso de catequese para crianças aos sábados de manhã. Para eles, a possibilidade de praticar o espanhol durante a catequese era fundamental. Essas considerações não pretendem ser representativos em um sentido estatístico mais amplo, mas são parte de observações de campo sobre a vida dos brasileiros que merece ser destacadas.

Em conclusão, não é possível estabelecer um perfil único para brasileiros na Argentina. Existe um conjunto de características sobre os estudantes brasileiros de medicina que apresentei nesta seção, as quais revelam uma diversidade de trajetórias, motivações e experiências. Esses aspectos destacam a complexidade desse grupo migratório, influenciado por fatores econômicos, educacionais e culturais.

### **1.3 Chegando em Rosário: a cidade do Messi, do porto e da agricultura**

Rosário é uma cidade que se localiza a 300 km ao norte de Buenos Aires, na província de Santa Fé. Historicamente foi o primeiro local onde a bandeira argentina foi hasteada no século XIX, pelo Coronel Belgrano, próximo às margens do Rio Paraná. Depois de uma pesquisa historiográfica, foi construído no mesmo local o *Monumento de La Bandera*, que é um dos pontos turísticos mais importantes e também onde acontecem comemorações e manifestações políticas da cidade. Culturalmente, Rosário ficou conhecida entre argentinos por ser a cidade de Lionel Messi e Ángel di María, dois importantes jogadores da seleção de futebol argentina, especialmente depois da vitória na Copa do Mundo de Futebol em 2022. Pela cidade, era possível encontrar referências a esses dois elementos como um adesivo com o rosto do Messi estampado com a bandeira do país e a seguinte frase *Rosário: ciudad del campeón*.

O Rio Paraná é central na formação de Rosário e para atividades de lazer dos argentinos. Na parte mais ao norte está um balneário chamado *La Florida* onde é comum ir para aproveitar um dia para nadar e tomar sol. Nessa região, também é possível pegar um barco para atravessar os rios chegando em porções de terras conhecidas como *Las Islas*, tipicamente um passeio de verão dos argentinos.

Além disso, a cidade foi marcada por uma forte migração italiana sendo conhecida também pelos sorvetes artesanais e as pizzarias. As sorveterias artesanais podem ser encontradas por toda Rosário e muitos de meus interlocutores ficaram surpresos dizendo que o argentino “toma sorvete até no frio!”. Um fato que me surpreendeu é que diversas sorveterias ficam abertas durante a noite e algumas são 24 horas. Uma vez, depois de jantar com algumas de minhas interlocutoras, fomos tomar um sorvete às 22h30 da noite de um sábado. Ao chegarmos, encontramos uma pequena fila e muitas famílias argentinas com crianças pequenas, ao que me explicaram: “É assim mesmo! Eles gostam de sorvete”.

É importante contextualizar também que é comum em cidades argentinas fazerem a *siesta*, um descanso depois do almoço que geralmente acontece entre às 14h e 16h e, por isso, o comércio e a cidade ficam abertos até mais tarde do que o horário comercial que estamos acostumados no Brasil, até as 18h. Aos poucos, vou percebendo alguns hábitos que os brasileiros vão se adaptando. Além do sorvete e de entender o tempo da *siesta*, estas interlocutoras, Natália, Laura e Giovana, me contam também sobre a “vida saudável” dos argentinos. No nosso primeiro encontro em um café perto do Monumento da Bandeira, um dos principais pontos turísticos da cidade, nós caminhamos até o parque que fica às margens do Rio Paraná. Elas falam sobre a percepção de que o argentino é mais “saudável”.

Um dos motivos apresentadas pelas brasileiras é o consumo do mate, bebida tradicional argentina preparada com as folhas secas e trituradas da erva-mate. Elas descreveram vários benefícios da bebida incluindo um efeito diurético e que ajuda na digestão, ao mesmo tempo em que tem o mesmo efeito estimulante do café. A preparação é feita pela mistura da água quente com as folhas secas em uma cuia com uma *bombilla*, um canudo de metal para filtrar e impedir que folhas se acumulem. Durante a pesquisa de campo, acabei tomando bastante mate com interlocutores brasileiros e argentinos sendo um caminho importante para a socialização. Abaixo, trago uma foto da preparação do mate com interlocutoras brasileiras em Rosário.

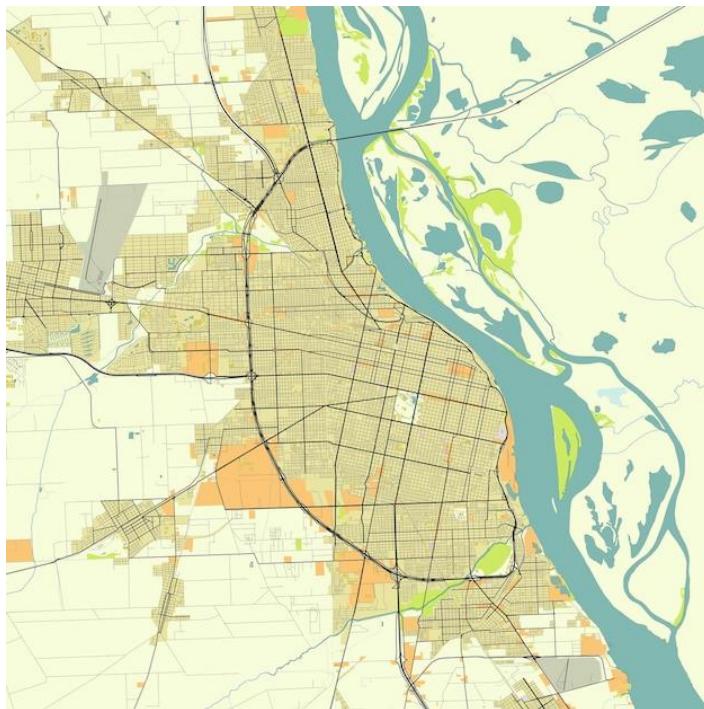
Figura 1 – Brasileiros tomando Mate Argentino



Fonte: Arquivos de campo, 2024

Sobre a cidade de Rosário, ao longo da margem do Rio Paraná também é onde estão localizadas as regiões mais abastadas e o centro da cidade. Comecei a conhecer melhor esta área caminhando pelas ruas, chamando-me a atenção o fato de a cidade ser composta por ruas paralelas e perpendiculares entre si, geralmente com um único sentido de direção. O cruzamento entre estas ruas são compostos por 100 números, onde os números pares dos endereços se localizam a esquerda enquanto os ímpares estão agrupados. Por isso, geralmente as localizações eram repassadas por referências do cruzamento entre estas ruas ou pelas duas ruas entre si. Para exemplificar melhor, o endereço que estava hospedada era San Nicolás 1243, mas como referência, poderia dizer que fica na esquina entre a San Nicolás e Mendoza ou então na *calle* San Nicolás entre a Mendoza e 3 de Febrero. O sentido da rua San Nicolás é de subida, então as outras duas ruas paralelas (Cafferata e Constitución estão no sentido oposto). Para quem é brasiliense e os endereços são dados de acordo com um plano cartesiano em uma cidade planejada, medir as distâncias e localizar endereços passou a ser mais fácil. Pela figura abaixo, é possível perceber que as ruas da cidade são formadas por paralelas e perpendiculares.

Figura 2 – Mapa de Rosário



Fonte: Samkal

A partir deste centro mais próximo ao Rio Paraná, a cidade de Rosário foi se expandindo e atualmente possui cerca de 1.337.958 habitantes de acordo com o Censo Populacional<sup>24</sup>. Além disso, existe uma extensa região metropolitana<sup>25</sup> formada por municípios próximos, sendo ao Norte Granadero, Baigorria e Ibarlucea, à Oeste Funes e Pérez e no Sul Soldini, Piñeiro e Villa Gobernador Gálvez. É importante destacar que é considerada a terceira maior cidade em termos populacionais e configura um dos maiores centros agroindustriais do país. Mesmo não sendo a capital da província de Santa Fe, é a cidade mais importante em termos econômicos e demográficos.

De acordo com a apresentação sobre a cidade<sup>26</sup>, a região concentra 46% da produção de grãos e 57% da produção de soja. Novamente, o Rio Paraná se torna importante porque também é onde se traça a rota para o escoamento dessa produção a partir de uma grande infraestrutura

<sup>24</sup> registrou uma população migrante de 32.496 pessoas, o que representa aproximadamente 2,43% do total. Os dados divulgados não diferenciam as nacionalidades destes migrantes. Existe uma mobilidade grande de haitianos e de outros países da América do Sul como Venezuela, Colômbia e Peru.

<sup>25</sup>Durante as práticas médicas, é comum que os estudantes sejam alocados para atuar em centros de saúdes nestes municípios próximos. Dentro da cidade de Rosário, os estudantes tem direito ao *boleto estudantil*, benefício que concede até duas passagens gratuitas para circular dentro da cidade. Entretanto, este benefício não é válido para além da cidade de Rosário. O valor de uma passagem de ônibus para essas cidades em setembro de 2024 era 1.500 pesos (cerca de reais pela cotação daquele momento) e o tempo do trajeto poderia variar entre 40 minutos a 1 hora e meia. Geralmente, os estudantes preferiam estar em clínicas e hospitais mais próximos. Me relataram que alguns estudantes moram nestas regiões pelo custo de aluguel mais barato, entretanto não conheci nenhum brasileiro estudante que morasse em algumas destas cidades.

<sup>26</sup> Para acessar as informações completas do Governo de Rosário, acessar <https://www.rosario.gob.ar/inicio/rosario-productiva>

portuária. Desta forma<sup>27</sup>, “mais de 80% das cargas de cereais e derivados do país são exportadas, tornando-se não apenas um dos principais mercados financeiros e de grãos da Argentina como também uma das regiões agropecuárias mais importantes do mundo”. A estrutura portuária se localiza em raio de 250 km de onde estão as produções de soja, e, em comparação com o ciclo de produção agrícola brasileira, em que a produção precisa atravessar uma grande rota terrestre para a chegada nos portos, representa uma grande vantagem. A combinação produtiva da região e o escoamento pelo porto é denominada *Gran Rosário*.

Ainda nessa apresentação sobre a cidade de Rosário, ela destaca-se como um centro tecnológico e intelectual importante para a Argentina. A cidade possui 13 Institutos do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas (CONICET), reunidos no Centro Científico Tecnológico. A Universidade Nacional de Rosario (UNR) é uma das mais importantes em nível nacional e está entre as melhores da América Latina. É importante salientar que a criação da UNR se relaciona diretamente com a Faculdade de Ciências Médicas. Em 1910, ano em que se completa o centenário da guerra por independência argentina, uma comissão foi formada por membros de uma elite intelectual de Rosário para apresentar o projeto de instituição de um hospital-escola público nos salões do Jockey Club de Rosário. É interessante pensar que esta empreitada surge fundamentada em uma visão de desenvolvimento a partir de um sentimento nacionalista<sup>28</sup>. Além disso, entende-se que a classe mais abastada teria uma função social que se relaciona com o bem estar e garantir a saúde da população. Ainda que tenha sido com o investimento privado, o Hospital Centenário e a Faculdade de Medicina são inaugurados em 1920.

A fundação da Faculdade de Medicina, que depois seria institucionalizada como Faculdade de Ciências Médicas por incluir a graduação em fonoaudiologia e enfermagem, se relaciona com a fundação da Universidade em Rosário. Inicialmente, a faculdade e o curso de medicina estavam ligados à Universidade do Litoral, localizada em Santa Fé e depois outros foram sendo criados como institutos e faculdades. Os projetos para construção de uma universidade já tinham sido apresentados, mas foi somente em 1968, devido a negociações para a elaboração da Faculdade de Direito, que foi promulgada Lei 17.987.

Em relação ao ensino médico, a Faculdade de Ciências Médicas (FCM) continua localizada na avenida Santa Fé com uma integração com um dos hospitais públicos da cidade, o Hospital

<sup>27</sup> A rota portuária de Rosário também é utilizada para o tráfico de drogas, em especial a cocaína. Por esse motivo, a cidade também é marcada pela presença de grupos de narcotráfico, que se concentram em regiões periféricas da cidade. As estatísticas sobre violência na Argentina apontam que Rosário é a “cidade mais violenta” do país. As implicações disso e a percepção brasileira sobre o tópico são explorados mais adiante no capítulo 3.

<sup>28</sup> Esse não é um caso exclusivo da Argentina e existem exemplos de universidades financiadas por milionários no mundo. Como exemplo, a Universidade de Chicago nos Estados Unidos foi fundada em 1895 a partir de uma grande doação feita por John D. Rockefeller, o milionário estadounidense que fundou a *Standard Oil*.

Centenário, com um acesso próprio pelo fundo na Avenida Urquiza. A entrada principal na frente da faculdade é uma escada central em que geralmente os estudantes se sentam nos degraus entre os intervalos das aulas. No segundo andar, é possível encontrar corredores com laboratórios de anatomia e outros com peças anatômicas expostas em potes com formol. Nestas passagens também estão algumas salas de aula e auditórios. Passando por este prédio principal, o espaço interno da faculdade é formado por gramados com bancos onde é possível encontrar grupos de estudantes conversando, estudando e tomando mate. Uma segunda estrutura da FCM são os *boxes*, salas menores em que acontecem as tutorias em turmas e também onde são aplicadas as provas orais denominadas *mesas*. Ao final desse corredor, há uma lanchonete e uma *fotocopiadora* que os estudantes utilizam para imprimir materiais do curso.

Na cidade também está localizada outras duas faculdades privadas: o Instituto Universitário Italiano de Rosário (IUNIR) e a Universidade Abierta Intramericana (UAI). O instituto italiano fica mais próximo ao centro e conta com uma estrutura própria de espaços de saúde onde os estudantes realizam a prática médica. Como interlocutores compartilharam, o pagamento das mensalidades é em dólar, além das aulas em espanhol o ensino do italiano também é obrigatório e por isso tem menos estudantes brasileiros.

Por outro lado, a Faculdade de Medicina da UAI se torna uma opção atrativa e está localizada a poucos quarteirões da UNR, na *calle* Ovidio Lagos. O prédio da Faculdade de Medicina é composto por 3 andares em que se dividem a sala de aula e laboratórios. Pedro, um interlocutor próximo, foi quem me apresentou o local, guiando entre os corredores, mostrando os laboratórios com estruturas para aulas de anatomia e também manequins e peças anatômicas de plástico para simulação de práticas na faculdade. Ele me explicou que as práticas médicas acontecem nos centros de saúde e hospitais públicos da região. Algumas aulas teóricas e os seminários com mais estudantes acontecem na sede principal da UAI, na Avenida Pellegrini. Foi Pedro quem me explicou que mora próximo à faculdade de medicina e vai caminhando para a sede nos dias que tem aula, utilizando o boleto estudantil, benefício que oferece passagens de ônibus para estudantes.

Pela proximidade da UNR e da UAI, a região mais próxima começou a ficar conhecida por receber muitos brasileiros que têm o objetivo de estudar medicina na cidade. Os estudantes geralmente moram em residências compartilhadas, em um sistema próximo às repúblicas no Brasil, ou em *monoambientes*. Assim, essa região torna-se importante para os brasileiros porque além de estudarem, também passam a procurar por apartamentos e morar próximos desta região.

Em maio de 2023, o jornal *La Capital* publicou uma matéria com a manchete “Rosario ya tiene su Mini Brasil y no para de crecer”<sup>29</sup>. A reportagem é interessante por apresentar um ponto de vista positivo de argentinos sobre os estudantes brasileiros. A comunidade de alunos do Brasil passa a ser entendida como um sinal do aumento da diversidade cultural e do crescimento da cidade. De acordo com a reportagem, “Nova York tem Little Italy e Chinatown. E como grandes centros urbanos, Rosario também tem um pequeno país em um bairro”. Além da concentração de brasileiros morando, essa zona também é marcada pelo comércio. A reportagem descreve alguns desses estabelecimentos como o bar brasileiro Vikings, localizado na esquina da Faculdade de Ciências Médicas da UNR. Na mesma rua, encontrei mercados com produtos brasileiros em localização próxima à Faculdade de Medicina.

Figura 3 – Mercado brasileiro em Rosário



Fonte: arquivo de campo, 2024

As relações estabelecidas por e pelo comércio na cultura brasileira funcionam em uma lógica que se assemelha ao contexto migratório de brasileiros nos Estados Unidos. O primeiro conjunto de lojas se relaciona com comidas, onde é comum encontrar brasileiros vendendo coxinhas e salgados, doces e confeitarias, pratos típicos como feijoada, pizzas diferenciadas (com bordas recheadas, catupiry e sabores específicos) e açaí. Também é comum encontrar vendas

---

<sup>29</sup>A reportagem oferece uma perspectiva otimista sobre a presença de estudantes brasileiros na cidade, retratando-a como um fator de enriquecimento cultural e desenvolvimento urbano de Rosário. Para acessar a fonte completa, acessar o link <https://www.lacapital.com.ar/suscriptores/rosario-ya-tiene-su-mini-brasil-y-no-crecer-n10065172.html>

de produtos brasileiros em mercados como o Mix Brasil, situado em uma esquina próxima da faculdade, ou mesmo serviços para importação de itens brasileiros. As divulgações sobre esse comércio e suas vendas acontecem frequentemente através de grupos de *whatsapp* e *facebook* chamado “Fala Rosário”. Em setembro, encontrei barracas de venda de coxinhas, brigadeiros e doces como bolo no pote e *dindin*<sup>30</sup> sendo vendidos em frente a faculdade

Além do mercado de comidas brasileiras, um outro aspecto particular é que algumas “brasiliidades” estão presentes em estabelecimentos argentinos. Em bares e restaurantes, o cardápio começa a incluir “caipirinha” feita com “cachaça”, e muitas vezes a escrita das palavras segue a escrita brasileira sem adaptações para o espanhol. No *Mercado del Patio*, conjunto de comércios a um quarteirão da faculdade, está localizada uma loja especializada em açaí. Em outra cafeteria localizada em frente a UAI, no cardápio é vendido o “PF brasileiro (Prato Feito Brasileiro), com arroz, feijão carne e salada. O prato típico do dia a dia argentina geralmente é uma *milanesa* (carne empanada com um molho de tomate com batata). Os açouges da região também incluem em seus anúncios a venda da *picaña*/picanha (encontrei as duas grafias para a palavra e por isso o destaque), corte da carne conhecido como *tapa de cuadril* para argentinos. Assim, o comércio mostra como os brasileiros têm assumido um papel importante no comércio local. Abaixo, trago uma imagem de um café argentino vendendo “pan de queso”<sup>31</sup>, uma variação do pão de queijo brasileiro.

Figura 4 – Pão de Queijo em Cafeteria argentina

---

<sup>30</sup> Essa é uma sobremesa gelada muito popular no Brasil, especialmente durante o verão. Trata-se de um suco (ou leite com sabor) congelado dentro de um saquinho plástico estreito e comprido. É consumido cortando ou rasgando uma das pontas do saquinho e chupando o conteúdo gelado e por esse motivo, em algumas regiões, também é chamado de “chup-chup”. Outra variação do nome comum para esta sobremesa é sacolé.

<sup>31</sup> O pão de queijo é um alimento tradicional do Brasil, feito com queijo e fécula de mandioca, ou polvilho, como é popularmente conhecida. Destaco que o “pan de queso” que encontrei em algumas padarias argentinas segue a mesma preparação e o formato da receita brasileira. Entretanto, vale destacar que interlocutores me contaram que, na Argentina, existe a *chipa*, “pão de queijo argentino”. A chipa é também um pequeno pão assado à base de polvilho (fécula de mandioca) e queijo que pode levar também leite, ovos, manteiga ou banha em sua receita. Geralmente, o formato da chipa não são pequenas bolas como o pão de queijo e são feitos em “palitos”. É um alimento mais comum especialmente nas províncias do nordeste como Misiones, Corrientes e Formosa, com forte influência paraguaia e guarani. Portanto, isso pode indicar que existe uma origem comum para os dois alimentos.



Fonte: arquivo de campo, 2024

Uma segunda semelhança do comércio em outros contextos migratórios de brasileiros estão relacionados à presença do setor de cuidados e limpeza. Uma forma de adentrar na economia argentina é ser cadastrado como cuidador, em que é preciso fazer um curso de especialização para poder atender pessoas idosas. Acompanhando grupos de *whatsapp* recebi anúncios de serviços de faxina e limpeza feito por mulheres. Ainda neste amplo setor de cuidados, também se enquadra os serviços de cuidados com animais domésticos e, durante o tempo que estive em Rosário, encontrei brasileiros que faziam serviços de passear com cachorros e atuavam como cuidadoras de animais.

Entre brasileiras, os salões de beleza também são espaços importantes de socialização. Rosana foi uma das interlocutoras que falou sobre esse contexto. No Brasil, atuava como técnica de enfermagem e chegou em Rosário com a filha pequena e o marido que foi estudar medicina. Assim que chegou, descobriu a possibilidade de atuar na mesma área, mas por causa da escala de trabalho optou por permanecer onde poderia ter uma flexibilidade maior de horários por causa dos cuidados com a filha. Assim, ela começou trabalhando em um salão brasileiro como manicure, mas no momento em que a conheci, ela trabalhava fazendo doces para vender em frente à faculdade de medicina. Através de Rosana, descobri que os homens brasileiros geralmente trabalham com serviços de transporte e entregas. O marido de Rosana, por exemplo, é motorista do aplicativo Uber, ajustando os horários com a faculdade.

De maneira geral, o que podemos perceber é que Rosário foi se consolidando como uma cidade marcada pela presença de brasileiros. Em 2015, o boletim estatístico da UNR revela que 894 alunos brasileiros estavam matriculados na área da saúde. Menos de dez anos depois, em 2022, o número passou para 3.645. Esses brasileiros também estão se formando e atuando no sistema de

saúde argentino. Em 2024, uma reportagem<sup>32</sup> do jornal local *La Capital* noticiou que 17% dos novos registros de médicos no país são de brasileiros. Em números, do total de 2.251 dos registros entre 2021 e 2024, os brasileiros representam 387 médicos. A matéria acompanha o aumento exponencial desses documentos que, de certa forma, também são representativos da crescente mobilidade para o país.

No contexto de saúde argentino, é preciso contextualizar que o país possui uma das razões médicas por habitantes mais altos da América do Sul, enquanto existe uma demanda por enfermeiros no país. De acordo com Observatório Federal de Recursos Humanos para a Saúde da Argentina<sup>33</sup>, em 2019, a razão era de 4,5 médicos para cada mil habitantes. Para comparação, a Organização Mundial da Saúde (OMS) relatou que a média para as Américas é de 2,33 médicos a cada mil habitantes. O acesso irrestrito ao ensino superior faz com que a procura pela formação educacional aumente também. As formas como os brasileiros descobrem a possibilidade de ir para a Argentina e as escolhas por Rosários serão analisadas na seção seguinte.

#### **1.4 Mobilidade Estudantil: Redes, Agências e o Contexto Universitário**

No contexto de migrações, é comum que sejam contratadas empresas de serviços para a travessia e documentações. Nos Estados Unidos, Margolis (1994) aponta que o caminho mais comum é que os brasileiros seguem a rota de entrada no país como turista, muitas vezes contratando serviços de agências ou despachantes para obter os documentos. Em alguns casos, as entradas são feitas por vistos falsos, passaportes adulterados e outros esquemas para a imigração clandestina, incentivados por algumas agências que lucram com o processo (MARGOLIS, 1994). A última rota, considerada a mais perigosa de acordo com Margolis (1994), são as travessias da fronteira mexicana, em que os brasileiros fazem a contratação do serviço para o transporte conhecido como “coiote”. Para a migração de haitianos, Henderson (2015) afirma que é comum fazer a contratação de um “Raketè”, pessoas que organizam as viagens clandestinas para travessia no Haiti, podendo ser de uma rede prévia de relações ou não. Um destaque feito por Henderson (2015) é que esta é também uma categoria de acusação utilizada para pessoas espertas que usa vários mecanismos e artimanhas para lucrar na informalidade ou até indevidamente.

No caso de mobilidades internacionais de estudantes e profissionais, o universo de agências que oferecem serviços se relaciona principalmente aos “intercâmbios”. O sentido da palavra como destacado por Prado (2004) se relaciona com uma “troca ou permuta”, mas tem sido utilizado para

<sup>32</sup><https://www.lacapital.com.ar/la-ciudad/un-17-ciento-los-medicos-matriculados-rosario-son-brasileños-n10150375.html>

<sup>33</sup>[https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/informe\\_fdt\\_datos2019\\_vf-1.pdf](https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/informe_fdt_datos2019_vf-1.pdf)

se referir a programas de estudos, estágios profissionais, cursos de especialização e um conjunto de atividades de estudo ou formação. No caso da pesquisa de Prado (2002, 2004), a pesquisadora enfocou na modalidade de estudantes de ensino médio que frequentaram por um ou dois semestres escolares no exterior analisando as dinâmicas de famílias de classe média nesse processo. Sobre as agências, Prado (2002, 2004) divide em dois grupos: as “com fins lucrativos” e “sem fins lucrativos”. O primeiro grupo envolve voluntariado e a participação dos estudantes está condicionada ao acolhimento de estudantes estrangeiros, enquanto o segundo funciona por “parcerias” fazendo do intercâmbio um produto a ser vendido.

Em outro contexto de pesquisa, Vidal (2022) analisou o programa de Au Pair, definido como um programa de intercâmbio educacional e cultural, com um componente central relacionado aos cuidados infantis. A participante do programa é recebida como um membro da família tendo o direito a se alimentar e usufruir da infraestrutura das casas de família em troca dos serviços de cuidados com crianças, recebendo ainda um salário abaixo do mercado (VIDAL, 2022). Nesse universo, as agências de intercâmbio são responsáveis por fazer a venda “para os dois lados, ou seja, para as jovens brasileiras interessadas em ser uma *au pair*, mas também para as famílias estadunidenses interessadas em recebê-las” (VIDAL, 2022, p.39).

Em relação aos brasileiros na Argentina, as agências se apresentam como “assessorias estudiantis”. Assim como descrito por Oliveira (2021), encontrei empresas cujos principais serviços básicos oferecidos são (1) matrícula nas universidades, (2) legalização de documentos na Argentina (convalidação de histórico escolar, tradução juramentada, etc) e (3) acompanhamento para retirada do Documento Nacional de Identidade (DNI). Os valores dos serviços levantados por Oliveira (2021) para o ano de 2019 variavam entre R\$2.000,00 a R\$3.000,00 para os pacotes mais básicos de auxílio com a “burocracia” de documentações e matrícula nas universidades. Durante o período da pesquisa de campo, apenas uma empresa me enviou o informativo com valores para o ano de 2025 e o pacote mais básico estava no valor de R\$2.625,00 enquanto o pacote mais completo custava R\$8.000,00. Nesse plano mais completo, estão incluídos diversos “brindes” como edredom, moletom, adaptador de tomadas, um mês de academia, ingresso para festas de recepção e sessão de fotos em Rosário.

Uma diferença importante no caso das assessorias estudiantis na Argentina e outras agências que vendem serviços para facilitação de documentos e processos é que não possuem vínculos com as universidades ou com o governo argentino. Algumas dessas empresas possuem registro no Brasil e na Argentina, enquanto outras atuam em uma relativa informalidade. Alguns dos benefícios descritos como o cartão de ônibus para o transporte dentro da cidade são facilmente adquiridos na cidade e por causa disso, era bastante comum escutar críticas e visões negativas sobre as empresas

que “lucram” com processos que poderiam ser feitos pelos próprios estudantes. Uma segunda crítica bastante comum que escutei entre os estudantes brasileiros é que essas empresas subnotificam os custos de vida em suas divulgações para vender seus serviços.

Em outros casos, escutei relatos sobre “golpes”, categoria utilizadas pelos estudantes. Para Natália, “é triste dizer, mas quem mais dá golpe em brasileiros são outros brasileiros”. Quando veio para a Argentina, Natália contratou um conhecido para fazer a solicitação e acompanhar o processo de emissão de documentos em suas cópias originais como a certidão de nascimento e o passaporte. Natália conta que ela e uma amiga pagaram cerca de 600 reais e depois não conseguiram mais contato com o dono da empresa. Atualmente, elas falaram que a “**empresa**” não existe mais e o prejuízo foi grande, porque além de perder o dinheiro que já haviam pagado, tiveram que refazer todo o processo. Uma outra forma de “**golpe**” bastante comum entre brasileiros se relaciona com as operações de câmbio informais feita por casas de câmbio e agências. Existem casos de denúncias de brasileiros que fazem a transferência de dinheiro em real, mas nunca receberam os valores em pesos. Esse tipo de caso geralmente é compartilhado em um grande grupo de *Facebook* chamado “Fala Rosário”.

Esses são casos isolados e existe um outro conjunto de empresas que funcionam há alguns anos. As assessorias oferecem serviços de facilitação de processos e documentos que, pela distância, são mais complicados. No geral, as empresas descrevem as dificuldades de cursar medicina no Brasil como o alto custo de mensalidades das faculdades particulares e a concorrência de vestibulares para universidades federais, em contraste com as facilidades de países que não tem uma forma de seleção para ingresso nas faculdades. Esse discurso é apresentado pelo reforço de que o serviço se destina aqueles que tem o **sonho** de estudar medicina. O **sonho de ser médico** se torna uma categoria fundamental mobilizada por estas agências para gerar a identificação.

Um destaque feito por Webber (2023) no caso dos estudantes brasileiros no Paraguai é que as assessorias funcionam como uma rede de facilitação desses deslocamentos e são serviços contratados ainda no Brasil. Por isso, muitos dos processos são complicados para estudantes que nunca tiveram que lidar com certos trâmites burocráticos em outro país e contratam assessorias para ter um apoio e sentir uma segurança maior no processo. Uma segunda questão, conforme Prado (2002) é que, muitas vezes, as agências de serviços também atuam em acolher as preocupações das famílias de classe média desenvolvendo estratégias e relações específicas nas vendas dos produtos de intercâmbio. Apesar de não ser o foco desta dissertação, conheci brasileiros que trabalhavam com empresas de assessorias e as relações com as famílias no Brasil também é uma parte importante do trabalho dessas empresas.

Muitas vezes, a história destas empresas de consultoria envolve a história pessoal de quem também tinha o sonho de cursar medicina. E a apresentação das agências também é permeada por depoimentos de “**assessorados**”, nome dado aqueles que contrataram estes serviços. Assim, apresentam por vídeos, fotos e postagens a vida naquela localidade e a vivência universitária. Uma questão interessante é que o levantamento de assessorias feito por Oliveira (2021) apresenta uma maioria de empresas com sede no Brasil, em que apenas uma das empresas tem sede em Rosário. Quando estava em Rosário, todas as empresas que conheci estavam estabelecidas na cidade argentina.

Para além dos perfis de empresas, alguns destes perfis são de estudantes brasileiros que cursam medicina e compartilham a sua rotina, desde a faculdade até aspectos de sua vida como as compras de mercado e como se dividem para os estudos e demandas da casa. A categoria utilizada pelos meus interlocutores é de que são “**estudantes influencers**” ou “**blogueiros de medicina**”<sup>34</sup>. No caso dos perfis de estudantes de medicina, é comum que façam certa publicidade para alguma agência de assessoria divulgando cupons ou descontos específicos, que tenham as próprias empresas para assessorar estudantes ou divulguem também serviços e produtos de outros brasileiros<sup>35</sup>. O pagamento para esse tipo de publicidade pode ser feito por meio de um valor fixo por vídeos ou publicações nas redes sociais, ou através de comissões por serviços vendidos, conforme explicado por uma dessas estudantes com perfil público.

Por enquanto, vale destacar que destacar que os blogueiros são importantes para ser um canal para a descoberta sobre a possibilidade de ir para o exterior. Uma dessas estudantes me explica que o seu objetivo era desenvolver um perfil profissional que seja proveitoso para o futuro enquanto está na faculdade. Para os estudantes *influencers*, o perfil público e aberto tem também como propósito mostrar mais do que as assessorias mostram, uma vez que eles não têm o objetivo direto de vender um produto. Através deste perfil, essa estudante também destaca como criou relações que possibilitou outros jovens realizarem seu sonho. Um dos primeiros perfis sobre Rosário é o canal no *youtube* do Willian Cardoso que tem 46,3 mil inscritos e 457 vídeos sobre temas diversos sobre essa experiência. O vídeo mais assistido do canal se intitula “Por que Medicina em Rosário?”, publicado em 2015 com 63 mil visualizações. No *instagram*, alguns perfis de estudantes chegam a ter cerca de 45 mil seguidores. Os estudantes influencers e os perfis não são o foco da

<sup>34</sup> A profissão de *influencer* tem se popularizado nos últimos anos e se define a partir de uma pessoa que se utiliza de suas redes sociais para estabelecer uma comunicação com um público específico sobre algum tema. A remuneração deste trabalho vem das próprias plataformas para quais divulgam os conteúdos, denominado monetização. Ou através de publicidades, parcerias com marcas específicas. A categoria de “blogueiros” remete aos anos 2000 em que antes de redes sociais, o compartilhamento de conteúdos sobre a sua vida era feito por meio de um *blog*, um site pessoal.

<sup>35</sup> No universo destes serviços, estão serviços de beleza como unhas e cabelos, festas e eventos e, por fim, comidas. Esta também é a base de uma economia própria que se forma para brasileiros e pelos brasileiros a ser explorada mais adiante.

minha análise, mas é importante descrever alguns desses números para apresentar uma dimensão geral sobre o alcance dessas contas e comunicações estabelecidas. Entre os meus interlocutores, havia uma divergência de percepções sobre os estudantes *influencers*. Para alguns, “as blogueiras não mostram essa realidade”, em uma acusação de que a *internet* cria certas ilusões. De toda forma, o conhecimento sobre a vida como estudante de medicina gera uma segurança para tomar a decisão de ir para outro país.

A descoberta sobre as possibilidades acontece também por redes formadas por pessoas conhecidas que fizeram esse trajeto, ou seja, um amigo, um familiar ou alguém que já realizou aquele percurso. Para Gustavo, foi durante o período de estudar para o vestibular que o seu pai mencionou o filho de um amigo que fazia medicina na Argentina e foi por causa disso que foi “parar aqui”. Perguntei se ele chegou a conhecer este amigo depois que chegou e ele admitiu que nunca o encontrou e nem sabe se foi o jeito do pai conseguir incentivá-lo a buscar sobre essa possibilidade. Nesse contexto, redes de sociabilidade nem sempre se concretizam com a chegada, mas podem ser consideradas como o ponto inicial de partida.

Em outro sentido, outra relação estabelecida por estas redes de sociabilidade é a “reunificação familiar”<sup>36</sup>. É o caso de Solange, servidora pública aposentada no Brasil, que foi para Rosário para estar mais próxima de seu filho que cursa medicina. Depois de alguns meses acompanhando a rotina de estudos do filho, ela decidiu se matricular na Universidade de Rosário também. Ela me contou que ainda se sentia jovem e que tinha muita vontade de aprender. Nesse tipo de trajetória, redes de sociabilidade por família também inclui o caso de casais que fazem o processo de mobilidade juntos. Priscila, nutricionista com formação no Brasil, tomou a decisão de vir estudar medicina por causa de Bruno, na época seu namorado, que estava se preparando para realizar o processo. No momento em que a conheci, os dois estavam casados e aprovados para começar as práticas. Nestes casos, o que relatam é que estar junto para estudar e compartilhar as dificuldades faz “tudo ficar mais fácil”.

É importante destacar que nem sempre o contato de alguém que se formou em uma certa localidade, é determinante para a decisão de onde cursar medicina. No caso de Joana, seu namorado havia formado em medicina na Bolívia e estava atuando como clínico geral no sistema público de

---

<sup>36</sup> O conceito pode se relacionar com o movimento de famílias para se encontrarem em uma certa localidade, mas destaco que é também uma categoria adotada por governos e agências das Nações Unidas (ONU). Dessa maneira, a. Reunificação Familiar” ou “Reunião Familiar” pode se referir ao processo legal que permite a famílias separadas por migração, refúgio ou deslocamento se reunirem em um mesmo país, ou definido como uma categoria institucional, refere-se a políticas mais amplas adotadas por governos e agências internacionais para reintegrar indivíduos ou grupos dispersos por crises ou violações de direitos. Nessa dissertação, me refiro ao encontro de famílias em uma outra localidade.

saúde brasileiros. A decisão de ir para Rosário foi por considerar a Bolívia mais cara por ter que pagar uma mensalidade na faculdade e a sua família também considerar um lugar mais perigoso.

Depois o momento de descoberta sobre a possibilidade de ir para o exterior, estudar medicina começam a comparar as faculdades e a vida em cada país. Entre meus interlocutores, a escolha pela Argentina um dos aspectos valorizados é a qualidade da educação, em que sempre destacam índices de avaliação da universidade e as taxas de aprovação do Revalida. É comum escutar entre os estudantes brasileiros que a Universidade Nacional de Rosário obteve os maiores índices de aprovação de seus estudantes. Para Santos e Catalano (2021) considera que a escolha pela universidade, perpassa por um sistema de busca de informações, em primeiro lugar os rankings das universidades e, em seguida, as taxas de revalidação de diplomas.

Dessa maneira, a escolha da faculdade é influenciada pela qualidade do ensino, mas também por uma garantia maior do retorno ao Brasil. Para além disso, Freitas e Almeida (2023) apontam que a escolha pela universidade também inclui um conjunto de outras dimensão como as metodologias de ensino e organização do sistema universidade. A não limitação de vagas também é um fator considerado por alguns estudantes em que universidades públicas argentinas tenham mais de 200 alunos por turma, e alguns estudantes consideram que dificulta a aproximação com o professor. Assim, é preciso destacar que existem estudantes brasileiros que optam por ingressar em universidades privadas argentinas que ainda tem mensalidades mais baixas quando comparado ao Brasil.

A segunda razão é o custo de vida mais baixo comparado a outras cidades argentinas. Entre meus interlocutores, muitos relataram que recebem também dinheiro da família, mas vivem com uma média de 2 mil reais por mês. É importante destacar que muitos destes estudantes planejam trabalhar para conseguir se manter no país, seja por que a família não tem condições financeiras de oferecer este tipo de auxílio ou pelo sentimento de que não querem se tornar uma responsabilidade para a família. Esta questão financeira se torna um fator decisivo na escolha pela cidade de Rosário. Neste sentido, o aprofundamento da crise econômica tem afetado a vivência dos estudantes, considerando a alta inflação.

Em conclusão, o fluxo de brasileiros perpassa diversos momentos. O primeiro momento é uma percepção sobre a impossibilidade de cursar medicina no Brasil, seja pelo alto custo de mensalidade de faculdades particulares ou pela alta concorrência dos vestibulares. O segundo momento é a descoberta sobre a possibilidade de cursar medicina no exterior, seja por uma rede de pessoas conhecidas ou pela internet. Depois, a decisão de ir para outro lugar se relaciona com uma escolha comparada entre os destinos estabelecidos por estudantes de medicina. Esse projeto é definido pela aspiração profissional de se tornar médico, que vai ser desenvolvida a seguir.

## 2. O SONHO COMO PROJETO: POR QUE SER MÉDICO?

Querendo ou não, no Brasil, tudo bem eu estava frustrado por mais um resultado negativo [do vestibular] mas eu estava no meu conforto. Eu estava na minha casa, a que eu sempre morei, eu estava com os meus pais. Mudar pra outro país já é uma quebra da sua zona de conforto ali, sabe? [...] Então o sonho, ele é algo que é tão puro e ele é tão acima de tudo o que você quer, de todas as outras coisas de todas as outras coisas na sua vida. E me frustra um pouco quando as pessoas jogam isso como se não fossem nada. As pessoas falam “meu sonho é fazer medicina” e depois tenta um ano e falam assim “Ah, não, acho que não é para mim”. Ué, mas não é seu sonho? Entendeu? O sonho é tão importante assim é uma parada que é para ser especial, é para ser sua meta de vida. Então tenta. Eu tentei 5 anos, não consegui e vou viajar por um outro país, se eu não conseguir aqui, eu vou para Buenos Aires, se não conseguir aqui, sei lá, enfim, é, eu faço de tudo, mas eu vou atrás, entendeu? Então sonho é algo muito importante. Eu acho que parte das pessoas serem frustradas hoje em dia é porque elas não têm sonho. Porque o sonho... Independente de tudo, se você tem um sonho, você ainda tem uma coisa para lutar. Agora, se nem sonho você tiver, é ali que acaba a sua esperança mesmo. (Rodrigo, 2024)

Em contextos de mobilidade acadêmicas e profissionais as pessoas são atraídas pelo acúmulo de experiências internacionais como uma forma de capital simbólico de distinção (BOURDIEU, 2006, 2008). Entretanto, como colocado por Rodrigo, o planejamento desse deslocamento envolve o sonho de ser médico. Em sua pesquisa sobre estudantes de medicina brasileiros na Bolívia, Varella (2013a, 2013b) afirma que não é o estilo de vida ou os símbolos culturais que atraem os brasileiros, mas uma idealização da profissão médica. Dessa maneira, entre os estudantes brasileiros de medicina, a principal motivação é a carreira médica.

O primeiro momento da construção deste projeto é a sensação de frustração com o vestibular e o sistema de ingresso no Brasil. Esse é também o caso de Rodrigo, natural do interior de São Paulo. Nos conhecemos pelas redes de estudantes e marcamos de conversar um dia na Faculdade de Medicina da UNR. Ele estava cursando o primeiro ano e chegou em Rosário havia poucos meses. Antes disso, ele fez 5 anos de cursinho no Brasil, preparando-se principalmente para o ENEM. Enquanto estudava para o vestibular, ele finalizou um curso técnico e trabalhava na produção de uma grande indústria.

A proposta de prova do ENEM é de propor questões mais interpretativas de múltipla escolha e que exige uma atenção para resolver problemas em um longo período de tempo. Para Rodrigo a decisão de vir para a Argentina aconteceu depois de um dia em que estava fazendo um

simulado. Em uma questão de português, havia um quadrinho da *Turma da Mônica*<sup>37</sup> com o Chico Bento, perguntando de qual região do Brasil era o sotaque do personagem. Para brasileiros que cresceram lendo os gibis, é de conhecimento geral, mas Rodrigo sentiu muita raiva em perceber que aquela poderia ser a questão que definiria se ele entraria no curso de medicina ou não. O sentimento de fracasso levou ele a considerar outras possibilidades e um dia em uma roda de amigos falou: “Se tudo der errado, eu vou para Argentina estudar”. Por coincidência, a namorada de um amigo havia estudado no país e falou sobre a sua experiência e as dificuldades. Entretanto, como destacado por Rodrigo, o sonho de ser médico é um projeto tão importante que vale a pena seguir todas as possibilidades para alcançar este propósito.

No caso de estudantes de medicina brasileiros que pesquisei, é o sonho de ser médico que define seus projetos de mobilidade. Uma das definições do dicionário Michaelis de português para a palavra sonho é “ideal ou ideia dominante que se persegue com interesse e paixão” e o interesse de pesquisa é entender o **sonho** como o mobilizador para os projetos. A definição de projeto para Gilberto Velho (1994, 2008) se relaciona com uma orientação para o futuro que influencia escolhas, comportamentos e trajetórias. É neste sentido que a denominação de projetos também envolve as percepções individuais sobre um determinado contexto considerando um campo de possibilidades. O campo de possibilidades é o conjunto de oportunidades e os limites que os indivíduos enfrentam ao elaborar e executar seus projetos, sendo moldado por fatores sociais, culturais, econômicos e históricos. Dessa maneira, as pessoas têm agência para fazer escolhas, mas estas estão condicionadas por estruturas e contextos específicos.

Este capítulo pretende desenvolver os significados da profissão médica em dois sentidos: primeiro atrelado a uma razão e ideal humanitário da profissão de “salvar vidas” e “ajudar pessoas” (FASSIN, 2012); o segundo relaciona o campo médico com uma possibilidade de ascensão socioeconômica e melhor posicionamento dentro das relações possíveis do campo de saúde. Em seguida, analiso o sonho de ser médico enquanto projeto mobilizador - um propósito que, por sua magnitude, impulsiona os estudantes a superarem obstáculos e adversidades em sua trajetória. Essa persistência se materializa na construção de planos de mobilidade, nos quais o diploma médico opera não apenas como objetivo final, mas um símbolo de um retorno futuro que justifica os sacrifícios do presente. Dessa forma, a expectativa de obtenção do diploma transcende sua função acadêmica, convertendo-se em capital simbólico que orienta decisões e legitima esforços ao longo do processo migratório.

<sup>37</sup> Turma da Mônica é uma famosa série de quadrinhos brasileira criada nos anos 1960 por Mauricio de Sousa. As histórias acompanham as aventuras de um grupo de crianças, como Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali, no bairro do Limoeiro, local fictício inspirado em bairros tranquilos de subúrbios brasileiros. Depois, os quadrinhos se expandiram para representar o universo caipira e a vida no interior do Brasil com as histórias de Chico Bento.

A importância e o significado da profissão médica variam conforme o contexto. Para comparar esses sentidos no Brasil e na Argentina, optei por analisar rituais de iniciação e de passagem que marcam a experiência do estudante de medicina. Assim sendo, o foco recai sobre as diferenças entre as celebrações de entrada na universidade e as de conclusão do curso, destacando como os brasileiros vivenciam essas tradições na Argentina. Parto do pressuposto de que rituais revelam dinâmicas sociais fundamentais, especialmente sobre os processos de identidade.

Nesse sentido, a mobilidade de estudantes brasileiros de medicina na Argentina é impulsionada pelo projeto de se tornar médico, uma visão consolidada como um ideal de realização pessoal e profissional. Como evidenciado no caso de Rodrigo, a frustração com o sistema de ingresso no Brasil leva muitos a buscarem alternativas. A análise dos rituais de iniciação e formatura revela não apenas diferenças culturais, mas também como esses momentos reforçam a identidade médica e a construção de um capital simbólico distinto. Seja pela idealização humanitária da profissão ou pela perspectiva de ascensão socioeconômica, o diploma médico representa um horizonte de possibilidades. Assim, este estudo demonstra que o sonho, enquanto projeto mobilizador, orienta trajetórias, supera adversidades e redefine o significado de ser médico em um contexto transnacional.

A seguir, continuo analisando a perspectiva do projeto pela vivência de quando chegam na Argentina. A vida universitária é uma fase importante para a formação médica. Nos relatos dos estudantes sobre suas vivências, o cotidiano acadêmico ocupava um espaço significativo nas conversas. Explorar a experiência de aprendizagem dos estudantes brasileiros na Argentina, abordando os desafios acadêmicos, as dinâmicas linguísticas e as estruturas institucionais que influenciam suas trajetórias, é fundamental para a pesquisa. Esta análise baseia-se nas narrativas dos interlocutores, que enfatizam a vida universitária como uma fase decisiva em sua formação médica.

Diante disso, a experiência de aprendizagem estrutura-se em dois eixos principais: o domínio do espanhol e o ensino da medicina. Em relação ao primeiro eixo, a linguagem e a comunicação se tornam uma tensão. Para os estudantes, existe uma ilusão de que o português e o espanhol são idiomas muito próximos e obter a fluência é um processo complexo. Institucionalmente, a posição das universidades argentinas é que o espaço de sala de aula não pode se converter em um espaço de ensino de línguas e por isso passaram a implementar exigências formais de proficiência no idioma. Conforme Angellucci (2020), o espanhol figura ainda como um dos principais motivos para a evasão desses estudantes.

Em relação ao segundo ponto, o ensino médico é marcado pela adaptação a metodologias pedagógicas distintas. A primeira escolha dos estudantes geralmente é se matricular na

Universidade Nacional de Rosário (UNR) pela gratuidade, o acesso irrestrito e a qualidade da educação. A UNR utiliza uma metodologia de aprendizagem por problema (PBL)<sup>38</sup> para o ensino de medicina que exige uma participação maior do estudante. Em sala de aula, as turmas se dividem em pequenos grupos de discussão sobre os temas. E os professores aplicam as provas de forma oral, sendo conhecidas como "*mesas*". No sistema educacional argentino, a metodologia de avaliação é comum, inclusive no ensino básico<sup>39</sup>. Entretanto, para os brasileiros é comum que tenha altas taxas de reprovação nos anos iniciais. As barreiras linguísticas e as adaptações no ensino PBL impulsionam a transferência entre instituições de ensino – da UNR para universidades privadas como o IUNIR e a UAI.

Em síntese, este capítulo explora diferentes aspectos do planejamento e da vivência do projeto de se tornar médico. Para compreender o planejamento, inicio por analisar a visão sobre a profissão médica e quais os procedimentos e significados dos rituais de iniciação. Em seguida, evidencio que a vivência universitária envolve um complexo processo de adaptação cultural, linguística e educacional, cujas implicações ressaltam a necessidade de políticas de apoio mais efetivas para garantir a permanência desses estudantes.

## 2.1 Tudo começa pelo Sonho

O sonho pode ser entendido, em uma primeira perspectiva, como uma fantasia ou utopia – um desejo que habita o campo do imaginário como uma realidade distante. No entanto, quando esse ideal se articula com meios e estratégias através de ações, deixa de ser mera abstração e se transforma em projeto, nos termos propostos por Velho (1994; 2008). Como tal, o sonho passa a ser um instrumento de negociação com a realidade, operando dentro de um campo de possibilidades que inclui tanto oportunidades quanto restrições. Essa transição do sonho como abstração para o sonho como ação é particularmente relevante para compreender processos migratórios, nos quais as mobilidades são frequentemente impulsionadas pela busca de ideais.

Um exemplo emblemático é a migração de brasileiros para os Estados Unidos, atraídos pelo “Sonho Americano”. A partir dos anos 1980, conhecido como “A Década Perdida”, período marcado pela crise econômica e pela inflação descontrolada, foram motivadores para a

<sup>38</sup> Mais adiante, vou desenvolver uma análise sobre as vivências universitárias e o sistema educacional que os brasileiros estão inseridos. No entanto, vale descrever que a metodologia de aprendizagem baseada em problemas (PBL) é uma abordagem educacional centralizada em simulados para promover o aprendizado ativo e a resolução de problemas, integrando conhecimentos teóricos e práticos. No caso da medicina, o processo de aprendizado acontece pela discussão casos clínicos reais.

<sup>39</sup> Na Argentina, as provas orais são um método tradicional de avaliação no ensino básico e no ensino superior, onde os alunos defendem seus conhecimentos diante de uma banca examinadora que avalia clareza, profundidade e capacidade argumentativa. Este formato avaliativo não é uma particularidade do ensino de medicina ou de metodologias de aprendizados diversas.

consolidação do fluxo. Entretanto, para além da questão econômica, existe um chamado construído pela imagem de modernidade atrelada à aventura de morar em um país estrangeiro e aprender um novo idioma (Margolis, 2013). Para Beserra (2005), os brasileiros em Los Angeles são tomados pelo imaginário do "sonho americano", associado ao *American Way of Life*, à modernidade e à promessa de ascensão social. Ou seja, mais do que uma resposta à crise, essa migração era movida por uma idealização que, posteriormente, se converteria em projetos concretos de vida.

No caso dos brasileiros que se deslocam para Rosário para estudar medicina, observa-se um movimento semelhante: a mobilidade não se explica apenas por fatores objetivos, mas também por um imaginário construído em torno da profissão médica. Esse ideal, inicialmente abstrato, ganha materialidade quando se transforma em estratégias de migração e formação, demonstrando mais uma vez como os sonhos quando articulados a projetos, podem reconfigurar trajetórias.

Inicialmente, pretendo desenvolver uma análise sobre esse processo de construção desse imaginário<sup>40</sup> em torno da figura do médico. Para Becker et al (2007), a cultura estudantil em uma faculdade de medicina também varia ao longo do curso. Nos primeiros anos, os estudantes são guiados por uma perspectiva de longo prazo em que ideais médicos de ajudar pessoas se destacam e consideram que querem vivenciar a prática ao mesmo tempo em que querem ganhar dinheiro suficiente para uma vida confortável (Becker et al., 2007). Os alunos mais próximos de se formar, depois de iniciarem as práticas, passam a desenvolver uma visão mais pragmática sobre a medicina (BECKER et al, 2007).

Durante a pesquisa de campo, o mais comum era que os estudantes descrevessem o desejo de ser médico como um sonho de criança, uma vocação. Para muitos de meus interlocutores, os relatos da trajetória de algum familiar ou pessoa próxima que fez algum tratamento de saúde os motivou a seguir a profissão. A familiaridade com a rotina de um hospital como acompanhantes em procedimentos de saúde, em cirurgias ou o diagnóstico de alguma doença, foram as experiências importantes na construção desse desejo. Para desenvolver essa questão, trago o caso de Rafaela que descreveu como a descoberta de um câncer de sua avó materna a fez perceber que desejava ser médica. Durante a sua entrevista, passou a me descrever sobre o processo de descoberta da doença e como, naquele momento, estava estudando para o vestibular, dividindo o tempo de estudo com o trabalho de cuidado e acompanhando consultas médicas, medicações e o tratamento no geral.

---

<sup>40</sup>Entre os brasileiros no Paraguai, Webber relaciona com a popularização de seriados médicos em um processo que começa antes da matrícula nas universidades. De acordo com Webber (2023), “as narrativas dos seriados médicos ressaltam o protagonismo dos profissionais na tarefa de salvar vidas, decifrar enigmas, superar dificuldades” (p. 243). No meu caso de pesquisa com os brasileiros em Rosário, não encontrei muitas referências sobre seriados ou filmes, mas o ideal de atuação do profissional “**salvando**” vidas é um elemento central.

De forma ampla, é a partir de um vocabulário sobre cuidado que a idealização da medicina se consolida. O “cuidado” (*care*) articula ação e emoção em uma prática que envolve tanto atitudes quanto gestos concretos (HIRATA; GUIMARÃES, 2012). Essa noção se expande para além da saúde, abrangendo desde o trabalho doméstico e o cuidado institucional de idosos até a atuação de enfermeiras, configurando-se como uma prática multifacetada. Nesse contexto, Debert e Hirata (2016, p. 7) definem o cuidado como um fenômeno que permeia relações interpessoais, envolvendo não apenas a assistência a pessoas, mas também a seres vivos e objetos, atravessando diferentes dimensões da vida social. Segundo as autoras, ele possui uma natureza *multidimensional e transversal*, abarcando desde políticas públicas voltadas a populações vulneráveis até valores afetivos como amor, compaixão e vínculos intersubjetivos.

O caso de Rafaela é interessante porque representa uma outra situação na qual me deparei: estudantes que associam o sonho de ser médico com um propósito espiritual. Esses alunos se declaram como evangélicos<sup>41</sup> e é preciso considerar que existe um *ethos* próprio dessa religião. A trajetória pessoal também se relaciona com um objetivo de servir a Deus e sua comunidade. Durante a nossa entrevista, Rafaela descreveu a sua percepção sobre a medicina ser uma ferramenta que mostra as bençãos de Deus, apresentando uma complementaridade da medicina e a religião. Nas palavras de Rafaela,

Quando você olha para Jesus você vê Ele cuidando das pessoas você vê Ele transformando vidas e tipo Ele transformou a minha vida e essa é a prova viva assim do que Ele pode fazer. E saber que tipo Ele pode fazer isso todas as outras pessoas é algo que eu não posso ficar quieta. [...] Então eu preciso mostrar também, como é esse cuidado, sabe? Então a medicina é uma ferramenta é uma forma de mostrar como realmente Deus nos ama e como Ele tem planos pra gente né? (Rafaela, 2024)

Para estes estudantes evangélicos, a escolha pela medicina vai além de uma carreira profissional – está profundamente ligada a uma trajetória espiritual, na qual o exercício da medicina se converte em uma forma de cumprir um propósito divino. Entretanto, mesmo para além do contexto religioso, percebe-se que a valorização da medicina como campo de atuação está intimamente relacionada à noção de cuidado, compaixão e empatia, características que se entrelaçam com o ideal de "salvar vidas". Da mesma maneira, Tardelli (2023) em sua tese de

<sup>41</sup> Durante a pesquisa de campo na Argentina, conheci outras estudantes de medicina que participavam da mesma igreja que Rafaela. Uma delas, Valéria, contou que veio para a Argentina depois de ter conhecido o país em 2023 participando de uma viagem missionária. No grupo da igreja e nos caminhos percorridos, Valéria sempre estava junto de médicos brasileiros que haviam se formado no país que incentivou a formação. Conheci também uma outra estudante, Laura, também evangélica, que compartilhou que seus planos depois de se formar como médica seria voltar para o Brasil para participar de missões no interior do Brasil levando a palavra de Jesus e serviços médicos. Apesar deste não ser o foco dessa dissertação, a relação entre a religião e saúde pode ser um campo de pesquisa importante.

doutorado sobre a Operação Acolhida na fronteira com a Venezuela descreve que militares e trabalhadores humanitários descreviam o trabalho como uma missão, independente da religião. A definição de missão, nesse contexto, se relaciona com um encargo ou incumbência a ser cumprida (TARDELLI, 2023). No caso dos estudantes, a atividade pressupõe uma formação técnica para cumprir um propósito humanitário.

A medicina é vista não apenas como uma técnica ou profissão, mas como uma missão humanizadora, em que o contato com o sofrimento alheio demanda não apenas conhecimento científico, mas também sensibilidade ética e emocional. Essa perspectiva ajuda a entender por que muitos estudantes, independentemente de sua orientação religiosa, enxergam a formação médica como um caminho de realização pessoal e social, no qual o ato de cuidar transcende a esfera individual e adquire um significado coletivo. De acordo com Tardelli (2023), a definição de humanitário neste campo pode se definir pelo conjunto de seres humanos, mas também pelo ato de agir afetivamente sobre o outro. A definição de Didier Fassin (2012) sobre sentimento humanitário traz uma outra perspectiva sobre a compaixão como um ideal. Sobre este mesmo conceito, Fassin (2012) também destaca que

Quando a compaixão é exercida no espaço público, ela segue, portanto, sempre uma direção de cima para baixo, dos mais poderosos para os mais fracos, os mais frágeis, os mais vulneráveis - aqueles que geralmente podem ser vistos como vítimas de um destino inevitável. (FASSIN, 2012, tradução própria, p. 4)

Em seu contexto de sua pesquisa, o antropólogo pesquisou práticas humanitárias de governo, destacando que o sentimento humanitário é uma articulação entre razão e emoção que define moralidades utilizados para justificar discursos e práticas a afetividade direcionado aos outros que cria uma obrigação de prestar assistência. Ser médico, portanto, é a possibilidade de atuar em um propósito humanitário em uma posição mais alta em uma cadeia de hierarquia de cuidado. A partir disso, é possível considerar que essa visão sobre o trabalho médico representa uma relação de poder que se estabelece, principalmente, pelo diagnóstico. A prática clínica é guiada por um olhar patologizante sobre o paciente e esta é a base da relação que se estabelece entre o médico e o paciente. Octavio Bonet (2004) que desenvolveu sua pesquisa sobre a biomedicina em uma residência médica clínica em um hospital de Buenos Aires<sup>42</sup>, conceitua o diagnóstico como

---

<sup>42</sup> A pesquisa desenvolvida descreve toda a rotina da “residência”, processo de formação para a especialização de médicos depois da graduação. Para Bonet (2004), é uma das expressões máximas da relação entre a formação médica e a prática, considerando que nesse momento já estão formados e ao mesmo tempo vivenciando a rotina de hospital em uma escala de hierarquização e acompanhamento dos casos clínicos. A rotina de aprendizagem se divide na passagem de sala durante a manhã com os pacientes e as passagens de sala à tarde que são feitas entre residentes. No primeiro momento, devem estar disponíveis para questionamentos e aspectos emocionais da vivência hospitalar. No

o objetivo central da prática biomédica, é aquilo para o qual o médico tende em sua relação com o enfermo. Esse ‘diagnóstico’ surgirá de um processo por meio do qual se traduzirão os sinais e os sintomas ‘construídos’ a partir da observação do paciente, num formato declarativo que remete às categorias diagnósticas de uma especialidade médica. (BONET, 2004, P.88)

Baseado nesta definição, o trabalho médico se fundamenta pela centralidade do diagnóstico: a identificação de uma patologia e a definição do procedimento. A relação de poder na hierarquia hospitalar se consolida por este processo de observação e conhecimento técnico. Pela perspectiva de Foucault (2010), essa união se estabelece pelo poder saber. A ritualização presente nesse processo revela que o olhar e os procedimentos envolvem um poder disciplinar sobre patologias. Essa perspectiva da importância do diagnóstico e conhecimento médico se relaciona também com a dedicação aos estudos. O imaginário sobre a importância do trabalho médico é, muitas vezes descrito pela importância do tratamento de diversas doenças.

Essas hierarquias também são percebidas pelas trajetórias de outros profissionais da saúde que atuavam em algum campo como enfermagem, seja como graduado ou como técnico; nutrição; psicologia; fisioterapia. Para estas pessoas, o interesse pela medicina surge pelo questionamento destas hierarquias dos campos da saúde e um **desejo de “fazer mais”**. Entre enfermeiros, especialmente, escutei relatos sobre situações que acompanharam casos de erros cometidos por médicos. Muitas vezes, relatavam algum aspecto sobre a saúde do paciente e eram ignorados pelo profissional. Dessa forma, a sobrecarga da rotina de trabalho e a baixa remuneração da enfermagem são fatores que mobilizaram o sonho de cursar medicina.

Renato foi um dos enfermeiros que conheci e compartilhou alguns casos sobre seu trabalho no Brasil. Além de trabalhar como enfermeiro, também dava aula em um curso técnico e, motivado por esse espaço e pelo interesse em ensinar e aprender, decidiu seguir a formação médica. Para Renato, o diploma de enfermagem seria um diferencial na sua profissão médica, pois já conhece rotinas de cuidado, como aferir pressão, manipulação de medicamentos intravenosos e outros processos que geralmente **o médico não “sabe nem fazer”**. Também falou sobre a importância da sensibilidade de acompanhar pacientes de maneira mais próxima como enfermeiro.

Por isso eu trabalhava no hospital escola e lá tinha residentes e a partir de como é que a gente vê esses profissionais trabalhando exercendo a profissão a gente espera e idealiza algo, né? O que seria o ideal de uma profissão e a partir do momento que eu vi algumas

---

segundo, o objetivo “é problematizar os quadros clínicos, expondo a maior quantidade de diagnósticos presumíveis que ocorram a eles, ao mesmo tempo em que adquirem o *habitus* de pensamento para a construção de diagnósticos”.

discrepâncias surgiu o pensamento na minha cabeça. Foi em um dia assistindo uma cirurgia de um cara que deveria ser muito bom, né? (Renato, 2024)

O relato de Renato ilustra claramente a dupla motivação que impulsiona muitos estudantes brasileiros de medicina na Argentina. Por um lado, ele destacou o compromisso ético da profissão e cuidado ao afirmar que "se você fala que pode fazer algo melhor do que o outro, então você tem a obrigação de ir e fazer", referindo-se a um caso cirúrgico que vivenciou. Por outro, apontou as precárias condições de trabalho da enfermagem no Brasil como fator determinante em sua escolha pela medicina - carreira que, em seu imaginário, oferece maior estabilidade financeira e prestígio social.

Esse duplo aspecto, a idealização humanitária e a expectativa de retorno financeiro, fica ainda mais evidente quando analisamos o perfil de interlocutores como o casal Manuel e Carolina. Manuel é um arquiteto de formação no Brasil e trabalhava como servidor público na prefeitura de sua cidade enquanto sua esposa, Carolina, era formada em engenharia e trabalhava como uma profissional autônoma. O casal descobriu a possibilidade de estudar medicina na Argentina através de um amigo e decidiram fazer uma poupança para se mudar para o país. Na entrevista, Manuel expressou sua desilusão com a carreira anterior, justificando a mudança para a medicina como uma **"escolha prática"**, motivada pela alta demanda da área e pela estabilidade financeira que ela oferece.

A complexidade de motivações para exercer a profissão nos leva a examinar como tais ideais se articulam com a decisão concreta de estudar medicina na Argentina, à luz do conceito de projeto desenvolvido por Gilberto Velho (1994, 2008). Projetar é uma forma de antecipação do futuro em ações concretas. Assim, o sonho de ser médico não se reduz a um mero ideal profissional, mas envolve uma avaliação pragmática das condições materiais para realizar esse objetivo. No contexto brasileiro, onde o acesso ao ensino médico é altamente restrito, a opção pela Argentina emerge como uma possibilidade - uma negociação entre aspirações profissionais como os ideais mobilizadores e a realidade das possibilidades. A seguir, pretendo desenvolver a perspectiva do **"sonho como projeto"**.

Nessa conjuntura, destaco que, para todos os brasileiros que conheci, a primeira opção era permanecer no Brasil para fazer faculdade. Cecília foi uma das estudantes que contou que sua família buscou opções para conseguir financiar seus estudos no Brasil. Em 2018, ela foi aprovada para cursar medicina em uma faculdade particular em sua cidade, depois de dois anos estudando para as provas. Ela descreveu a felicidade da aprovação e a comemoração de toda família que gerencia uma pousada em Salvador. A faculdade particular que Cecília foi aprovada tinha recém-inaugurado o curso de medicina e por isso as opções de financiamento pelo FIES ainda não tinham

sido aprovados. Por isso, teriam que realizar um empréstimo para conseguir pagar pelo valor total da mensalidade nos primeiros meses e depois, de toda forma, a família de Cecília teria que pagar as parcelas com juros do financiamento. Na reunião com o gerente do banco, a família de Cecília descobriu a possibilidade de estudar medicina na Argentina. De acordo com ela,

Meu pai foi no banco e o gerente do banco, que é amigo pessoal do meu pai, falou bem assim: “Deixa eu te perguntar uma coisa: esse dinheiro que você quer para pagar a faculdade de medicina não vai faltar? Não faça isso! Não faça isso porque conheço uma galera inclusive que fizeram isso [empréstimos para pagar faculdades de medicina] e várias pessoas que só fez um ano e depois não têm mais dinheiro para pagar”. [...] Então você sai, você pegou ali 60.000 reais fez uma dívida e depois é uma dívida que não adiantou de nada. (Cecília, 2024)

Assim, Cecília não queria terminar a faculdade com uma dívida, que enxergava como um peso para a família. A trajetória de Cecília na Argentina é um pouco diferente de outros estudantes das universidades particulares do país porque ela não trocou de faculdade e já se matriculou diretamente na UAI. Pesquisando sobre as escolas e as cidades, ela escolheu Rosário por ser uma cidade menor que Buenos Aires e disse que as altas taxas de reprovação da UNR foram um dos motivos para escolher se matricular diretamente na universidade particular.

A centralidade do sonho de ser médico pressupõe a necessidade de enfrentar todas as adversidades para alcançá-lo. Nesse sentido, destaco a fala de Rodrigo apresentada no início deste capítulo que o sonho está acima de “tudo o que você quer e de todas as coisas da sua vida”. Nessa conversa estávamos sentados em um dos bancos do pátio da Faculdade de Ciências Médicas, com outra amiga de Rodrigo que ouvia atentamente a sua resposta, acenando com a cabeça e confirmando que é uma dimensão compartilhada. Esse primeiro conjunto de dificuldades marcados pela nostalgia e saudade são descritos pelo **sacrifício**.

Por causa dessa busca, os estudantes já são informados sobre outras possibilidades para continuar a mobilidade em direção a uma faculdade diferente, para outra cidade na Argentina ou para outro país. Beatriz foi uma das estudantes que veio para Rosário depois de conversar com uma amiga que tinha estudado medicina na Argentina. Por um tempo, durante as férias da faculdade, Beatriz acompanhou um postinho de saúde em sua cidade, Boa Vista, e disse que todos os médicos haviam estudado no exterior. Muitos médicos brasileiros depois de formados, enquanto estão no processo de revalidar seus diplomas no Brasil, atuam como parte do Programa Mais Médicos, programa do governo para suprir demandas de médicos em regiões brasileiras. Destaco a seguinte fala de Beatriz:

Geralmente os brasileiros lá [de Boa Vista] vão todos para Buenos Aires e vê que é caro. Vem pra Rosario vê que é caro e vai pra La Rioja e outra é a faculdade [de Rosário] que é muito difícil, né? Tem a fama de ser muito difícil e aí geralmente as pessoas vão pra lá [La Rioja] e ela falou assim por que você já não direto para lá? Só que eu busquei lá e La Rioja é um Pueblo, uma cidade muito menor e de interior, eu não gosto de interior. Aí eu gostei mais daqui Rosário mesmo. (Beatriz, 2024)

A cidade de Rosário acaba sendo importante para a escolha dos estudantes. As outras cidades argentinas que recebem um fluxo grande de brasileiros são Buenos Aires, La Rioja e La Plata. As trajetórias de alunos que transferem suas faculdades das universidades públicas para particulares e a trajetória de mobilidade entre cidades diferentes revela uma fluidez no movimento de brasileiros. O fluxo destes que vão para a Argentina e depois para o Paraguai também é significativo, principalmente com a intensificação da crise econômica argentina. Por exemplo, duas interlocutoras que conheci em março já estavam no Paraguai quando retornoi em setembro.

Muitos brasileiros falam sobre uma mobilidade em ciclos: no inicio do ano, diversos dos que chegam não ficam até o final do semestre, e no ano seguinte outras pessoas vão para a Argentina e o processo se repete. Evandro, um senhor aposentado que morava em Rosário enquanto estava cursando a faculdade, me falou que o melhor momento para comprar coisas de casa ou procurar um novo lugar para morar era no meio do ano. De acordo com ele, é quando muitos brasileiros já estão desistindo e voltando para o Brasil, querendo vender tudo ou repassar seus contratos de aluguel nos apartamentos da cidade.

A transformação do sonho em projeto ocorre quando as aspirações deixam o campo da idealização abstrata e passam a ser executadas por meio de ações concretas e planejadas. Nesse processo, o desejo inicial - seja ele motivado por vocação, status social ou realização pessoal - é submetido a uma avaliação pragmática das possibilidades reais de concretização. Como propõe Velho (1994, 2008), o projeto surge justamente dessa negociação entre o ideal e as condições materiais disponíveis, convertendo-se em um plano de ação orientado por estratégias específicas. No caso dos estudantes de medicina na Argentina, essa transição se manifesta na escolha comparada sobre o destino, no levantamento de recursos financeiros, no domínio do idioma e na adaptação a um novo sistema educacional - etapas que materializam o que antes era apenas uma aspiração.

## 2.2 Ser Médico no Brasil e na Argentina

A análise de rituais revela estruturas que organizam relações sociais, reforçam identidades e expressam significados. A partir desta perspectiva, pretendo desenvolver uma comparação dos rituais de iniciação nas universidades brasileiras e argentinas para compreender os significados de

ser médico nestes contextos. Esse questionamento comparativo foi motivado por uma pergunta de um argentino: “Como é ser estudante de medicina no Brasil?”, depois de apresentar resultados iniciais da minha pesquisa de campo em uma sala de aula da Faculdade de Humanidades e Artes da Universidade Nacional de Rosário. Segundo a percepção deste aluno, o médico na Argentina não tem a mesma importância que no Brasil e gostaria de entender o porquê de tantos brasileiros quererem seguir a profissão. Esse fato gerou um debate dentro de sala de aula com o questionamento se o médico é mais valorizado no Brasil ou na Argentina.

Os rituais se tornam uma possibilidade de análise pela sua relevância enquanto fenômeno social que revela dinâmicas de pertencimento. Para Peirano (2003), os rituais são práticas sociais que não apenas reproduzem representações e valores de uma sociedade, mas também os amplificam, tornando visíveis ideias e relações que, de outra forma, permaneceriam implícitas. A definição de Peirano (2003) para rituais são ações sociais que evidencia os processos pelos quais os grupos reafirmam e reinterpretam seus próprios fundamentos simbólicos.

Antropologicamente, Van Gennep (2021) foi um dos primeiros teóricos a considerar que os rituais revelam dinâmicas sociais mais complexas em um determinado contexto. Especificamente, Van Gennep (2021) se debruçou sobre o estudo de ritos de passagem, aqueles “ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social de idade”. A posição social é definida por alguma condição estável ou recorrente, culturalmente reconhecida. Os rituais de passagem são marcados por 3 fases: separação, margem (limiar) e agregação. A primeira, de separação, seria o afastamento da condição anterior, depois o período limiar intermediário, em que estão presentes características ambíguas e, por fim, a reagregação que marca o encerramento do processo ritual.

A partir da teoria de Van Gennep, Turner (1974) desenvolveu suas ideias sobre o “Processo Ritual”, destacando especialmente a fase de liminaridade como um processo ambíguo em que as classificações que normalmente seriam utilizadas para localizar indivíduos não se aplicam. Assim, esse momento de indeterminação possibilita um olhar sobre relações específicas. (TURNER, 1974, p. 59). É nesse instante de liminaridade também que um tipo de laço social entre pessoas que passam pelo mesmo ritual se solidifica, constituindo o que Turner denominou de *communitas*. Em “Dramas, campos e metáforas” (2008), Turner reforça que os laços de *communitas* são antiestruturais uma vez que a definição de estrutura envolve uma diferenciação.

Ainda que os rituais representem momentos específicos da experiência de brasileiros, sstes são elementos teóricos importantes para a análise de como os rituais são processos que geram laços sociais e ao mesmo tempo, reforçam identidades. No contexto brasileiro, a passagem do ensino básico para o ensino superior é marcada por comemorações ritualísticas específicas. O sistema de

ingresso pelos vestibulares é intenso então é comum que as comemorações sejam feitas no inicio da faculdade especialmente em universidades públicas que são famosos por “trotes”<sup>43</sup> com os calouros e festas de recepção do curso. Além disso, é comum marcar com tinta o curso e no antebraço a faculdade e jogar ovo e farinha em cima de quem foi aprovado no vestibular. Os estudantes passam a ser chamados de *calouros*, que simboliza o primeiro ano do curso enquanto estudantes mais antigos geralmente são conhecidos como *veteranos*. Também é muito comum que sejam organizadas grandes festas por estudantes das universidades dos diferentes cursos de graduação conhecidas como “Calouradas”, em que os jovens universitários se reúnem para comemorar.

Com frequência, existem variações sobre a forma que celebrações e comemorações acontecem de acordo com a região do país e o curso de graduação. No caso do Pará, por exemplo, descrevem que se ouve a música “Marchinha do Vestibular”, do Mestre do Carimbó Pinduca e os homens raspam o cabelo enquanto as mulheres amarram um rolo de jornal em formato de fita. Para os estudantes de medicina, faculdades brasileiras também têm organizado um ritual de ingresso específico chamado de “Cerimônia do Jaleco”. A cerimônia tem um juramento em que os alunos vestem pela primeira vez o jaleco que será utilizado nas práticas médicas durante a graduação.

Esses momentos na vida universitária, quando analisados à luz da teoria de Van Gennep (2021) revelam-se como rituais de passagem que ultrapassam a ocasião ritual. No caso específico da medicina, onde a valorização social da profissão se entrelaça com o reconhecimento das dificuldades para ingressar em universidades públicas, as celebrações de aprovação se intensificam, reforçando a identidade de estudante de medicina. Além disso, reforçam laços sociais daqueles que passam por estas celebrações juntas, formando *communitas* entre os estudantes nos termos de Turner (1974). Assim como apontou Webber (2023) ser estudante de medicina já é uma identidade valorizada, reconhecida e reforçada. De acordo com Webber (2023), a condição de ser

“estudante de Medicina” é uma conquista a ser exibida em apresentações públicas e oficiais de si, por meio do uso dos uniformes na vida prática fora das IES [Instituições de Ensino Superior], dos perfis de redes sociais e na identificação de si também em espaços sociais fora da vida acadêmica. (WEBBER, 2023, pag 27)

A partir dessa perspectiva, é possível compreender o porquê de brasileiros reproduzirem comemorações brasileiras na Argentina sobre os rituais de entrada no ensino superior. Quando

<sup>43</sup> Lourdes Bandeira (2017) destaca que a palavra tem relação com o “trotar” a forma domesticada de andar do cavalo e por isso o uso no contexto universitário seria uma forma do/a veterano/a ensinar ao/à calouro/a a como caminhar pelo meio universitário. A análise sobre os trotes feito por Bandeira (2017) questiona práticas violentas que acontecem nos rituais de ingresso à universidade, reproduzindo especialmente violências de gênero.

decidem estudar medicina na Argentina, é comum compartilharem fotos nas redes sociais com as tintas com a abreviação “MED” na testa e os antebraços mostrando os nomes das faculdades argentinas. Enquanto no caso de universidades brasileiras, estas celebrações acontecem em grandes grupos e nos espaços universitários, as celebrações de quem vai para a Argentina parecem ser mais individuais com a família e amigos. Nesse sentido, estes rituais adaptados parecem seguir uma lógica de tentar reproduzir o que aconteceria se estivessem cursando medicina no Brasil. Em Rosário, também existem festas organizadas pelas empresas de assessoria de “Calourada” e alguns pacotes de contrato da empresa incluem o valor do ingresso para a festa.

Em uma entrevista com uma fundadora de uma assessoria estudantil, ela me explicou que estava organizando uma “Cerimônia do Jaleco” para seus assessorados. Em um sábado de manhã, o grupo se reuniria na frente da faculdade para fazer um juramento e tirar fotos com um fotógrafo profissional. Ela me explicou que existe uma importância em organizar celebrações próximas do que acontece no Brasil para valorizar a trajetória de estudos e das dificuldades até chegar na Argentina. As assessorias estudantis comercializam esses eventos ritualísticos, diferentemente do Brasil, onde as festas acadêmicas são organizadas pelos próprios alunos. Essa apropriação mercantilizada busca recriar no exterior elementos da experiência universitária brasileira, servindo tanto como estratégia de negócio quanto como forma de amenizar a distância cultural.

Na Argentina, a tradição universitária é comemorada ao final do curso, momento que é conhecido como *recibirse*. Em teoria, o momento é marcado pelo ato de terminar todos pré-requisitos para obter o diploma e se formar. Na prática, se comemora esse momento depois da aprovação em todas as provas das disciplinas obrigatórias de um curso de graduação. No caso da medicina, os estudantes comemoram reunindo os amigos, família e pessoas próximas em frente a faculdade usando um *ambo* e são jogados ovo, farinha e tinta. Os estudantes normalmente seguram placas com o nome e algumas frases de que se tornarão “doutores” enquanto as pessoas comemoram e tiram fotos. Uma tradição particular das faculdades de medicina é que a roupa utilizada nas práticas médicas, o *ambo*, tem que ser rasgado e cortado como comemoração nesse momento.

Figura 5 – Comemoração de Final de Curso na frente da Faculdade de Ciências Médicas



Fonte: arquivo do campo, 2024

Mesmo que o curso de medicina tenha suas próprias superstições e comemorações, as comemorações e tradições sobre a graduação acontecem em todas as carreiras. Certo dia, eu estava no centro de Pesquisas do Conicet que fica no campus da UNR conhecido como *La Siberia*, vi uma comemoração de uma graduanda em psicologia. Um carro estava passando com a velocidade baixa com o porta-malas aberto e buzinando muito e a estudante suja com farinha e tinta no cabelo segurava uma placa “*Recibime en Psicología*”. Todos os estudantes que caminhavam por ali aplaudiam enquanto ela ia passando e fazendo alguma comemoração por gritos e aplausos.

No caso da Faculdade de Medicina da UNR, existe ainda uma tradição ritualística específica de uma festa conhecida como *Bajada*. No evento, os estudantes formandos se reúnem em frente à Faculdade de Medicina da UNR para caminhar juntos até o Monumento da Bandeira, que dá uma distância de 3,4km. Um dos significados do verbo *bajar* seria descer e por isso podemos traduzir como o movimento de descida. Os formandos são identificados principalmente porque devem estar fantasiados. O movimento de descida da caminhada é aberto e é comum que amigos participem da celebração fazendo a caminhada com os formandos.

No dia de comemoração da *Bajada* na frente da Faculdade de Medicina, é comum que tenha máquinas que fazem uma espuma de sabão e os estudantes levam caixas de som e bebidas alcoólicas para serem tomadas durante o caminho. Depois de chegar no Monumento da Bandeira, os

formandos seguem para uma festa fechada da sua turma em um ônibus, organizado por uma comissão própria. Uma interlocutora me explicou que a bajada parece um “bloquinho de carnaval brasileiro” e que os brasileiros geralmente levam caixas de som tocando músicas de funk.

Figura 6 – Comemoração Bajada 2023



Fonte: Universidade de Rosário, 2023. Disponível em: <https://fcm.unr.edu.ar/bajada-2023/>

A participação brasileira em festas argentinas é marcada por alguns elementos da cultura brasileira nas músicas. Em alguns anos, os estudantes brasileiros organizam uma festa de formatura própria. Uma das professoras da Faculdade de Ciências Médicas me disse que foi convidada em um certo ano e a entrada dos formandos, diferente dos bailes argentinos é com toda a família. Esse foi o momento que ela entendeu também a participação e a importância da família na formação do estudante. Essa psicóloga contou que

eu tenho uma paciente que me contou que um ano antes de se formar [em outro curso de graduação] no Brasil, ela veio [estudar medicina na Argentina], e a família não acreditava que ela viria para fazer o que ela dizia que faria, sabe? Por isso, agora que está prestes a se formar, ela falava da importância de, bem, poder mostrar a eles também.”  
(Lucia, 2024)

Assim, é possível perceber que para muitos estudantes brasileiros a importância de finalizar este curso também é um momento de compartilhar com a família as vivências desse ciclo. Compartilhar o momento de formatura é poder mostrar a vida na Argentina. A formatura representa o momento de finalização do ciclo.

Para além do significado simbólico e afetivo que a formatura médica representa como marco familiar, as trajetórias profissionais nos dois países divergem radicalmente em suas condições

materiais em que são exercidas. Enquanto para os brasileiros a conclusão do curso representa a concretização de um projeto migratório com expectativas de retorno financeiro, na Argentina a realidade salarial apresenta um contraste marcante. Essa disparidade econômica, longe de ser vista apenas como um obstáculo, é interpretada pelos próprios estudantes brasileiros como um indicador das distintas culturas médicas em cada país - onde o prestígio social e a vocação profissional parecem, em certa medida, compensar as diferenças materiais.

Em termos salariais, existe uma diferença grande entre os dois países. Segundo dados divulgados pelo Ministério da Economia<sup>44</sup> brasileiro, a remuneração de um médico recém-formado no Brasil é em média de R\$ 7500,00. Na Argentina, os salários de médicos não tem sido reajustados pela inflação e uma reportagem do UOL revela que os médicos de um hospital em Buenos Aires têm vivido com salários abaixo da linha da pobreza. Em termos comparativos, um médico na Argentina recebe o equivalente USD 5.280 por ano enquanto no Brasil o salário médio para os médicos é USD 23.864 anuais. A diferença salarial percebida pelos brasileiros se revelava como algo positivo e que os médicos argentinos realmente têm uma vocação maior em seguir a profissão. Natália, uma das minhas interlocutoras, contou que em um dia no caminho da faculdade, encontrou o seu professor de cirurgia dentro do mesmo ônibus e isso mostrou como os argentinos possuem uma outra relação sobre a profissão médica.

Na sala de aula com argentinos, falaram sobre as diferenças salariais da profissão entre os dois países, mas os argentinos concordaram que existe uma distinção social pela profissão médica. Dessa maneira, existe uma valorização social diferente entre ser um médico e um professor. E por isso, o ideal da profissão também são aspectos importantes valorizados pelos argentinos. Ainda sobre a reportagem feita por Amanda Cotrim, ela entrevista um médico residente que afirma que

a falta de um salário compatível com a função pode ser explicada por um mito de que os médicos trabalham apenas por vocação. "Amamos a medicina, mas precisamos viver. Essa situação dos baixos salários impacta também nosso emocional. Nossa trabalho exige responsabilidade. Ganhar 900 mil pesos é uma ofensa", relatou Viola. "Não consigo vislumbrar um bom futuro para uma sociedade que não valoriza os seus profissionais de saúde, seja o médico ou qualquer outro da área", afirmou. (UOL, 2024)

A partir deste trecho da reportagem, é possível perceber que médicos residentes reforçam o amor pela medicina, um sentimento de afetividade pelo ideal da profissão e, ao mesmo tempo, criticam as condições materiais para exercer a profissão na Argentina. Na primeira parte deste capítulo, explorei alguns dos significados desse desejo de ser médico. Por um lado, marcado pela

<sup>44</sup> Informação disponível pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED). Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/estatisticas-trabalho>

idealização sobre a profissão e, em outro, pelo retorno econômico e possibilidade de ascensão social. Em comparação, a percepção da profissão do médico como uma vocação é um elemento bastante presente nos dois países. Entretanto, em termos salariais, o médico brasileiro tem uma remuneração mais alta, mesmo em início de carreira.

Em conclusão, a análise comparativa dos rituais de iniciação e formatura em medicina no Brasil e na Argentina revela como essas práticas ritualísticas constroem identidades, reforçam pertencimentos e expressam valores sociais distintos em cada contexto. A partir da base teórica de Van Gennep (2021) e Turner (1974), foi possível identificar que os rituais universitários, desde "calouradas" brasileiras até a *bajada* argentina, são ritos de passagem que estruturaram simbolicamente a trajetória do estudante de medicina e consolidando sua inserção em uma *communitas*.

No Brasil, as celebrações de ingresso, como a pintura de "MED" no corpo e a Cerimônia do Jaleco, evidenciam uma valorização da identidade médica desde o início da faculdade, vinculada ao prestígio social e às dificuldades de acesso ao ensino superior. Esses rituais, muitas vezes coletivos e performáticos, reforçam a noção de que "ser estudante de medicina" (WEBER, 2023) é um status a ser exibido publicamente, refletindo tanto o orgulho individual quanto as expectativas de ascensão econômica. Já na Argentina, por causa do acesso irrestrito ao ensino superior, onde as comemorações se concentram no momento da formatura ("***recibirse***"), observa-se uma ênfase na conclusão do ciclo como marco de legitimação profissional.

A comparação sobre os significados da profissão nos dois países indica que existe uma valorização pela vocação de trabalhar como médico. Uma outra diferença é que existe uma disparidade salarial entre o Brasil e a Argentina com médicos brasileiros recebendo salários significativamente mais altos. Este fato talvez indique que no Brasil a medicina é mais associada a um projeto de mobilidade social, na Argentina persiste um discurso de vocação, mesmo diante da desvalorização material que não apaga, contudo, a valorização simbólica da profissão em ambos os lados.

A partir de rituais universitários, para além de seu caráter festivo, são janelas analíticas para compreender como se articulam prestígio, economia e afeto na construção social da medicina. Se no Brasil a celebração antecipa um futuro de reconhecimento financeiro, na Argentina ela encerra um percurso marcado pelo idealismo – revelando, em ambos os casos, que ser médico é tão mais que uma profissão: é uma identidade ritualisticamente reforçada.

### 2.3 Espanhol como Língua Estrangeira

O domínio de um idioma estrangeiro constitui um elemento central na experiência de estudantes em mobilidade internacional, revelando distintas lógicas de escolha e desafios de adaptação. Nessas trajetórias acadêmicas e profissionais no exterior, a aquisição linguística funciona como mecanismo de acumulação de capital simbólico. Como demonstra Prado (2004) em sua pesquisa sobre intercâmbios no ensino médio, a seleção de destinos -predominantemente países anglófonos- está ancorada na crença de que a proficiência linguística exige imersão cultural. No entanto, quando os estudantes já possuem domínio do inglês, famílias optam por destinos como Alemanha ou França, visando o desenvolvimento de repertórios multilíngues, o que evidencia o intercâmbio como uma estratégia de investimento que precisa ser rentável (PRADO, 2004).

Essa dinâmica, porém, não é universal e para muitos brasileiros que não possuem fluência em um segundo idioma, a escolha de um destino com uma proximidade linguística é um fator decisivo. Este é o caso de brasileiros que vão estudar em Portugal como demonstrou Iorio (2018) que destaca que esse fenômeno explicita desigualdades estruturais, já que o acesso ao aprendizado de línguas estrangeiras no Brasil está intrinsecamente ligado a condições socioeconômicas. Em meu contexto de pesquisa, verifiquei uma lógica semelhante entre brasileiros que optam pela Argentina, atraídos pela suposta semelhança entre português e espanhol. Muitos de meus interlocutores sem qualquer experiência prévia com o espanhol ou qualquer outro idioma além do português. No entanto, longe de ser uma vantagem, essa proximidade muitas vezes se revela uma armadilha: as dificuldades linguísticas, especialmente em contextos acadêmicos, convertem-se em um dos principais obstáculos à permanência, como destacou Angelucci (2020) em seu estudo sobre o aprendizado do espanhol em faculdades de medicina argentinas.

Diferentemente do inglês ou do francês, o espanhol não é percebido como um capital simbólico por muitos desses estudantes, mas uma barreira que os posiciona como estrangeiros. Essa realidade ecoa os desafios enfrentados por estudantes africanos de países de língua oficial portuguesa (PALOP) no Brasil. De acordo com Silva e Morais (2012, p.168), “a língua portuguesa, tal como falada e escrita no Brasil, é considerada um problema na inserção de muitos estudantes, assim que se deparam com o contexto universitário, pois é um dos principais indicadores da sua posição como estrangeiros”.

Na Argentina, essa tensão se intensificou com a recente exigência de comprovantes de proficiência em espanhol para ingresso em universidades públicas – instituições historicamente abertas, graças à Reforma Universitária de Córdoba (1918), que garantiu gratuidade, autonomia e acesso irrestrito como pilares do ensino superior. O movimento foi um marco na democratização do ensino superior na América Latina e foi liderado por estudantes defendendo a autonomia

universitária, a gratuidade do ensino, a participação discente no governo das instituições e a vinculação da universidade com as demandas sociais. Essa mudança revela uma ambiguidade: o mesmo sistema que promove inclusão para argentinos pode excluir aqueles que não têm a desenvoltura comunicativa a princípio por meio de exigências linguísticas.

Essa contradição entre os princípios inclusivos da Reforma de Córdoba e as novas barreiras linguísticas impostas a estudantes estrangeiros exige uma análise mais profunda do marco legal que rege o ensino superior argentino. Para compreender essa tensão na prática, é necessário examinar a legislação vigente, começando pelo artigo 4 da Lei de Educação Superior 24.521/1995, que estabelece os parâmetros oficiais para o acesso à universidade pública. De acordo com o documento,

**"ARTIGO 4º.-** O Estado Nacional, as Províncias e a Cidade Autônoma de Buenos Aires têm a responsabilidade principal e intransferível de oferecer uma educação integral, permanente e de qualidade para todos os habitantes da Nação, garantindo a igualdade, gratuidade e equidade no exercício desse direito, com a participação das organizações sociais e das famílias. (tradução própria)

A partir do exposto acima, a questão que se impõe é sobre a determinação de quem é considerado um “*habitante nacional*”<sup>45</sup>. No caso brasileiro, existe uma facilitação para obter os documentos de residência temporária pela proximidade e acordos estabelecidos através do Mercosul. O contexto político e os processos de documentação dos brasileiros serão aprofundados no capítulo 3 com a análise sobre questões migratórias. Segundo Angelucci (2020), a Ley de Educación Superior n. 24.521/1995 estabelece como requisitos básicos para ingresso no ensino superior: (1) a conclusão do nível médio; e (2) processos avaliativos específicos para candidatos maiores de 25 anos que não atendam a esse requisito formal de escolaridade.

Entretanto, algumas faculdades criam pré-requisitos específicos para a entrada que, na prática, acabam por limitar o acesso irrestrito previsto na legislação argentina. No caso da Universidade de Buenos Aires (UBA), existe uma exigência de um curso de formação relacionado com o conteúdo do ensino básico para aquela carreira. No caso da medicina, é um curso básico com o foco em disciplinas de biologia e química conhecido como Ciclo Básico Comum (CBC). Alguns estudantes destacaram a exigência do CBC em Buenos Aires como um motivo para não se matricular na universidade da capital argentina.

---

<sup>45</sup> É importante destacar que nem todos os migrantes na Argentina passam pelo mesmo processo, como é o caso de migrantes haitianos as possibilidades para obter os documentos para residência são mais complicados. As análises sobre as documentações e o contexto político mais recente vão ser exploradas no capítulo 3 em uma análise sobre o processo migratório.

Em relação às exigências da proficiência do espanhol, as universidades argentinas passaram a aplicar uma política para os estudantes que não são de países que têm o espanhol como língua oficial. A legislação sobre educação superior não traz nenhuma determinação quanto ao domínio da língua e à consequente comprovação, ficando por conta de cada instituição estabelecer seus próprios critérios sobre a questão. Na Universidade Nacional de Rosário (UNR), a certificação passou a ser exigida para todos os seus estudantes não *hispanohablantes* em 2017. A política foi aprovada depois do aumento de estudantes estrangeiros matriculados na universidade e pelas dificuldades de aprendizado em sala de aula.

Essa exigência foi inesperada para muitos ingressantes e assessorias. A medida foi interpretada por alguns como uma forma de barrar a entrada de brasileiros considerando que muitos iniciam a formação na Argentina sem dominar o espanhol e vão aprendendo com o tempo, durante o primeiro ano cursado (ANGELUCCI; POZZO, 2020). A preocupação institucional sobre estudantes estrangeiros está descrita no documento de *Ordenanza* 728 da UNR determinou a comprovação da proficiência no idioma do espanhol considerando

A dificuldade linguística dos alunos de graduação “no hispanohablantes”<sup>46</sup>, percebida tanto pela falta de entendimento como de expressão, o que torna a permanência em sala de aula maior do que períodos de tempo razoáveis e transforme o espaço acadêmica em um âmbito de aprendizado linguístico. (tradução própria)

O documento segue descrevendo que, para a verificação da proficiência serão aceitas a avaliação da própria universidade, o Diploma de Competência em Língua Espanhola como Língua Estrangeira (DUCLE), ou ainda, outras certificações internacionais que utilizam o Marco Comum Europeu de Referência para a Língua (MCERL). Outras políticas universitárias de comprovação de proficiência em outras universidades argentinas que exigem reconhecimentos de proficiência são descritas ao longo do texto, em uma tentativa de demonstrar que não é uma prática exclusiva da UNR. A determinação da UNR é de que todos os estudantes **no hispanohablantes** que desejarem se matricular em cursos de graduação ou pós-graduação deverão comprovar o conhecimento do idioma espanhol com o nível Intermediário (B2). E, no caso dos estudantes de pós-graduação, devem comprovar o nível Avançado (C1) antes da defesa final.

A certificação da universidade, o DUCLE, foi criada em 2005 como parte do Programa Acadêmico de Espanhol como Língua Estrangeira (PRAELE) na Faculdade de Humanidades e Artes da Universidade Nacional de Rosário. De acordo com a apresentação institucional, o

<sup>46</sup> O *hispanohablante* é a categoria utilizada por argentinos para se referirem as pessoas que tem o espanhol como língua materna. Na prática, a determinação é válida para estudantes cuja nacionalidade é de um país que não tem o espanhol como língua oficial.

programa é mais antigo e existe desde 1997, considerando um contexto de aumento de estudantes estrangeiros na universidade, o aumento do fluxo de migrantes na cidade e demanda pelo aprendizado do idioma internacionalmente.

A prova é composta por 4 partes para avaliar o domínio linguístico-comunicativo: leitura (compreensão escrita), escrita (produção escrita), escuta (compreensão oral) e fala (produção oral). Para obter o nível B1, o candidato precisa atingir uma média total de 45% e atingir este mínimo em cada uma das áreas de avaliação. Para o nível B2, a média geral deve ser 75% e uma das áreas pode ser menor desde que superior a 45%. Em 2024, o custo de inscrição da prova do DUCLE é de USD 100 e as provas aconteciam de forma online. Para solicitar a revisão da prova, cobrava-se uma taxa de USD 25 com o resultado definitivo depois do parecer de revisão.

A outra certificação aceita pela UNR é o *Servicio Internacional de Evaluación de la Lengua Española* (SIELE) que tem um custo aproximado de USD 160. O exame é promovido pelo Instituto Cervantes, da Universidad Nacional Autónoma de México, a Universidad de Salamanca e da Universidad de Buenos Aires para garantir uma igualdade na avaliação. A prova do SIELE tem uma estrutura de avaliação semelhante ao DUCLE dividida por Compreensão escrita, Compreensão oral, Expressão oral e Expressão escrita. O SIELE é uma prova de certificação bastante conhecida e reconhecida como comprovação e possui centros de aplicação espalhados por todo o mundo.

Os estudantes geralmente optam pelo DUCLE principalmente pelo custo do exame ser mais baixo. Entretanto, alguns estudantes optaram por realizar a certificação do SIELE por acreditarem que tem um processo de avaliação mais transparente. Escutei relatos de estudantes que afirmaram que foram reprovados no exame do DUCLE por falhas técnicas de sua conexão com a *internet* sem a possibilidade de refazer a prova. Em alguns casos, ouvi reclamações de que as gravações das provas de Compreensão Oral tinham muitos ruídos que dificultavam o entendimento ou que muitas vezes eram reproduzidas em volumes bastante baixos. Por fim, alguns estudantes afirmaram que avaliador os reprovou sem critérios definidos e que, mesmo depois da revisão, os pareceres não justificam a avaliação sobre a proficiência linguística. Nesse ponto da falta de critérios sobre a prova, muitos estudantes afirmam que conhecem brasileiros que foram aprovados sem saber se comunicar enquanto outros amigos tiveram que refazer a prova várias vezes. Entre os estudantes, a aplicação da prova do DUCLE pela própria UNR é mal vista e uma medida para “arrancar dinheiro dos estudantes estrangeiros”.

Por esse motivo, alguns defendem que a melhor comprovação é o SIELE, em que existe a possibilidade de refazer algumas das etapas em que não se obteve a nota mínima para obter uma nova certificação, enquanto que no DUCLE é preciso refazer toda a prova. Além disso,

consideravam que é uma prova mais justa pela possibilidade de ser presencial em centros de aplicação ou de forma remota em centros com uma fiscalização sobre a prova.

Uma questão que permanece é a observação de Angellucci (2020) sobre a maior preocupação dos estudantes não consistir em realmente aprender o idioma, mas obter o pré-requisito para estar matriculado no curso de medicina. Considero que essa é uma preocupação entre os estudantes, mas os estudantes também entendem a importância da fluência para acompanhar as aulas e na vida cotidiana. Era bastante comum que os estudantes descrevessem as dificuldades de ser um aluno **estrangeiro** e as dificuldades de tentar traduzir expressões e vocabulários para se comunicar em sala de aula e para realizar provas orais. A experiência de estar em um outro país, se adaptando a um novo sistema universitário e um novo idioma é complexa.

Luana foi uma das estudantes do primeiro ano que compartilhou que nunca havia tido contato com outro idioma além do português. Nos conhecemos em março na minha primeira ida ao campo quando ela havia chegado há cerca de um mês e depois tive a oportunidade de reencontrá-la em setembro. Ela é de Brasília e foi para a Argentina logo depois de terminar o ensino médio e me contou que havia feito aulas de espanhol obrigatórias no currículo básico, mas que a comunicação foi uma grande dificuldade. No início do ano, quando a conheci, ela contou que a família não teria condições financeiras para contratar assessorias para fazer os processos de documentação. Assim, Luana me falou bastante sobre como foi um processo de amadurecer e conseguir resolver problemas “**correndo atrás de tudo**” e como organizava seu tempo entre as documentações e a faculdade. Ela falou com bastante expectativa sobre as aulas do curso de medicina e que pretendia se dedicar bastante aos estudos para seguir o seu sonho.

Em setembro, quando nos reencontramos, ela estava retornando para Brasília porque havia sido reprovada no primeiro ano. Seus planos eram voltar para o Brasil, trabalhar meio período como atendente em uma loja de seu tio para conseguir juntar dinheiro e retornar no ano seguinte para a Argentina. Luana falou que aquele tinha sido um ano muito intenso e de muitas adaptações e começou a relatar principalmente as dificuldades de se comunicar em sala de aula e entender o espanhol. Como a avaliação acontece pela participação, ela foi reprovada na disciplina e terá que cursar novamente o primeiro ano. Eu perguntei se ela pensou em registrar o que aconteceu e fazer uma denúncia formal, mas Luana falou que não queria se expor no processo. De acordo com Angellucci (2020), o domínio do idioma se coloca como um dos fatores decisivos na permanência ou abandono do curso. A pesquisa de Angellucci (2020) mapeou casos de evasão motivados pelas dificuldades linguísticas. Nesses casos ocorre ou a migração de retorno para o Brasil definitiva ou o trancamento do curso por um período durante o qual estes estudantes se dedicam ao estudo do idioma.

Para as duas professoras que tive contato, existe um problema que não tem uma solução definitiva. Lucia compartilhou que percebe que existem muitos grupos de brasileiros que se reúnem e falam somente português nos intervalos entre aulas. Como uma forma de ajudar os alunos e incentivar que falem em espanhol, ela diz que sempre passa pelos corredores falando para brasileiros não conversarem em português. Lucia também contou o caso de um grupo de alunas brasileiras que se reuniram para dizer que se sentiam excluídas das dinâmicas, o que nunca tinha acontecido por que sempre se esforça para aplicar dinâmicas e metodologias para integrar e acolher estudantes. Em sua percepção, esse grupo de alunas sempre sentavam juntas e não davam espaço para interagir com os colegas argentinas. Como solução, começou a determinar lugares que fizesse com que o espaço fosse mais misturado. Entretanto, como educadora, a questão e a dificuldade que fica para ela é como pensar em metodologias para acolher todos os seus estudantes.

Susana compartilhou a mesma percepção sobre os grupos de brasileiros e me contou que passou a perceber que sempre que precisavam comunicar uma questão, seja administrativa ou sobre o conteúdo, os brasileiros estavam juntos. Ela percebeu que, entre os grupos, era sempre somente um aluno que falava diretamente com ela, o que funcionava como uma dinâmica de intérprete e tradutor. Para incentivar a prática do espanhol, ela passou a perguntar para os alunos porque os outros não falavam, o que era interpretado pelos alunos como uma atitude grosseira e muito rígida, o que a torna uma professora pouco aberta para as dificuldades dos brasileiros.

Na verdade, essas professoras demonstravam sensibilidade em relação ao processo de aprendizagem do espanhol e compreendiam algumas das dificuldades envolvidas. No entanto, também questionavam como seria possível estudar em outro país sem dominar o idioma local. Essa mesma dúvida surgiu quando apresentei os primeiros resultados da minha pesquisa em uma turma de estudantes argentinos. Um deles me perguntou: "No Brasil, as aulas na universidade são em qual língua? Se eu quisesse estudar na sua universidade, precisaria aprender português?". Em seguida, o estudante complementou dizendo que não entendia por que **a exigência do espanhol era uma surpresa** para os brasileiros. Naquele momento, expliquei que as aulas eram ministradas em português, mas que a universidade contava com políticas de apoio para estrangeiros. Citei como exemplo o Programa de Ensino de Português ProAcolher, voltado para migrantes e vinculado ao Núcleo de Pesquisa de Português para Estrangeiros (NEPPE) da Universidade de Brasília, analisado por Xavier (2020). Trata-se de uma iniciativa voluntária, criada justamente para atender à demanda por um ensino gratuito e acessível do português como língua de acolhimento (XAVIER, 2020).

Quando cheguei na Argentina, em uma das primeiras conversas me informaram que um grupo de estudantes estava organizando um curso de espanhol para os estudantes estrangeiros.

Esse curso estava sendo organizado por estudantes da Agrupacion de Lucha por los Derechos de los Estudiantes (ALDE), uma agrupação estudantil da Faculdade de Ciências Médicas. As “agrupações”<sup>47</sup> funcionam em um sistema próximo com o de centros acadêmicos brasileiros, com a particularidade de serem grupos políticos permanentes. Além da ALDE, uma outra agrupação organizada que ocupava uma posição de oposição mais alinhada a ideologias de centro-direita é a Impulso, que são representadas pela cor roxa. Em eleições estudantis, os alunos são votados para compor parte do conselho universitário. No momento em que estava na Argentina, a ALDE possuía maioria no conselho.

O grupo da ALDE tinha uma ideologia política mais de esquerda e depois da entrada de brasileiros na agrupação, estava mais sensibilizado em desenvolver políticas para estes brasileiros. O curso de espanhol foi organizado por brasileiros da agrupação que me falaram que entendiam quais são as dificuldades de outros brasileiros em aprender o idioma. Os estudantes criticavam o “livre acesso” a educação quando não se tinha políticas efetivas para garantir a permanência de estudantes brasileiros. Para muitos estudantes, institucionalmente, a faculdade de medicina da UNR deveria estar mais aberta para compreender a situação dos “estudantes estrangeiros” e adotar uma flexibilidade maior em certas determinações, como a comprovação da proficiência e a fluência em provas orais. A flexibilidade sobre a comprovação linguística acontece nas universidades particulares, como na UAI, por exemplo, em que se o aluno não atinge o mínimo exigido, a faculdade oferece um curso de espanhol para o primeiro ano com carga horária de 40 horas.

Para um segundo conjunto de estudantes brasileiros, é preciso reconhecer que existe uma oportunidade em poder cursar medicina no exterior e “**se esforçar**” para se adaptar à cultura de um novo país. Esses brasileiros começam a se preparar para a vinda para a Argentina com cursos intensivos e consumir muitos produtos culturais em espanhol como filmes, séries e músicas e o idioma não é uma dificuldade. Como não sentem tantas dificuldades com o idioma, passam a considerar que aqueles que não conseguem se comunicar é resultado de círculos e vínculos sociais somente entre brasileiros sem integrarem-se com a cultura ou a língua.

Além da “**falta de esforço**”, existe uma noção da proximidade do português e espanhol difundidos por estudantes e por empresas de assessorias. Pela formação linguística dos dois idiomas, a estrutura gramatical e alguns fonemas são bastante semelhantes. De acordo com Angelucci (2020), a falsa noção de semelhança e do aprendizado da língua como um processo fácil se torna uma frustração para muitos brasileiros que migram sem dominar o idioma. A quebra de

<sup>47</sup> Na Argentina, uma *agrupación* é um coletivo ou organização permanente, geralmente estudantil, política ou social, que se forma para defender interesses comuns, como direitos estudantis, causas políticas ou movimentos sindicais. Esses grupos são comuns em universidades e atuam como espaços de mobilização e representação coletiva. Nas universidades, são estes grupos que disputam eleições para compor a representação estudantil na universidade.

expectativa da fluência era um tópico importante e escutei muitas histórias de confusões e misturas dos dois idiomas. Como exemplo, Pedro foi um dos estudantes que me contou que entendeu a diferença dos dois idiomas “logo no primeiro dia”. Ele me falou que em seu primeiro dia, decidiu comer no McDonalds porque seria a mesma coisa que o Brasil. Depois de receber a bandeja com os sanduíches e refrigerantes, a atendente pergunta se ele quer “*sorbeté*”. Ele me conta que fica muito feliz por essa oferta e pensa que é alguma propaganda ou promoção especial, mas em seguida descobre que “*sorbeté*” em espanhol é canudo e o sorvete no português é “*helado*”.

Vanessa foi uma das estudantes que também concordou que foi difícil se adaptar. Ela veio para a Argentina em 2021 por conhecer uma amiga que veio para a cidade e compartilhou que o espanhol era uma dificuldade tão grande que dedicou o seu primeiro ano na Argentina apenas para entender o idioma. Para conseguir aprender, entrou para um clube de livros em uma biblioteca pública enquanto trabalhava na cidade. De acordo com Vanessa,

Eu vim com uma assessoria. É, a assessoria não me explicou muito. O espanhol e a maioria das pessoas, inclusive essa minha amiga, falavam que “não, quando você chegar lá você vai conseguir” e não é bem assim. Porque foi aprender na marra, né? Então foi muito difícil. (Vanessa, 2024)

Alguns estudantes desenvolvem certas estratégias para desenvolver a proficiência no espanhol ao tentar se inserir em grupos sociais com argentinos. A religião desempenha um papel importante na integração de brasileiros com a cultura argentina. Conheci estudantes que decidiram ser voluntários em uma igreja católica no curso de primeira comunhão para crianças e outros estudantes evangélicos se inseriram em grupos da igreja com argentinos. A participação de brasileiros em igrejas argentinas também começou por programas dentro da igreja. Em uma igreja batista que conheci, uma brasileira me falou que foi por causa de um curso de espanhol para estrangeiros que os brasileiros passaram a frequentar a igreja.

Outros estudantes que conheci buscavam fazer amizades e se relacionar com argentinos. Flavia foi uma destas brasileiras que falou que se sentiu integrada com a cultura argentina depois de namorar um argentino. Por causa da prova de proficiência em que ela não obteve o mínimo para passar, para praticar o espanhol decidiu sair com um argentino que conheceu no Tinder, um aplicativo de relacionamento. De acordo com ela,

Eu tinha passado em tudo e não tinha passado na parte oral. Aí pensei “não, vou ter que dar meus pulos né”, aí comecei a sair e inclusive, eu comecei a sair com ele e falei assim, “olha eu tô para fazer uma prova e quero que você me ensine o espanhol” e tudo bem aí depois conheceu mais, né? mas foi assim. (Flavia, 2024)

Quando conheci Flavia, ela já tinha terminado esse relacionamento, mas disse que foi muito importante para conhecer a vida argentina. O caso de Flavia é importante para apresentar que existe a preocupação em obter a certificação de proficiência, mas também consideram que o idioma é um aspecto importante da comunicação para a vida cotidiana. Para Flavia, uma das maiores dificuldades de adaptação foi o espanhol, mas “quando a gente aprende o espanhol e fala um pouco mais com o sotaque deles aí sim eles são mais abertos com a gente”. Nesse sentido, entendo que os estudantes consideram que existe uma percepção da importância do idioma, também fora do ambiente universitário. Assim, mesmo que Angellucci (2020) considere que a exigência de certificados de proficiência faz com que o aluno esteja mais focado em obter o certificado do que desenvolver a capacidade de comunicação e aprendizado, acredito que os estudantes de medicina reconheçam a importância da fluência.

Existe uma certa disputa institucional sobre a presença dos brasileiros dentro da Faculdade de Ciências Médicas. O aprendizado do espanhol é uma das dificuldades dos brasileiros dentro da faculdade. O outro aspecto que se revela como uma dificuldade é a quantidade de estudantes matriculados. Sobre o movimento de brasileiros na universidade Lucia considera que

Então, eu concordo com essa ideia de abrir as portas, digamos. O que acho complicado é a quantidade. E como podemos pensar na adaptação deles à nossa universidade? E na nossa adaptação também, com tantos jovens de outros países. Acho que o que impacta, em geral, é o número [de estudantes brasileiros]. Esse ano, eu tinha uma aluna da Venezuela, uma do Equador, um espanhol e, em uma das turmas, uma garota do Chile. Então, a gente pensa: qual é a diferença? (Lucia, 2024)."

A partir do exposto acima, para Lucia a preocupação institucional é como acolher os brasileiros que chegam em um fluxo migratório bastante intenso por dois motivos. A primeira se relaciona com a metodologia PBL que pressupõe grupos pequenos de discussão e acompanhamento dos docentes. Para conseguir acomodar todos os estudantes, muitas vezes os professores são sobrecarregados com turmas maiores. Para Lucia, a segunda questão sobre o fluxo de brasileiros é a comunicação e a fluência no espanhol. Ela destaca que conhece estudantes excelentes brasileiros, mas percebe que existe uma grande dificuldade sobre a comunicação e acompanhamento das aulas. A seguir, pretendo desenvolver com mais profundidade a questão do ensino de medicina e as metodologias de ensino.

#### **2.4 Estudantes brasileiros aprendendo medicina: Desafios e Experiências**

Nesta seção pretendo desenvolver uma análise sobre a experiência de brasileiros nas faculdades argentinas. Em 1920, foi inaugurado o Hospital Centenário com o propósito de ser um grande hospital para a cidade que estivesse integrado a um centro de ensino de medicina. A

integração do ensino médico com as práticas clínicas foram formuladas e disseminadas principalmente pelo Relatório Flexner (1910)<sup>48</sup>. Para contextualizar, Abraham Flexner foi um médico que realizou uma pesquisa extensa em escolas médicas nos Estados Unidos e no Canadá para propor como deveriam ser as bases do ensino médico. Sobre o Hospital Universitário, Flexner (1910) descreveu que deveria ter uma estrutura própria ambulatorial e clínica e o objetivo deveria ser estimular a formação médica e o desenvolvimento tecnológico da prática.

A primeira etapa de formação deveria ser uma ampla formação em física, química e biologia que poderia ser comprovada por uma formação específica durante a escola secundária ou, por, no mínimo dois anos, durante o ensino superior. A próxima etapa da formação médica seria o aprendizado das teorias e hipóteses sobre o corpo humano, considerando que o primeiro ano teria foco em anatomia (incluindo histologia e embriologia) e fisiologia (incluindo bioquímica) e o segundo ano com foco em farmacologia, patologia, bacteriologia e diagnóstico físico. Nesse momento, Flexner (1910) define que os professores de medicina deveriam ser pesquisadores ativos com um rigor metodológico para o estudo das ciências. O próximo ciclo de formação (terceiro e quarto ano) é o clínico, que incluiria uma rotação entre áreas do hospital. As aulas aconteceriam em pequenos grupos e o estudante acompanha os casos, conduzindo alguns exames físicos, propondo diagnósticos e sugerindo tratamentos sob a supervisão de um tutor responsável. Depois da finalização da graduação, Flexner (1910) sugere a especialização por programas de pós-graduação, as residências médicas.

De maneira geral, a organização curricular proposta por Flexner (1910) permanece como um método tradicional de ensino de medicina. No caso da Universidade de Buenos Aires (UBA), a duração total é de 7 anos para o curso de graduação de medicina. O currículo é composto pelo Ciclo Básico Comum (com um enfoque em conteúdos de nível básico de biologia, bioquímica e biofísica) com duração de 1 ano, o Ciclo Biomédico com duração de 3 anos e o Ciclo Clínico com duração de 3 anos. Entre os meus interlocutores, muitos afirmavam que não queriam ter que estudar um ano a mais “as matérias do ensino médio” e essa era um dos motivos para escolher a Universidade Nacional de Rosário (UNR).

No caso da Universidade de Rosário, uma reforma curricular importante foi aprovada em 2001. No documento de apresentação do novo currículo, critica-se o modelo de formação médica flexneriano, que, segundo o texto, “considera o indivíduo como o centro da atenção médica e se

<sup>48</sup> O documento pode ser considerado bastante inovador em alguns de seus pontos como ao critica ao ensino privado da medicina. Flexner (1910) argumenta por uma ampla defesa da saúde como um serviço público e defendia que nenhum estudante deveria ser impedido de se tornar médico por falta de condições financeiras para pagar por seus estudos. Por outro lado, o documento argumenta que mulheres deveriam estar restritas a atuarem em algumas especialidades e que pessoas negras deveriam atender somente pessoas de sua própria cor.

sustenta no argumento de que a problemática da saúde é um processo individual, isolado dos contextos sociais, comunitários e/ou familiares” (tradução própria). A principal crítica recai sobre o caráter biologicista da formação, centrado nos processos de saúde e limitado ao espaço do hospital universitário. A proposta da reforma, portanto, é promover uma formação médica que incorpore abordagens científicas, antropológicas, sociais e humanísticas, valorizando os determinantes sociais da saúde e ampliando a perspectiva para além do conhecimento técnico-científico no cuidado aos pacientes.

A maior mudança é que a faculdade passou a adotar uma metodologia de aprendizagem ativa, o Método de Aprendizagem por Problema (PBL). Como mencionei acima, a metodologia foi desenvolvida por médicos no Canadá e considera que o aluno deve ter uma participação ativa em sua formação e o conteúdo é passado por situações problemas que são discutidas. A Resolução N° 158/2001 da Universidade Nacional de Rosário determina esta mudança e a sua implementação na Faculdade de Ciências Médicas com um Mapa Curricular da Graduação em Medicina, apresentado abaixo.

Figura 7 – Mapa Curricular da Graduação em Medicina UNR

Facultad de Ciencias Médicas - Universidad Nacional de Rosario

MAPA CURRICULAR CARRERA DE MEDICINA 2001									
Objeto de estudio	0 Ciclos	Areas Específicas				Area Instrumental			
		Eje estructurante: Ciclo Vital							
		Niñez	Adolescen cia	Aduldez Joven	Aduldez Mayor				
P R O C E S O  S A L U D  E N F 	PROMOCION DE LA SALUD  (72 Semanas)	<u>CRECIMIENTO Y DESARROLLO</u>				INGLES INFORMATICA METODOLOGIA DE LA INVESTIGACION			
		<u>NUTRICION</u>							
		<u>SEXUALIDAD GENERO Y REPRODUCCION</u>							
		<u>TRABAJO Y TIEMPO LIBRE</u>							
		<u>EL SER HUMANO Y SU MEDIO</u>							
PREVENCION DE LA ENFERMEDAD  (36 Semanas)	DIAGNOSTICO TRATAMIENTO RECUPERACION  (72 Semanas)	<u>INJURIA</u>							
		<u>DEFENSA</u>							
		<u>ELECTIVAS</u>							
		<u>CLINICA PEDIATRICA</u> (25 Semanas)		<u>GINECO – OBSTETRICIA</u> (18 Semanas)					
		<u>ELECTIVAS</u>		<u>CLINICA QUIRURGICA</u> (18 Semanas)					
<u>CLINICA MEDICA</u> (47 Semanas)									
PRACTICA FINAL (1728 Horas)									
<u>PEDIATRIA</u>									
<u>CLINICA MEDICA</u>									
<u>CLINICA QUIRURGICA</u>									
<u>GINECO - OBSTETRICIA</u>									

Fonte: Resolución C.S. N° 158/2001, UNR

O primeiro ciclo é a Promoção da Saúde (*Promoción de la Salud*) que forma o primeiro ciclo de estudos nos dois primeiros anos. No primeiro ano desse ciclo, são duas disciplinas: Crescimento e Desenvolvimento (*Crecimiento y Desarrollo*) e Nutrição (*Nutrición*). No segundo ano, há as disciplinas de Sexualidade, Gênero e Reprodução (*Sexualidad Genero y Reproducción*), Trabalho e Tempo Livre (*Trabajo y Tiempo Libre*) e o Ser Humano e seus Meios (*El Ser Humano y su Medio*). Estas disciplinas acompanham o ciclo de desenvolvimento do ser humano desde a infância até o envelhecimento e os conteúdos de anatomia, fisiologia são apresentados de formas interrelacionados com questões de contextos sociais. Considerando o método pedagógico, os conteúdos são apresentados através de **Unidades Problemas (UP)**.

O segundo ciclo é a Prevenção de Doenças (*Prevención de la Enfermedad*) com duração de um ano em que é obrigatório cursar a disciplina de Doenças (*Injuria*) e outra de Imunidade (*Defensa*). Neste segundo ciclo, os alunos também devem cursar disciplinas optativas (*Electivas*) de acordo com o seu interesse. O terceiro ciclo é o “Diagnóstico, Tratamento e Recuperação” (*Diagnóstico, Tratamiento y Recuperación*) com duração de 72 Semanas se relaciona com a rotatividade clínica entre áreas médicas como cirurgia, pediatria e gineco-obstetrícia. Por fim, o último ano é composto pela Prática Final de Clínicas (PFO).

Em relação ao método de aprendizagem, as disciplinas são formadas por seminários que acontecem em auditórios grandes e turmas de tutoria em grupos menores, em que os estudantes são acompanhados por um tutor. O controle sobre a presença e participação acontece principalmente para as turmas de tutorias em que os alunos são incentivados a debater as unidades problemas.

O sistema avaliativo consiste em duas etapas: provas parciais de múltipla escolha e uma avaliação oral chamada "mesa", conforme mencionado anteriormente. A aprovação na prova parcial é requisito para a prova oral, que funciona como exame final. Nessa etapa, os alunos são agrupados por ordem alfabética de sobrenomes em diferentes turnos e avaliados por professores da instituição, cujas especializações variam. A avaliação é composta por duas atividades: provas parciais que são de múltipla escolha e uma prova oral que é denominada de *mesa*, como afirmei acima. A dinâmica das "**mesas**" é flexível: não há padrão definido quanto ao formato das perguntas ou à duração, que pode variar de quinze minutos a uma hora, conforme o desempenho do estudante e o critério dos avaliadores.

No dia destas avaliações finais, os alunos esperam a sua vez de serem chamados para entrar na sala de provas em um corredor comprido da Faculdade de Ciências Médicas da UNR. Os estudantes ficam com cadernos, livros e apostilas revisando os conteúdos em voz baixa e treinando as respostas para possíveis perguntas das unidades problemas. Quando cheguei em março de 2024,

na primeira vez que fui para a universidade estava acontecendo as *mesas* e, ao mesmo tempo que os corredores estão cheios de alunos, é um momento durante o qual se pode perceber a tensão no ar. Uma estudante com quem conversei, Juliana disse que a pior experiência das mesas é “a saída da prova”. De acordo com ela,

Assim que você abre a porta para sair, vem um grupo enorme dos alunos esperando a sua vez de serem chamados e tentando descobrir quais foram as perguntas que te fizeram. Se você foi aprovado, você só quer ir para casa dormir, descansar e comemorar e se você foi reprovado, a vontade é só ir para casa para chorar e se preparar para a próxima prova (Juliana, 2024)

O sistema educacional argentino é composto por avaliações orais desde o ensino básico. O relato sobre o processo publicado por Alcides Greca (2002), professor da Faculdade de Ciências Médicas afirma que a discussão de casos práticos aproxima o estudante da realidade do trabalho médico. Para além disso, considera que o estresse emocional são sentimentos normais e aprender a lidar com estas sensações é importante para o estudante. O professor afirma o seguinte sobre o processo de avaliação da nova estrutura curricular:

Sou a favor de manter algumas formas de avaliações formais, parciais e finais, com uma orientação claramente teórico-prática, envolvendo pacientes e com ênfase na resolução de problemas diagnósticos e terapêuticos, examinando mais do que conteúdos isolados, a capacidade de desenvolver linhas coerentes de raciocínio clínico e de busca por soluções. Não acredito que devamos eliminar totalmente a sensação de estresse. O estresse emocional acompanhará o médico muitas vezes na tomada de decisões em sua prática cotidiana, e o aluno deverá aprender a lidar com ele dentro de limites razoáveis desde a graduação. O que deve ser totalmente eliminado dos processos de avaliação de resultados é qualquer forma de exposição ao ridículo e qualquer tipo de punição, pois isso só fará com que o aluno esconda suas fragilidades por medo e se veja impedido de corrigi-las (ALCIDES GRECA, 2002, tradução própria)

O nível de exigência da UNR é um tópico de discussão entre os estudantes. Por um lado, conheci muitos estudantes que concordam com a percepção de Alcides Greca. Consideram que as provas são coerentes com a responsabilidade do trabalho médico e que deve ser um processo de amadurecimento do estudante. Nesse sentido, as dificuldades são parte de uma universitária normal. Lucia, professora da Faculdade de Ciências Medicas, em sua entrevista também destacou essa percepção, afirmando que muitas vezes as críticas de brasileiros sobre a universidade são parte de um processo de mudança e adaptação ao ensino superior.

Para um outro grupo de estudantes, existe uma percepção particular de dificuldades para estrangeiros e os estudantes brasileiros são avaliados no conteúdo, mas também pelo nível de

fluência do espanhol. As *mesas* são o motivo de estresse e nervosismo e alguns alunos relatam situações em que se sentiram discriminados por serem percebidos como estrangeiros. Durante o tempo que estava em Rosário, escutei mais de uma vez essa expressão sobre a “**UNR ser uma máquina de moer**” o que como antropóloga começou a chamar minha atenção. Decidi perguntar para a Natália como surgiu essa fama sobre a UNR e ela me falou que foi uma reportagem de um jornal argentino.

Em realidade, o registro que encontrei foi uma reportagem da Globo News de junho de 2020<sup>49</sup>. Naquele momento, o presidente Bolsonaro indicou Decatelli para ser ministro da educação, cujo currículo divulgado na plataforma Lattes informava que era doutor em educação pela Universidade de Rosário. Após uma pesquisa com a instituição, descobriu-se que o doutorado não havia finalizado e na realidade ele havia cumprido somente os créditos de disciplinas, mas não havia desenvolvido uma pesquisa nem feito a defesa em banca. Na reportagem de Ariel Palácios, o correspondente da GloboNews na Argentina, comenta sobre a qualidade da universidade afirmando o seguinte:

A UNR é uma das universidades de maior prestígio no país e é famosa pelas faculdades, por exemplo de medicina e agronomia. Ela é famosa por esse rigor que você citou e vários ex-estudantes a definem como uma Máquina de Moer e não é a toa que o lema da faculdade é *Configere Hominem Cogitantem* (Latim) ("Formando Pessoas de Pensamento") (Ariel Palácios, 2020)

Existem dois sentidos principais atribuídos sobre a dificuldade da faculdade. O primeiro se relaciona com essa visão de que o ensino médico deve preparar para a realidade do trabalho que lida com a vida e a morte. Nesse sentido, os estudantes acreditam que “ser responsável por uma vida é muita responsabilidade e por isso a faculdade cobra tanto” e “a faculdade deve ser assim mesmo para preparar melhor o médico”. A visão sobre a responsabilidade médica durante o ciclo final da faculdade de medicina também foi apontada por Becker et al (2007), principalmente quando se iniciam as práticas médicas.

Para outros estudantes, a dificuldade da UNR é desproporcional e não deveria ser assim. A grande quantidade de estudantes matriculados, para muitos, é um dos fatores que torna a universidade desorganizada e o nível de exigência muito grande. Normalmente, estes estudantes já estão adaptados à cidade de Rosário e não querem se mudar outra vez e acabam por se matricular em outras universidades da cidade. Em uma entrevista nos corredores da Faculdade da

<sup>49</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18/video/reitor-diz-que-decotelli-nao-se-formou-no-doutorado-pela-universidade-nacional-de-rosario-8655718.ghtml>

Universidade Abierta Intramericana (UAI), a frase “A UNR é uma máquina de moer e o corredor de espera das mesas são o abatedouro” me marcou bastante sobre a experiência na universidade.

Quando decidi pesquisar a mobilidade de estudantes brasileiros em Rosário, sabia que deveria tentar entender as experiências de mobilidade em um contexto mais amplo. Durante as duas semanas que estive em março de 2024 em Rosário só consegui estar com os estudantes da Universidade Nacional de Rosário (UNR). O que percebi é que os brasileiros fazem uma busca sobre a faculdade, a cidade e a escolha pelos destinos é feita em comparação com outros contextos. Em Rosário, procurei por estudantes que estudavam nas faculdades particulares da cidade. A trajetória mais comum entre esses estudantes das faculdades particulares é que iniciavam o curso na UNR e, depois de uma reprovação e das dificuldades de adaptação ao método PBL, aqueles que tem a possibilidade de pagar pela universidade optam por se matricular em outras faculdades, mas não querem se mudar para outro lugar. Como vimos no capítulo anterior, além da UNR, existem outras faculdades particulares de medicina em Rosário: o Instituto Universitário Italiano de Rosário (IUNIR) e a Universidade Aberta Intramericana (UAI).

Assim, sigo para uma breve contextualização dessas instituições destacando a relação da IUNIR<sup>50</sup> com a migração italiana da cidade. A faculdade foi fundada em 2001 com o objetivo de ser um centro universitário com o foco em saúde, ao mesmo tempo que tem o propósito de difundir aspectos da cultura italiana. Primeiramente, é preciso contextualizar que o Instituto, até o momento, só oferta cursos de graduação e pós-graduação no campo da saúde: medicina, enfermagem, psicologia e odontologia. A estrutura do IUNIR conta com centros de saúde próprios que se localizam no centro de Rosário e é o espaço onde todos os estudantes da universidade realizam suas práticas. Em comparação, tanto os estudantes da UNR quanto da UAI atuam em centros de atendimentos mais distantes e algumas vezes em municípios próximos de Rosário.

A cultura italiana é um aspecto importante da cultura rosarina uma vez que houve uma migração intensa de italianos no inicio do século XX. A relação do instituto com a cultura italiana destaca a metodologia de ensino internacional e o diploma da universidade é reconhecido na Itália, estabelecendo uma conexão de intercâmbio com a Europa. Em um aspecto mais prático, os brasileiros me falaram que parte da grade curricular inclui aulas de italiano. Durante o período dessa pesquisa, fui encontrando interlocutores por indicações de outros brasileiros que estavam dispostos a contribuir relatando a sua vida na Argentina e fazendo indicações de outros conhecidos para participar. Eu anunciei para muitos brasileiros que gostaria muito de conhecer brasileiros que estudassem na IUNIR e muitos falaram que é uma universidade mais cara e que não conheciam muitos brasileiros que estudavam na instituição.

---

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www.iunir.edu.ar/institucional/fundacion>

Durante o período de quase um mês que estive na Argentina, meus interlocutores me repassaram o contato de 3 brasileiros que estudavam na faculdade. Tentei mandar mensagens me apresentando e descrevendo a pesquisa e meus objetivos, mas todos me responderam que estavam em períodos de provas e muito ocupados. Um certo dia, fui até a universidade para conhecer o espaço, mas estava fechado. E andando pelo centro da cidade de Rosário, encontrei uma placa com o símbolo da universidade. Quando entrei, descobri que era o centro de saúde para as práticas. O espaço de clínica médica estava com pacientes com soro fisiológico e profissionais fazendo o atendimento. Uma mulher de roupa branca de enfermagem se aproximou e perguntou em que poderia ajudar. Comecei a explicar que estava interessada em saber mais sobre a universidade para minha pesquisa e, antes que pudesse contextualizar mais os objetivos, ela me interrompeu e me entregou um panfleto com informações sobre a matrícula na universidade. De acordo com a enfermeira, aquele espaço era apenas o centro de saúde e deveria me dirigir para outro endereço. O fato de eu não ter conseguido contato com nenhum brasileiro que estava estudando na universidade pode indicar que há menos brasileiros que nas outras universidades.

Por outro lado, consegui bastante contatos de brasileiros que estavam estudando na Universidade Aberta Intramericana (UAI). A universidade foi fundada em 1995 e se pretende ser uma instituição voltada para o desenvolvimento humano, guiada por “valores humanísticos”. A universidade possui diferentes faculdades e cursos de graduação e pós-graduação. Além da sede em Rosario, possui uma sede em Buenos Aires. No caso do curso de medicina, o currículo segue o modelo tradicional de ensino, tanto em sua grade curricular quanto na metodologia de aulas expositivas. A sede da Faculdade de Medicina fica localizada na rua Ovidio Lagos. Conheci o lugar apresentado por Pedro, o primeiro contato com os estudantes das universidades particulares que estabeleci. A primeira vez que nos conhecemos, acabamos conversando por mais de duas horas comendo uma pizza e descobrimos que o apartamento que aluguei era no mesmo prédio que o dele. Ele me falou que no dia seguinte teria uma aula na faculdade e eu poderia ir junto para conhecer o espaço da faculdade e possivelmente mais interlocutores. No dia seguinte, nos encontramos e fomos caminhando enquanto ele me explicava que a faculdade tinha mais de uma sede. A sede principal fica em uma avenida mais movimentada da cidade, a avenida Pellegrini, e como Pedro me explicou as aulas que aconteciam ali são os seminários em auditórios para turmas menores. Na rua Ovidio Lagos, acontecem tutorias e práticas de laboratório menores. Enquanto íamos caminhando ele foi me mostrando laboratórios de simulação de anatomia e para os primeiros anos de bioquímica e histologia.

Pedro foi um dos brasileiros que chegou em Rosário para estudar na UNR, mas depois de um primeiro ano muito difícil e de ter sido reprovado, decidiu transferir para a UAI. Eu perguntei

se ele pensou em se mudar de cidade para estudar em Buenos Aires ou algum outro país e ele me falou que já estava adaptado à Rosário. Além disso, a família de Pedro no interior de Minas Gerais não conseguiria custear os gastos em outra cidade e as mensalidades da universidade na capital Argentina. A percepção dele é que não existe uma faculdade melhor ou pior, mas a faculdade em que o aluno melhor se adapta e ressaltou que tem muitos amigos que seguiram estudando na universidade pública e gostam bastante. As vantagens da UAI em sua visão é uma organização maior da faculdade e que existe uma “**estrutura**”.

A “**estrutura**”, de acordo com ele, também é sobre a metodologia de avaliação, em que existe um roteiro geral sobre o que é perguntado nas mesas orais. Como Pedro me explicou: “Em uma prova de anatomia, você sabe que vai ser perguntado sobre membros superiores e inferiores e que tem perguntas sobre músculos e ossos”. Pela perspectiva de Pedro, a estrutura definida de perguntas e critérios que são repassados a priori para todos os alunos geraria mais transparência para as avaliações. Para os outros estudantes que conheci, a estrutura física da universidade também foi valorizada e destacada nas conversas comigo. Em um discurso semelhante com o Brasil de comparações de instituições públicas e privadas os estudantes descrevem que nas faculdades privadas os laboratórios e salas de aula estão em condições melhores. Outro ponto destacado pelos estudantes é que na universidade particular teriam uma estabilidade maior sem greves ou manifestações.

Sobre o pagamento de mensalidades, existe uma comparação com as mensalidades de universidades particulares brasileiras. Naquele momento, os estudantes me contaram que as mensalidades têm subido muito de preço por causa do contexto inflacionário e estavam chegando a 4 mil reais em uma conversão aproximada. Estudantes que estavam no meio da faculdade e já estavam em Rosário há aproximadamente 3 ou 4 anos, contaram que no início estava por volta de 900 reais. O aumento das mensalidades é uma preocupação para estes estudantes, mas ainda assim consideram que ter vindo para a Argentina valeu a pena.

O raciocínio é de que no Brasil não conseguiriam pagar por uma universidade particular ou então a família pagaria com muito sacrifício. Assim, mesmo se precisarem transferir a faculdade para o Brasil em algum momento houve uma economia sobre o valor total pago por seus estudos. Em outro sentido, existe uma visão de que “**não perderam tempo**” estudando para cursinhos e já começaram a cursar medicina. Esta foi a única situação em que fazer a transferência para uma faculdade no Brasil foi discutida. No contexto de pesquisa de Webber (2023) sobre os brasileiros estudando medicina no Paraguai, esse processo de transferência é conhecido como “limpar o diploma”.

De maneira geral, é possível perceber que a metodologia de ensino influencia significativamente a experiência de aprendizagem e a escolha pela universidade. A abordagem pedagógica de metodologias participativas pressupõe a fluência no idioma para garantir a compreensão e maior participação dos estudantes brasileiros. Portanto, a reflexão sobre métodos de ensino é fundamental para entender a experiência dos brasileiros na universidade. Essa discussão reforça a importância de políticas educacionais e práticas institucionais que priorizem a qualidade do ensino e a adaptação às necessidades dos estudantes, promovendo um ambiente de aprendizagem mais eficaz e transformador.

Em suma, a categoria identitária mais importante para meus interlocutores envolve ser estudante de medicina. A idealização da medicina se relaciona com uma visão sobre a profissão médica. Por um lado, ser estudante de medicina implica no desenvolvimento e aprendizado sobre um ofício e profissão. Por esse motivo, explorei o histórico e contexto do ensino de medicina em Rosário. A cidade é composta por uma universidade pública e duas particulares que possuem metodologias e definições específicas sobre o que deve ser o ensino de medicina. As experiências dos estudantes brasileiros de medicina em Rosário revelam uma complexa interação entre aspirações profissionais, desafios linguísticos e adaptação a um novo sistema educacional. A identidade de "**estudante de medicina**" emerge como um fator central, unindo esses jovens em torno de um projeto comum.

Em outro sentido, o aprendizado dos brasileiros envolve um novo idioma, o espanhol. A vivência acadêmica é profundamente influenciada pela necessidade de dominar o espanhol, um requisito que, embora essencial para o sucesso acadêmico, muitas vezes se torna um obstáculo significativo. A exigência de proficiência em espanhol pelas universidades argentinas, especialmente na UNR, reflete uma tentativa de equilibrar o acesso irrestrito à educação com a qualidade do ensino. Contudo, essa política é vista por muitos estudantes como uma barreira, exacerbada por relatos de inconsistências nos processos de certificação. As dificuldades linguísticas não só impactam o desempenho acadêmico, mas também a integração social, como evidenciado pelos relatos de exclusão em dinâmicas de sala de aula e pela formação de grupos isolados de brasileiros.

A metodologia de ensino baseada no PBL (Aprendizagem por Problemas) na UNR, embora inovadora, exige alta participação e fluência no idioma, o que intensifica os desafios para os estudantes estrangeiros. Isso leva muitos a optarem por transferências para instituições particulares, como a UAI, onde encontram estruturas mais definidas e avaliações menos estressantes. A mobilidade entre instituições destaca a busca por um equilíbrio entre rigor acadêmico e condições favoráveis para a aprendizagem.

### **3. VIVER LONGE DE CASA: COMO RELAÇÕES SÃO CONSTRUÍDAS?**

As relações sociais constituem um aspecto fundamental na vida dos estudantes brasileiros de medicina em Rosário, servindo como eixo analítico central deste capítulo. Ao acompanhar essas trajetórias migratórias, percebi como dois tipos específicos de vínculos se destacam na experiência dos alunos: por um lado, as redes de solidariedade e convivência que estabelecem entre si pelo cotidiano acadêmico; por outro, os laços transnacionais que mantêm com suas famílias no Brasil. Essa dupla dimensão relacional encontra ressonância na abordagem teórica de Strathern (2014, p. 13), quando afirma que “o modelo de relação usado pelos antropólogos é uma ferramenta investigativa que a disciplina tomou emprestada de uma habilidade amplamente presente e compartilhada na vida social.” Assim sendo, essas relações sociais são um caminho para entender dinâmicas sociais, que são tema de interesse para este trabalho.

Essas análises emergem, sobretudo, das perspectivas dos próprios estudantes, que constituem o núcleo central desta pesquisa. Minha inserção no campo permitiu não apenas participar de eventos e festividades típicas da vida acadêmica argentina onde pude observar estas dinâmicas sociais, mas também pelos relatos sobre suas experiências. Em algumas situações, o trabalho de campo revelou ainda nuances importantes pelos casos de brasileiros que migraram com suas famílias, mesmo que o foco principal recaia sobre suas trajetórias individuais.

Para Strathern (2014), a relationalidade abrange dois campos: conceitual e o interpessoal. Para o primeiro, as conexões são estabelecidas por lógicas e articulações sociais, enquanto o segundo se relaciona com as conexões entre pessoas com uma história particular. Nesse sentido, as relações do campo conceitual podem envolver categorias de parentesco definidas como as relações de filiação (pai, mãe e filho/a) e relações de aliança (marido e esposa). Para o campo interpessoal, estariam as conexões entre pessoas e suas particularidades. Assim, seria possível entender diferentes relações entre diversas mães e seus filhos por suas conexões pessoais. Para Strathern (2014):

o enfoque naquilo que é relational permanece um ponto forte crucial na antropologia social; dentre outros motivos, devido ao desejo da antropologia de transitar entre relações conceituais e interpessoais e suas descrições da vida social. De minha parte, acredito que a antropologia, assim, atinge uma certa verdade sobre a socialidade que não poderia ser capturada de nenhuma outra forma. (STRATHERN, 2014, p. 16)

Para a antropologia é fundamental entender a forma como conexões sociais são estabelecidas a partir de um conjunto de relações para além das categorias. No caso dos estudantes em Rosário, as relações *entre* os estudantes são reforçadas pela proximidade de momentos

compartilhados. Quando utilizada alguma categoria de parentesco pelos alunos, se referiam como relações de irmãos reforçando o vínculo de proximidade. Para os estudantes de medicina, existe uma visão de que se forma uma família no exterior, uma vez que estão longe da família de origem. Estes vínculos existem para além dos momentos celebrativos e caracterizam a construção de uma rede de vínculos. É preciso ressaltar, entretanto, que estas relações nem sempre são harmoniosas e existem conflitos entre comunidades de brasileiros.

Sobre as famílias, pretendo desenvolver a análise sobre a construção dos projetos de mobilidade e como funcionam relações baseadas no *apoio* familiar. Dessa maneira, era comum escutar nas minhas entrevistas, “a minha família sempre apoiou os meus sonhos” ou ainda “recebo muito apoio da minha família”. Antes de adentrar sobre a definição de “apoio”, considero que é importante destacar os conceitos de “família”. O tema da família e parentesco é fundamental na antropologia e existem diversas teorias estabelecidas. Para esta pesquisa, me utilizei da definição de Pierre Bourdieu por considerar que as suas definições e teorias se aproximam dos campos de possibilidades necessários para a constituição de um projeto. O autor desenvolveu o conceito de *habitus*, conjunto de disposições, valores e práticas que são adquiridos principalmente por meio da socialização, especialmente no ambiente familiar. A família é definida como o conjunto de indivíduos parentados ligados por uma relação de casamento, filiação e habitando em um mesmo espaço (coabitacão) por considerar que é um dos elementos constituidores do *habitus*, se tornando uma instituição constituidora, uma estrutura estruturante (BOURDIEU, 1983).

Dessa maneira, a família é um dos primeiros espaços de socialização e influenciam a construção das aspirações profissionais (Bourdieu, 2008). A partir deste arcabouço teórico, é possível compreender o primeiro significado de apoio como aprovação e participação da família no projeto de mobilidade e seu planejamento. Mesmo sendo uma empreitada individual, a família desempenha papel crucial na transmissão de capital cultural, e também compartilha da vontade de concretizar os desejos e aspirações de quem foi estudar medicina.

Para entender as relações familiares e individuais nas elaborações de projetos de mobilidade, retomo a teoria de Gilberto Velho sobre projeto e, especialmente, o texto “Trajetória Individual e Campo de Possibilidades” (1994). Nesse ensaio, resultado de uma pesquisa de campo nos anos 1970 nos Estados Unidos, Velho (1994) acompanhou as percepções de uma família portuguesa dos Açores sobre o projeto de mobilidade. Para os pais de Catarina, estar nos Estados Unidos significava a possibilidade de ascensão social, mas para a adolescente se relacionava com um conjunto de vivências de juventude que se tornou um conflito para a família. A partir desse caso, Velho (1994, p.34) destaca que as construções de projeto têm um sentido coletivo, mas “a

viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades”.

Um outro sentido afetivo sobre os significados de apoio é um suporte para enfrentar as dificuldades, uma vez que os estudantes estão na Argentina. Assim sendo, o suporte que se constrói a distância é marcado pela escuta, aconselhamento e compartilhamento e desabafo de situações complicadas que vivenciam em outro país. Assim o apoio a partir de uma noção afetiva é uma relação que se estabelece com a família no Brasil.

O segundo conjunto de significados para apoio tem um sentido financeiro, em que o apoio familiar significa o recebimento de remessas que garantem a permanência dos estudantes brasileiros na Argentina. Em estudos migratórios tradicionais, o principal fluxo de circulação destacado são transferências financeiras enviadas pelos migrantes no local de chegada para o local de origem. No caso dessa mobilidade, os envios acontecem em sentido contrário e são os estudantes no exterior que recebem o dinheiro da família.

Para a antropologia, os sistemas de trocas são de suma importância, sendo um tema clássico de análise. Em Malinowski, o *kula* na sociedade trobiandesa é um processo que traz prestígio e renome. Marcel Mauss (2017) potencializa as análises sobre sistemas de trocas ao considerar que é um “fato social total”, ou seja, é um fenômeno que abrange todas as totalidades da vida social. A troca tem um sentido social na medida em que também cria e reforça vínculos. Segundo Mauss (2017),

A vida material e moral, a troca, nele funcionam de uma forma desinteressada e obrigatória ao mesmo tempo. Ademais, essa obrigação se exprime de maneira mítica, imaginária ou, se quiserem, simbólica e coletiva: ela assume o aspecto do interesse ligado às coisas trocadas: estas jamais se separam completamente de quem as troca; a comunhão e a aliança que elas estabelecem são relativamente indissolúveis. (MAUSS, 2017, p. 210)

Dessa maneira, as trocas são voluntárias, mas possuem caráter obrigatório. O mais importante é que a troca de presente significa uma manutenção de vínculos. Exemplificando, a ajuda financeira enviada pelos familiares não gera, por si só, obrigação aos estudantes. Porém, cria-se uma expectativa destes parentes e uma obrigação aos alunos, de que no futuro, exerçam a profissão e vivenciem o projeto de ser médico. É a partir desse conjunto teórico que pretendo discutir sistemas de trocas estabelecidas entre os estudantes na Argentina e as famílias de origem no Brasil.

Em resumo, este capítulo reforça que a mobilidade dos estudantes brasileiros para a Argentina é um processo marcado por negociações, desafios e transformações que envolvem vínculos sociais. Por um lado, as relações com a família no Brasil que se mantém e são

transformados pelo envio de remessas e construção de planos. E, em outro sentido, pela chegada, pela criação de uma comunidade e família entre estudantes brasileiros. Esse fenômeno reforça a ideia de que a mobilidade é sempre um processo coletivo, no qual presença e ausência se entrelaçam, moldando trajetórias e identidades ao longo do tempo.

A partir dessas experiências, pretendo retomar pesquisas e teorias sobre fluxos, destacando especialmente as análises sobre fluxos de estudantes e pessoas com vasta formação educacional, para analisar a experiência de mobilidade de brasileiros. Para Assis (1992), categorizar a migração envolve sempre a tentativa de responder perguntas sobre por que emigram, como, para onde e os tempos de permanência. Concordo que existem diversos eixos de análise e categorias que podem ser destacadas para analisar a experiência de brasileiros na Argentina. Além disso, um destaque feito por Pilar Uriarte Básamo (2009) é que as análises sobre o fenômeno migratório também se alteram na medida em que campos teóricos das ciências sociais, a demografia e a economia mudam também as suas maneiras de compreender a sociedade e abordar suas transformações.

No caso de estudantes brasileiros, existem elementos de suas experiências que os aproximam da definição do fluxo como migração, mas existem particularidades que merecem ser destacadas. Para conseguir navegar analisando todas estas complexidades divido o capítulo em seções considerando estas perspectivas. O primeiro bloco vai ser uma recuperação sobre estudos migratórios. As definições clássicas sobre migração definem o deslocamento de indivíduos ou grupos de um local para outro, geralmente influenciado pela busca de melhores condições de vida ou quando são obrigadas a se deslocar devido a contextos diversos de vulnerabilidade como conflitos armados, perseguições, desastres naturais ou crises econômicas. Para estudantes e profissionais, o fluxo representa um movimento específico em que a ocupação os diferencia de outros migrantes.

Em seguida, me dedico aos documentos, vistos e as relações que são estabelecidas a partir destes processos. Em um conjunto de pesquisas sobre a mobilidade de profissionais, a documentação é um fator de análise que também é utilizado para diferenciar o fluxo de mobilidade considerando uma temporalidade específica. No caso de brasileiros, são beneficiados por um acordo de integração entre países do Mercosul e isso significa que tem um processo de residência facilitada quando comparado a outros migrantes na Argentina. Esse contexto gera uma posição específica para brasileiros neste campo. Entretanto, o contexto político argentino tem gerado um debate que atravessa essas questões e como os brasileiros têm sido percebidos nas relações com argentinos.

Por fim, considerando todas essas perspectivas concordo com a proposta metodológica de Morais (2012) para destacar e considerar a perspectiva de estudantes sobre os seus fluxos. Nesse

sentido, também concordo com Assis (1992) que as razões para migrar são variadas, mas se definem principalmente pelas construções de projetos que se estabelecem no local de chegada e por relações que se renovam no local de origem. Entre os estudantes, a principal identidade destacada se relaciona com ser um “estudante estrangeiro”. Por isso, retomo as discussões de Simmel (2012) e Schutz (2012) sobre a condição de estrangeiro. Para esses estudantes, é preciso reforçar que existe um projeto de mobilidade que os diferencia de outros contextos migratórios.

Dessa maneira, percorremos um caminho analítico que destacou as relações sociais como eixo central para compreender as trajetórias dos estudantes brasileiros de medicina em Rosário. Partindo das redes de solidariedade entre os alunos e dos laços transnacionais com suas famílias no Brasil, exploramos como essas dinâmicas se articulam com a construção de projetos individuais. A análise revela que a mobilidade é um processo marcado por intermediações, em que presença e ausência se entrelaçam. É por esse caminho que, ao situar esses fluxos no contexto mais amplo dos estudos sobre fluxos, destacamos que existem elementos que aproxima os deslocamentos de uma experiência migratória, mas também particularidades dessa experiência marcadas pela condição de “estrangeiro”.

### 3.1 “Aqui, nós somos família”

Durante o período da pesquisa, fui convidada para alguns eventos de brasileiros. Um destes foi uma festa brasileira que Pedro me chamou durante a semana falando que poderia colocar o meu nome na lista. O lugar era um tipo de *balada*<sup>51</sup> com um bar ao fundo que vendia cervejas e caipirinhas. No meio da pista de dança, tinha um projetor com imagens de praias do Rio de Janeiro e perto da entrada alguns sofás e mesas altas. A música da festa que tocava era *funk* e pelo português sendo falado percebemos que só tinha brasileiros. Estávamos com um grupo de amigos do Pedro e eles falaram que todo mundo da festa já poderia participar de minha pesquisa por que todo mundo ali com certeza era brasileiro e estudante de medicina. As baladas brasileiras em Rosário acontecem com regularidade, organizadas por brasileiros para brasileiros. Normalmente, a organização dessas festas era feita por estudantes e ex-estudantes de medicina que chegavam na cidade. Uma das primeiras aconteceu por volta de 2017 e 2018 e foi chamada de “Bora Brasil”. As outras festas brasileiras conhecidas na cidade são as Calouradas organizadas por assessorias estudantis.

As festas brasileiras, nesse sentido, parecem ser o momento de encontros e celebrações. Pedro me explicou que, assim que chegou em Rosário, sempre tentava ir para conhecer gente. Um

---

<sup>51</sup> No contexto brasileiro, balada é um tipo de evento noturno de festa para jovens geralmente com música alta e socialização, estendendo-se, em muitos casos, até as primeiras horas da manhã. Também pode se referir aos espaços de casas noturnas ou boates. Na Argentina, para se referir a este tipo de evento utiliza-se a palavra “boliche”, que não tem relação com o esporte e jogo de boliche (*bowling*).

outro ponto comum para brasileiros recém-chegados na cidade são bares de brasileiros, como o *Vikings*. Depois, com o aumento das demandas da faculdade e de encontrar seu grupo de amigos, Pedro me explicou que os estudantes passavam a ir com menos frequência. As vivências desses espaços também envolvem concepções sobre juventude que se aproxima das experiências de intercâmbio, apontado por Azevedo (2015, p.43) em que “a convivência com amigos e a pretensão de viajar e vivenciar práticas de lazer são elementos característicos desse ciclo de vida”.

Esse tipo de experiência em festas se diferencia do contexto de estudantes de Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOP), investigados por Subuhana (2009). As festas são geralmente organizadas nas datas de independência de seus países de origem assumindo também um sentido político nesses encontros dos acontecimentos políticos e sociais (SUBUHANA, 2009). Ainda assim, esses eventos são importantes para a difusão de informações e acolhimento dos recém-chegados (SUBUHANA, 2009). As trocas de informações e redes de apoio mútua, entretanto, são elementos importantes da experiência de mobilidade.

Para além dos momentos de lazer, as relações entre estudantes também acontecem neste compartilhar de dicas, experiências e ajudas, antes mesmo da chegada na Argentina. Em muitos casos, a descoberta pela possibilidade de estudar medicina acontece através de pessoas conhecidas no Brasil. Para alguns, essa rede se forma por laços de relação consanguíneas e em outros casos não. Em uma das entrevistas, Thiago contou que a sua escolha por Rosário aconteceu por causa de um amigo da sua tia que tinha chegado em 2018. Desde então, eu perguntei se ele já ajudou alguém a vir para a Argentina. Nesse momento, Thiago respondeu

Já ajudei muita gente [...] E é isso, a gente explica como é, como é o convívio, a situação toda. Eu mostrei a meu primo, né? A faculdade aqui e a Argentina. E através de mim e dele, já veio já o irmão dele mais novo aí já veio o meu irmão mais novo e já vieram nossos vizinhos, alguns vizinhos nossos né? No fim foram dois [vizinhos] e a minha cunhada que veio através do meu irmão também então uma pessoa já leva já várias outras pessoas, né? [...] E também desde quando ele [irmão do Thiago] chegou aqui já vieram duas amigas dele, então é assim sucessivamente, né? (Thiago, 2024)

É interessante como Thiago descreve o processo de “vir através de alguém”. Essa possibilidade significa compartilhar um conjunto de informações sobre a vida na Argentina e a faculdade de medicina. Pelas redes de relações compartilhadas por Thiago também é possível perceber que essa rede de contatos acontece entre parentes, mas também por relações de amizade. Um outro destaque a ser feito na fala de Thiago é que depois que alguém em sua rede de relações está na Argentina, se torna uma possibilidade de contato para outra pessoa no Brasil. No caso de Thiago, depois que seu irmão mais novo chegou em Rosário outras duas amigas dele e a namorada

também vieram para o país. As redes de mobilidade nesse sentido, se expandem e fortalecem pela chegada de mais brasileiros na cidade.

Ainda destaco que, depois da chegada, é a formação destas redes de relações entre brasileiros que garantem a permanência. Nas entrevistas, era comum escutar as descrições dos estudantes sobre o processo de estudar junto com outros brasileiros. Por causa do sistema de provas orais, muitos brasileiros se encontram para praticar e simular possibilidades de questões e compartilham estratégias de estudos e materiais de estudos. As comemorações dos resultados positivos nas provas e especialmente as formaturas são bastante compartilhadas entre os grupos de amigos que se reúnem para celebrar as conquistas.

Além disso, as redes entre estudantes também são fundamentais para os problemas do dia a dia. Informações sobre alugueis, câmbios, compras, serviços de manutenção e como organizar a vida são bastante compartilhadas. Estas experiências são marcadas pela necessidade de enfrentar situações sem a rede de apoio que tinham no Brasil e para muitos de meus interlocutores, essa é a primeira vez morando sem os pais e falam sobre o equilíbrio da rotina da faculdade com os cuidados de casa e de outras demandas da vida. Sobre estas experiências, descrevem o sentimento de independência, em que conseguem **“aprender a se virar”**.

Em muitos dos contatos que fiz em campo, era bastante comum que essa solidariedade se estendesse para mim também. Nesse sentido, durante o meu tempo na Argentina, os estudantes brasileiros me perguntavam como estava e se precisava de alguma coisa. Recebi orientações diversas de dicas de restaurantes e almoços baratos, passeios em Rosário, linhas de ônibus da cidade e como fazer o cartão de transporte e recarregar os créditos. Essa preocupação com quem havia acabado de chegar na Argentina é um elemento comum para brasileiros que já estavam na cidade há mais tempo. Geralmente, meus interlocutores descreviam as suas dificuldades que enfrentaram quando chegaram e ter que aprender tudo sobre um lugar novo e sempre tentavam ajudar quem estava chegando.

Entre as informações mais valiosas compartilhadas pelos estudantes em Rosário destacava-se justamente o conhecimento prático sobre um aspecto crucial da experiência migratória: o sistema cambial. Se as dicas sobre transporte e alimentação facilitavam a adaptação inicial, o domínio de como fazer as transações monetárias é fundamental para a vida na cidade. A operação de câmbio é a troca de uma moeda por outra em uma transação financeira e em muitas partes do mundo, esse tipo de operação é feito por agências bancárias. Entretanto, na economia argentina, é preciso contextualizar que câmbios informais e mercados paralelos são frequentes, resultados de restrições e controles cambiais impostos pelo governo que limitam o acesso à moeda estrangeira através dos

canais oficiais. É por esse motivo, por exemplo, que o dólar blue, valor do dólar americano (USD) dos mercados paralelos, se tornou uma das principais referências econômicas da Argentina.

No caso dos estudantes de medicina, as transações de trocas de moeda feito pelos brasileiros é dos valores recebidos pela família no Brasil por pesos argentinos<sup>52</sup>. Mais adiante, vou desenvolver a análise sobre as dinâmicas familiares desse processo, mas o funcionamento dessas trocas merece ser destacado. Os estudantes de medicina geralmente utilizam dois caminhos: redes informais de câmbio ou plataformas criptofinanceiras. Sobre os serviços de câmbio informais, os cambistas mantêm contas bancárias em ambos os países e divulgam valores da cotação principalmente por grupos de WhatsApp. Dessa maneira, os brasileiros enviam quantias em reais por pix, sistema de pagamentos instantâneos brasileiro, e recebem o equivalente em pesos argentinos por transferência em suas contas bancárias do país. Para alguns serviços de câmbio, também é possível fazer a transferência por pix e receber pesos argentinos em notas físicas por entrega em Rosário.

A segunda forma de obter pesos argentinos utilizada pelos estudantes de medicina é através de plataformas de criptomoedas. O processo começa com o depósito da moeda local e, em seguida, é possível realizar a conversão para a moeda ou criptoativo desejado e depois resgatar o valor em outra moeda desejada. Em algumas situações da pesquisa de campo, alguns interlocutores me mostraram os aplicativos de plataformas e como fazem esse processo. Nesse momento, faziam comparações entre taxas cambiais oficiais, dos serviços de câmbio utilizado por outros estudantes destacando as vantagens das plataformas de criptomoedas. Para o desenvolvimento desta pesquisa, optei por não me aprofundar nessa questão financeira cambial informal e, por questões éticas, também optei por não especificar o serviço utilizado pelos estudantes brasileiros para as criptomoedas.

Descrevi esses processos para destacar formas que os conhecimentos sobre aspectos importantes da vida na Argentina são compartilhados entre estudantes de medicina. A intensidade de relações sociais de amizade nesse sentido é marcada por companheirismo e um sistema de trocas de apoios e ajudas. Inicialmente, revelei como essa rede é importante para a chegada no país, mas a permanência na Argentina também depende de um saber específico sobre a vida prática. Destaco que essa não é uma análise minha sobre o contexto das vivências de meus interlocutores, mas é também uma percepção compartilhada.

Para ilustrar, no dia seguinte à festa brasileira, fui convidada para um churrasco com os amigos do Pedro. Naquele sábado a tarde, ficamos no terraço do último andar do prédio com uma

<sup>52</sup> Em alguns casos, brasileiros fazem a troca por dólares americanos (USD) para a vida na Argentina, principalmente quando é mais vantajoso para alugueis de apartamentos.

vista para a cidade. Estábamos com um *cooler* para as cervejas e com uma travessa com a carne em espetos, além de um molho de alho com pães e algumas cadeiras da casa e em um canto estava a churrasqueira no estilo argentino. Assim que chegamos Pedro também começou a explicar para seus amigos um pouco da minha pesquisa e explicar sobre como foi o processo da sua entrevista e falar um pouco da sua vida. Fiquei muito feliz quando ele me disse que achou muito importante ter um momento de reflexão sobre sua própria trajetória e a vida em Rosário. Então, me perguntaram o que eu queria saber sobre a vida na Argentina e a Beatriz falou: “A primeira coisa e a mais importante que você tem que saber é que aqui a gente forma nossa própria família”. Beatriz também estava estudando medicina e agora morando sozinha porque o marido brasileiro havia acabado de se formar em medicina na Argentina e estava trabalhando pelo Mais Médicos enquanto estudava para a prova do Revalida.

Assim, conseguimos entender a forma como relações entre brasileiros são formadas. Em um primeiro momento, existe uma rede que possibilita a chegada de outros brasileiros pelo compartilhar das experiências da vida na Argentina. Essa rede muitas vezes se fortalece pela chegada e os brasileiros se encontram e estão em eventos que reforçam vínculos como se fossem da mesma família.

Entretanto, nem sempre todas as relações entre estudantes são harmoniosas e também existe conflitos. Uma das situações de conflitos bastante comum que me deparei foi no processo de dividir apartamentos. Em Rosário, é comum estudantes dividirem apartamentos e quartos para economizar nas despesas da cidade. Cecília foi uma das estudantes que à época da pesquisa afirmou que não dividiria mais apartamento com ninguém que não fosse “**de casa**”, ou seja, que compartilhasse vínculos de parentesco. Quando conheci Cecília, ela dividia um apartamento com a sua irmã mais nova. Mas, assim que chegou na Argentina, Cecília dividiu apartamento com uma conhecida de sua cidade também iria cursar medicina e por isso as famílias decidiram que seria mais seguro morarem juntas. Nos primeiros meses, começaram a mobiliar o apartamento dividindo os custos e compras para coisas da casa. Quando chegou na Argentina foi no final de 2019 e, em 2020, com o início da pandemia, voltaram para o Brasil. Durante esse período, seguiram pagando o aluguel para garantir a permanência<sup>53</sup> no imóvel quando retornassem para a Argentina.

<sup>53</sup> Percebi que é bastante comum para brasileiros continuarem a pagar aluguéis durante os períodos que estão no Brasil, geralmente para as festas de fim de ano, justamente para evitar os custos de entrada exigidos em novos contratos de alugueis. Nestes períodos, é comum receber anúncios de sublocação em grupos de brasileiros. Pela legislação argentina, esta é uma prática ilegal pois todos os moradores devem estar registrados em contrato. Em sua pesquisa, Ariel Oliveira (2021) descreve um caso de golpe em que um brasileiro era o único inquilino registrado e recebia de outros brasileiros o dinheiro para pagamento da imobiliária. Em um determinado mês, este sujeito recebeu o dinheiro sem repassar para a imobiliária e voltou para o Brasil. Ao perceber o golpe, os demais moradores fizeram a denúncia na polícia, mas não tinham como provar que eram inquilinos e que haviam feito o pagamento e a polícia nada pôde fazer.

Apesar disso, ao retornarem para o país, a colega de apartamento passou a mudar regras combinadas entre elas sobre o convívio e convidando homens e amigos para festas dentro do espaço. Além disso, ela decidiu adotar um cachorro, do qual não cuidava direito descendo para caminhar com o animal que sujava o apartamento e danificava o imóvel. Além do próprio cachorro, a colega de apartamento decidiu começar a trabalhar como cuidadora de outros cachorros. Naquele momento, Cecília falou que passou a registrar com fotos toda a situação e depois de muitos desentendimentos e ameaças de processo, finalizaram o contrato de aluguel antes do tempo previsto.

Dessa forma, é possível compreender o processo em que as relações entre brasileiros são estabelecidas na Argentina. O primeiro momento é marcado por uma rede de apoio que facilita a chegada de novos brasileiros, baseada no compartilhamento de experiências de vida no país. Essas experiências são baseadas tanto em questões que envolvem a universidade e os estudos de medicina como questões da vida prática pela necessidade de resolver problemas. Essa rede tende a se fortalecer com o tempo, promovendo encontros e eventos que reforçam laços quase familiares entre os indivíduos. É importante destacar, entretanto, que nem todas as interações são harmoniosas, havendo também conflitos que fazem parte da dinâmica dessas relações especialmente no processo de compartilhar casas e apartamentos.

A formação de redes de apoio entre estudantes brasileiros na Argentina, não se limita apenas às relações construídas no país de destino, mas as relações estabelecidas com o local de origem não deixam de existir. Enquanto o primeiro momento da migração é marcado pela solidariedade entre os estudantes — seja no compartilhamento de moradia, nas trocas de informações sobre a vida acadêmica ou mesmo nos conflitos cotidianos —, essas experiências coexistem com um constante diálogo transnacional. A sensação de "viver longe de casa" não apenas fortalece os laços entre os colegas, como também reforça a importância do apoio familiar, que atua como um eixo estruturante do projeto migratório.

No caso dos estudantes brasileiros, o projeto de mobilidade é individual, mas o apoio reverbera o seu sentido coletivo. Nos termos de Gilberto Velho (1994, 2008), é o **apoio da família** que garante a expansão do campo de possibilidades para que a mobilidade aconteça. É importante destacar que existe uma proximidade entre o apoio desse contexto e a ajuda nas mobilidades caboverdianas. De acordo com Lobo (2014), “ajuda” é o conjunto de obrigações mútuas que refletem as expectativas morais sobre um parente. Para o parente que fica, significa o cuidado com os outros e o gerenciamento das remessas recebidas, e, para o migrante, a obrigação de ajudar enviando encomendas e remessas financeiras. No caso dos brasileiros, da mesma forma, o apoio reflete um conjunto de obrigações marcado pelo envio das remessas do Brasil que possibilitam a

permanência no exterior que, em troca, para os estudantes significa a obrigação que sentem em cursar a faculdade e serem aprovados. Mas, enquanto a ajuda se relaciona mais a um tipo de assistência com aparente desinteresse, o “**apoio**” reforça uma aprovação da família que é bastante presente no fluxo de brasileiros.

A aprovação se estabelece no primeiro momento pelo planejamento dessa mobilidade. Existem duas trajetórias principais: quando o projeto surge do estudante ou quando o projeto de mobilidade surge da família. No caso de Gustavo foi a família que incentivou a sua mobilidade para a Argentina. Ele compartilhou que sempre teve um interesse pelas áreas biológicas e, durante o ensino médio, gostava muito das aulas de química e biologia. Ao mesmo tempo, ele conta que não tinha muito interesse em fazer pesquisa de laboratório e trabalhar com pesquisa. Ele tinha um interesse por trabalhar e estar em contato com as pessoas e por isso começou a considerar fazer medicina ainda no ensino médio mesmo sabendo que era difícil ser aprovado no vestibular. Ao mesmo tempo, ele falou que junto com o desejo de cursar medicina, também pensava em cursar psicologia. Depois que terminou o ensino médio, “como todo vestibulando de medicina” fez um ano de cursinho para medicina e não conseguiu passar, mas foi aprovado para o curso de psicologia na universidade federal da sua cidade. A decisão de vir para a Argentina aconteceu porque

Ia cursar psicologia e meu pai não quis porque enfim minha família acha que psicologia não dá dinheiro assim e eu pensei “Ah, meu Deus, que besteira” [...] mas ele [pai] falou “eu tenho um amigo que a filha dele está estudando na Argentina... Quer ir para lá?” aí eu falei porque não né? É uma oportunidade para eu fugir da minha família e eu pensei cara, eu sempre quis sair de casa [...]e conhecer lugares, então eu não pensei muito assim de dizer não. (Gustavo, 2024)

Naquele momento, já tinha passado as datas dos prazos para fazer as matrículas nas faculdades argentinas. Assim, ele decidiu se matricular em um curso de espanhol no Brasil em vez do cursinho pré-vestibular e começar a se preparar estudando o idioma. Para Gustavo, a vontade de cursar medicina na Argentina, inicialmente, estava mais relacionado com um projeto de viver uma aventura e conhecer novos lugares. Para a família de Gustavo, seguir a carreira de medicina seria uma garantia de estabilidade profissional e de um retorno financeiro maior no futuro e por isso o projeto de mobilidade foi uma proposta que partiu da sua família. Uma questão interessante é que segue com um interesse muito grande em psicologia e considera fazer a residência em psiquiatria para atuar em um campo semelhante.

Assim, para a família de Gustavo, a medicina significa a possibilidade de uma carreira financeiramente estável, enquanto o significado da mobilidade para ele se relaciona com a liberdade de tomar suas próprias escolhas ao estar distante da família. A liberdade é uma categoria importante para esses estudantes que falam sobre as experiências positivas da independência de viver sozinho

e tomar decisões sobre sua vida. Da mesma forma, para muitos estudantes de medicina brasileiros, estar longe da família possibilita uma “fuga” de certas pressões ao mesmo tempo que permite o estabelecimento de novas configurações familiares.

Por outro lado, a distância e a liberdade também podem ser um “**perigo**”. Entre meus interlocutores, escutei descrições de como os brasileiros podem “**se perder**”. Nesse contexto, “**se perder**” significa desviar do projeto de mobilidade de estudar medicina e se tornar médico. Para exemplificar esses casos, descreviam os brasileiros que estavam sempre em festas, nunca estudavam ou se esforçavam para ser aprovados. O consumo excessivo de drogas também é bastante comum, incluindo drogas ilícitas. Outra preocupação sobre estes estudantes são casos de diagnósticos de questões relacionadas a sua saúde mental, como ansiedade e depressão. A solidão e o isolamento em Rosário de alguns estudantes também é um sentimento que compartilham. Muitos de meus interlocutores relataram que é comum ficarem sabendo sobre casos de suicídio entre os estudantes e a família no Brasil, sem ter condições para fazer o translado do corpo, fazerem campanhas de arrecadação financeira para custear o processo. Para os estudantes, é preciso ter uma responsabilidade muito grande também em estar sozinho e fortalecer suas redes de apoio. Para a família, existe um destaque da confiança e o apoio da família também é representado por esta dimensão.

Sobre esse sentimento de confiança, um caso interessante foi o de dona Bernadete e seu filho, Humberto. O processo de construção do projeto de mobilidade foi uma proposta e ideia de Humberto. O filho foi quem pesquisou todo o processo e qual seria a melhor faculdade e cidade para morar. Bernadete ressaltou muito a necessidade de ter uma “**confiança**”. Na família de Bernadete, há uma tradição: quando os filhos completam 18 anos, recebem como presente o pagamento da autoescola. Em 2019, ao concluir o ensino médio, Humberto teve uma conversa diferente explicando que seu sonho era ir para a Argentina estudar medicina e não queria tirar a carteira de motorista, pedindo para usar esse dinheiro para custear uma assessoria.

Foi com Bernadete que conversei sobre a vida e sua percepção sobre o filho que estuda medicina. Nos conhecemos no curso de espanhol oferecido de forma voluntária e gratuita nas salas da Faculdade de Ciências Médicas. O curso era aberto a comunidade e Bernadete, aposentada da secretaria de educação do Estado de São Paulo, havia chegado em Rosário naquele ano e decidiu frequentar as aulas para desenvolver o seu espanhol. Humberto é o mais novo de 5 filhos, todos adultos e criados como me contou Bernadete. Para os irmãos de Humberto, a decisão de ir para a Argentina foi desesperadora principalmente para uma das irmãs que já foi viciada em drogas e atualmente trabalhava como cobradora de ônibus. Bernadete me contou que ela perguntava enquanto chorava perguntando: “Como que a senhora pega o seu filho caçulinha, seu filhinho

protegido, e a senhora vai mandar para outro país, sabe? [...] Ele não fala outra língua e a senhora vai jogar ele lá [em Rosário] e lá é rota de tráfico”.

Por ser uma cidade portuária, facilita a rota do tráfico de cocaína e outras drogas. A cidade tem grupos de narcotráficos estabelecidos principalmente nas periferias da cidade que disputam espaços territoriais. Bernadete diz que não se preocupa com o seu filho porque tem “bastante caráter e quem quer usar drogas faria isso no Brasil também”. O apoio de Bernadete nesse contexto, revela também uma defesa desse projeto para outros membros da família

Para outras famílias, entretanto, a segurança é uma preocupação constante. De acordo com as estatísticas argentinas, Rosário é a cidade mais violenta do país com as maiores taxas de homicídio. Em março de 2024, quando estava na cidade, a cidade passou por uma onda de violência dos grupos narcotraficantes. Em uma semana, foram assassinadas quatro pessoas (dois taxistas, um motorista de ônibus e um frentista de posto de gasolina), junto com seus corpos foram deixados bilhetes de grupos de narcotráfico que mais pessoas inocentes se tornariam alvos<sup>54</sup>.

Uma das bandeiras do governo de Javier Milei era justamente a diminuição dos índices de violência e como resposta foi enviado o Exercito Nacional. Na cidade, o comércio foi fechado e todos os transportes da cidade entraram em paralisação, tanto o sistema de ônibus quanto o serviço de táxi. Além disso, as escolas também fecharam e as ruas estavam vazias e as pessoas ficaram com medo de andar nas ruas. Como recém-chegada na cidade, nos primeiros momentos fiquei tentando entender a dinâmica da cidade e se esses acontecimentos eram comuns para a vida em Rosário. Descobri depois por uma brasileira pesquisadora que, em quase 12 anos na cidade, aquela foi a primeira vez que vivenciou uma onda de violência tão intensa. O congresso de Antropologia Latino Americano seguiu normalmente a programação na semana seguinte, mesmo com o centro mais esvaziado. Para meus interlocutores, aquela também era uma situação incomum e, para alguns, existia uma preocupação de não compartilhar essas notícias com a família para não “preocupar” quem estava no Brasil. Receber o dinheiro da família implicava também a obrigação de garantir o bem estar de quem estava recebendo as remessas e de uma vida tranquila na Argentina.

Para outros estudantes, é impossível enfrentar esses momentos mais “difíceis” sem a família e a rede de apoio do Brasil. Para muitos, nessas horas por um lado é importante criar uma nova rede de relações com os amigos brasileiros na Argentina. Existe uma dimensão interessante compartilhada por Fernanda de que “não é uma coisa [dificuldades de morar e estudar em outro

<sup>54</sup>Para mais sobre a situação de violência em Rosário, consultar as seguintes fontes jornalísticas:  
<https://elpais.com/argentina/2024-03-18/la-narcoviolencia-estalla-en-argentina.html>  
<https://elpais.com/argentina/2024-03-12/cuatro-asesinatos-al-azar-y-terror-narco-en-las-calles-milei-endurece-su-politica-de-seguridad-en-rosario.html>   <https://www.lanacion.com.ar/agencias/la-inedita-ola-de-violencia-narco-en-rosario-perturba-a-los-argentinos-y-pone-a-prueba-a-milei-nid21042024/>

país] que você passa sozinho, você tá aqui sozinho, mas a sua família no Brasil também tá vivendo tudo com você assim". Essa fala se aproxima da pesquisa de Gláucia Assis (1992) que analisou as cartas trocadas entre migrantes e suas famílias no Brasil. A dimensão compartilhada dessas mobilidades revela que o

O apoio dos pais se traduz no auxílio a concretização da idéia de migrar como alternativa para melhoria das condições de vida dos filhos, e nas "forças" aos filhos quando a saudade aperta, a fim de que estes não retornem antes de "fazer o pé-de-meia". Além deste apoio afetivo, que é considerado fundamental pelos imigrantes para "aguentarem a barra", ocorre ainda a administração pelos pais e irmãos dos investimentos no Brasil, procurando casas para comprar, gerenciando obras e empenhando-se para ajudar na realização dos projetos dos filhos para que estes voltem logo para casa. (ASSIS, 1992, p. 159)

Essa fala se aproxima de Sayad (1998) quando afirma que o processo de migração é marcado por um duplo sentido de presença e ausência. Assim, o fluxo é mais do que um deslocamento, em que se cria uma relação única pela distância de sua terra natal e, ao mesmo tempo, presença em outro local que tem um significado particular dentro da estrutura social. Nessas condições, em situações difíceis como os casos de violência na cidade de Rosário a família acompanha todas as notícias. O apoio da família nesses casos significa um suporte emocional. O projeto de mobilidade dos brasileiros nos Estados Unidos é conseguir acumular uma certa quantia no país para retornar no Brasil, construindo uma casa própria ou um negócio. No caso dos brasileiros na Argentina, é completar o curso de medicina e poder atuar como médicos. O apoio da família representa um suporte para enfrentar as dificuldades da vida em outro país.

Outra situação bastante compartilhada foi o isolamento durante a pandemia e as tentativas de retornar para o Brasil, enquanto a família ia acompanhando e pensando em possibilidades. No caso de Cecília, por exemplo, ao mesmo tempo em que descreveu todas as dificuldades em dividir o apartamento logo quando chegou na Argentina, ela compartilhou sobre a importância do apoio da família no Brasil. Ela estava há 4 meses quando foi decretada a pandemia de Covid-19 e, naquele momento, a Argentina era um dos países que implementou um dos isolamentos mais rigorosos. Ela me contou que andava com uma bolsa com todos os seus documentos porque podia ser parada por policiais argentinos que questionavam as saídas para a rua. Cecília disse que sentia muito medo e foi um período muito estressante por estar longe do Brasil por não saberem muito sobre a doença. De acordo com ela,

Meu pai começou a ver as possibilidades de eu ir voltar pro Brasil. E aí tudo bem, viu avião e nada. E aí, meu pai entrou em contato com Itamarati que é alguma coisa que resolve essas coisas de repatriação tudo isso e aí a gente soube que tinha vários ônibus saindo aqui da Argentina levando até Uruguaiana que fica aqui no Rio Grande do Sul,

né? E aí eu entrei nesse segundo ônibus. Aí eu fui nesse segundo ônibus eu e essa menina que morava comigo e aí a gente foi para lá uma loucura, né? Porque assim foi eu sair daqui eu sair daqui 9 horas da noite e chegou em Uruguaiana de manhã. Aí meu pai, teve que comprar passagem para a gente ir de ônibus de Uruguaiana até Porto Alegre que é longe, eu não imaginava [...] E aí cheguei em Porto Alegre, meu pai tinha comprado tinha comprado a passagem para a gente ir para Campinas, Campinas, Salvador e meu pai ia sair para me pegar em Salvador. Entrevista 23

A todo momento, Cecília dizia-me que, sem sua família, não conseguiria estar na Argentina. O apoio da família no Brasil tem várias dimensões para os estudantes, mas se manifesta principalmente pela relação de compartilhar a vida à distância, reforçando uma nova configuração de presença e ausência como coloca Sayad (1998). De maneira geral, o apoio da família se traduz por duas dimensões centrais: um sentido afetivo de suporte e um sentido econômico pelo envio das remessas financeiras. É essa relação que marca a importância da família nos eventos de formatura e finalização do ciclo de estudos no exterior. Muitos estudantes falam sobre o planejamento para conseguir trazer a família. Lucia, psicóloga e professora de medicina, percebe que, para seus pacientes brasileiros, a família tem uma importância muito grande e ela se impressionou em ver como nas festas brasileiras a família tem uma participação mais intensa. Uma das suas pacientes contou como era importante que a família pudesse ir para a Argentina para ver como era a cidade e que, naquele momento, ela já estava trabalhando e conseguindo se sustentar sozinha.

É interessante que Lucia percebe que realmente existem muitos perfis diferentes de estudantes brasileiros: existem aqueles que possuem mais condições financeiros e conseguem levar uma vida boa na Argentina e ao mesmo tempo voltar regularmente para o Brasil para visitar; aqueles que trabalharam muito tempo para economizar para poder migrar; e também brasileiros mais velhos, um perfil incomum para os estudantes de medicina considerando que é uma formação que requer muitos anos de dedicação. Para cada um destes perfis, Lucia percebe que existe tipos diferentes de pressão sobre a graduação, De acordo com Lúcia,

O que eu vejo é que há uma pressão muito, muito grande para se provar, porque a família está mandando dinheiro, então eles acham que precisam retribuir e começar a trabalhar [como médicos]. [...] porque os brasileiros cobram muita eficiência de si mesmos. Eu acho que isso tem a ver com... sim, esse é outro ponto que eu comento. Bom, o que acontece com todos esses jovens em relação às coisas que eles sentem e o que acontece com a família deles? (Lucia, 2024)

Destaco que para a maior parte dos meus interlocutores, a principal fonte de renda é o auxílio financeiro do Brasil. Assim, os estudantes sentem uma pressão sobre a expectativa do

retorno; ao mesmo tempo, existe uma incompreensão das famílias sobre as particularidades de estudar no país. O tempo de dedicação para a carreira médica é bastante extenso e são, no mínimo, 6 anos de graduação, mas por causa das reprovações podem ser 8 ou 10 anos. Depois de formado, o médico ainda precisa cursar a residência para a especialização médica e depois deste tempo vai estar atuando.

O apoio financeiro possibilita a permanência dos estudantes na Argentina. No caso dos estudantes de medicina, receber as remessas financeiras da família não significa estar livre de cumprir com certas obrigações e expectativas da família. Uma dimensão bastante compartilhada entre os estudantes é a obrigação de “**valorizar o sacrifício da família**”. Daí as pressões sobre bons resultados na faculdade e ser aprovados nos cursos da faculdade de medicina.

Além disso, para “**valorizar o apoio da família**” os estudantes consideram que existe uma compreensão sobre a quantidade de dinheiro que as famílias podem mandar para os estudantes de medicina que envolve um planejamento para fazer o melhor uso daquela quantia. Assim, não se recusa o dinheiro, ao mesmo tempo em que os estudantes a todo momento evitam ter que recorrer à família para pedir mais dinheiro. Para muitos dos brasileiros, existe um aprendizado em gerenciar o dinheiro recebido e, quando por algum motivo as remessas não são suficientes, estes estudantes compartilham as suas estratégias para “**dar um jeito**”. Algumas vezes, isso significa recorrer a redes na Argentina, mas encontrar um trabalho para complementar o dinheiro recebido também é visto como valorizar esse esforço da família por ser a garantia da permanência e da continuidade do processo migratório.

Em alguns casos, existe um planejamento de retorno material pela expectativa da estabilidade financeira que advém do ser médico. Conheci um casal de brasileiros, por exemplo, que atuavam como técnicos de enfermagem no Brasil e têm uma filha de 6 anos de idade. Para o marido conseguir estudar medicina, a esposa Eliana trabalha fazendo comidas para vender na frente da Faculdade de Medicina. De acordo com ela, quando o marido terminar a faculdade e estiver atuando como médico no Brasil, ele vai custear os estudos da esposa no Brasil. Em outros casos de brasileiros, existe uma expectativa de ajudar a família no futuro uma vez que a vida esteja mais estabilizada. Assim, escutei de muitos interlocutores planos para “**ajudar**” a família no futuro construindo uma casa ou ajudando na aposentadoria dos pais quando estivessem atuando como médicos. Como nos ensina Mauss (2017), a cadeia de trocas mantém os laços de reciprocidade que pode ser percebido por estas relações dos estudantes para com a sua família de origem que envia as remessas financeiras.

Para os estudantes de medicina, é interessante que não existe a obrigação do retorno para algum lugar. Além disso, a troca de recursos financeiros entre estudantes e suas famílias pode ser

interpretada como parte de um sistema mais amplo de reciprocidade, em que a mobilidade não apenas representa um investimento no futuro profissional, mas também reforça os laços de solidariedade e obrigação mútua. Assim, as remessas financeiras e o apoio emocional são compreendidos não apenas como sustento material, mas como expressão de um vínculo social que se constrói e se reafirma ao longo da experiência migratória.

Uma outra questão importante sobre as relações familiares nesse contexto é que esse sistema de trocas entre a família no Brasil e os estudantes na Argentina não exclui materialidades de presentes em envios de encomendas. Rafaela foi uma das estudantes que me descreveu como faz para receber produtos para cabelos cacheados que não encontra no Brasil. A família no Paraná faz o envio de pacotes até a fronteira brasileira com a Argentina, onde existe um serviço de entrega feito por brasileiros que chega até Rosário. Assim, além do envio de quantias em dinheiro, as famílias no Brasil também enviam e trazem diversos produtos brasileiros que têm um sentido afetivo para os estudantes. Entre estudantes nordestinos, alguns descreveram que conseguem trazer panelas para fazer cuscuz, por exemplo. Um outro estudante que conheci falou que assim que contou para a sua mãe como os preços estavam subindo na Argentina pela inflação, ela veio lhe visitar dando um jeito de trazer uma mala cheia de sabonete e outros produtos brasileiros. Em outro sentido, quando os estudantes voltam para o Brasil, levam bastante produtos argentinos para a família, mas principalmente *alfajor*, vinho e doce de leite.

A experiência dos estudantes brasileiros de medicina em Rosário revela uma dinâmica complexa entre autonomia e dependência, marcada pelo apoio familiar que sustenta seus projetos migratórios. O apoio familiar nesse contexto tem dois sentidos principais: econômico pelo envio das remessas financeiras e afetivo pelo suporte em momentos de dificuldade. Essas trocas criam um sistema de obrigações recíprocas que conectam os estudantes na Argentina e as famílias de origem no Brasil. Enquanto os estudantes buscam liberdade e realização profissional, enfrentam também pressões para corresponder às expectativas familiares, equilibrando independência e responsabilidade. A conclusão do ciclo migratório — seja com o retorno ao Brasil ou a estabilização no exterior — consolida esse projeto como uma conquista não apenas individual, mas familiar, onde o sucesso profissional é também uma forma de retribuição ao apoio recebido.

### **3.2 Ser estrangeiro, sentir-se a margem**

A análise sobre fluxos e mobilidades são múltiplas e pretendo revisitar conceitos importantes. Proponho me utilizar desse levantamento para considerar as perspectivas sobre os estudos migratórios no Brasil. De acordo com Feldman-Bianco et al (2020) entre as décadas de

1940 e fins de 1980, as pesquisas sociais e antropológicas estiveram centradas nos contingentes migratórios de nacionalidades diversas presentes no sul e no sudeste brasileiro<sup>55</sup>. A retomada de Feldman-Bianco et al (2020) destaca ainda que, entre 1940 e fins de 1970, predominou abordagens assimilaçãoistas e, a partir da década de 1970 pesquisas começaram a adotar perspectivas sobre a etnicidade, relacionando nação e identidade étnica (Seyferth, 1982). Esses primeiros estudos antropológicos no Brasil podem se relacionar com o enfoque integracionista apontado por Audebert e Henderson (2023), que consistia no estudo monográfico de contextos locais de instalação e da experiência de integração de grupos etnocomunitários em uma escala mais local.

Em outros campos teóricos, com o destaque para a demografia e economia, os primeiros estudos envolve uma perspectiva utilitarista, destacando fatores de expulsão e atração no contexto de desenvolvimento nacional como descreve Pilar Uriarte Bálamo (2009). Nesses primeiros estudos migratórios, o deslocamento do sujeito tem um destaque individualista desconsiderando relações de desigualdade entre o lugar de origem e o lugar de destino. Uma segunda geração desses estudos destaca os mecanismos da migração em análises históricos-estruturais, demonstrando que os países de origem de migrantes são considerados pós-coloniais e com economias mais instáveis, enquanto as regiões para onde eles migram ocupam os graus mais altos na hierarquia político-econômica mundial Pilar Uriarte Bálamo (2009).

Nas ciências sociais, Abdelmalek Sayad (1998) é considerado um dos teóricos mais clássicos sobre contextos migratórios por sua proposta de investigar o fenômeno migratório em sua totalidade, recorrendo a diferentes campos de estudos para além da perspectiva econômica. Para Mauss (2003), em “O Ensaio sobre a Dádiva” a definição de fato social total é um fenômeno que mobiliza simultaneamente diversas dimensões da vida social, como economia, política, religião, direito e moral de forma interligada. As pesquisas de Sayad centraram o fluxo de argelinos para a França e a partir da perspectiva de Marcel Mauss (2003), Sayad (1998) considera que a migração tem que ser tratada como um fato social total. No caso de migrações, isso significa considerar, por um lado, diferentes aspectos da vida social, bem como análises sobre local de origem e de chegada.

No ensaio “O que é um Imigrante?”, Sayad (1998) define migração como o movimento de pessoas em contextos de dificuldades econômicas e adversidades, que ao mesmo tempo se tornam uma necessidade para a inserção em um mercado de trabalho específico no país de chegada. Assim,

<sup>55</sup> O artigo é um balanço bibliográfico da produção sobre migrações e deslocamentos da antropologia brasileira. O segundo momento de produção (1990-2000) se refere a uma expansão dos estudos migratórios para contextos internacionais e transnacionais e o terceiro momento (2010-2018) se refere a uma abertura para contextos de violências e legalidades em deslocamentos. Apesar de não ser o foco dessa dissertação, é interessante os três momentos para uma análise da antropologia brasileira em relação a migrações e deslocamentos.

o estado provisório que define a migração também se configura pela permanência dessa condição de vulnerabilidade e precariedade (SAYAD, 1998). Assim, a sua definição também se relaciona com a inserção de migrantes em mercados de trabalho de baixa especialização, mas que ainda possibilitam os envios de remessas financeiras ao seu local de origem.

As pesquisas sobre este tipo de fluxo revelam contextos marcados por esta dupla relação: as dificuldades no contexto de origem que incentivam o movimento de pessoas e uma inserção e necessidade por trabalhadores em ocupações específicos. Os fluxos de profissionais e acadêmicos se tornam um caso específico caracterizado por pessoas que saem de seus lugares de origem para uma formação profissional ou uma certa ocupação profissional.

As primeiras teorias sobre esse tipo de fluxo profissionais surgem na década de 1970 em uma vertente ligada a uma perspectiva econômica. A migração laboral de profissionais qualificados foi definida como o fenômeno da fuga de cérebros (*brain drain*). A conclusão é que a migração seria uma falha do desenvolvimento social e econômico do país de origem e deveria ser evitada. Por exemplo, Salt (1997) define a fuga de cérebros como os movimentos de perda de capital humano qualificado, em que o fluxo de mobilidade acontece em uma única direção. A pesquisa desenvolvida por Salt (1997) no contexto europeu conclui que este processo impactou negativamente os desenvolvimentos regionais da América Latina, África e Ásia. Segundo Moraes (2012), este tipo análise em que

destacam-se os fluxos pendulares, numa divisão do mundo entre países emissores e países receptores de pessoas, tirando do sujeito toda a agência e seu processo criativo. A migração pode ser vista aqui como um problema, de contexto das independências dos países africanos, muitas pessoas como o fenômeno momento em que fenômeno da "fuga de cérebros". Tais migrações podem ser pensadas também nos das antigas colônias se deslocaram para países europeus num movimento de busca de melhores condições econômicas, tornando o migrante aquele que enviava remessas para o país de origem (MORAIS, 2012, p. 34)

Por esse motivo, é preciso contextualizar que a produção dessas pesquisas e análises foram também elaborações de países que historicamente colonizaram e contribuíram estruturalmente para a consolidação dessas desigualdades. Além disso, críticas a essa perspectiva econômica linear ganharam força quando novos estudos passaram a questionar a visão reducionista que enxergava a migração qualificada apenas como uma perda para os países de origem.

No final da década de 1990, as análises sobre estes fenômenos são relativizadas em um contexto de análises sobre a globalização e transnacionalismo, sendo esta a terceira geração apontada por Bálsamo (2009). De acordo com Petroff (2017, p.761), essa perspectiva inclui uma visão cosmopolita emergindo um paradigma da circularidade, “que descreve os movimentos

qualificados como policênicos, circulares, temporários e baseados no intercâmbio entre os países". Assim, considera-se que mobilidades podem ser temporárias ou uma "circulação de cérebros" (*brain circulation*). Outras relações que se estabelecem através desse paradigma inclui uma visão de criações de redes entre profissionais que seguem em contato, favorecendo a integração entre diferentes localidades.

No contexto brasileiro, a coletânea organizada por Almeida (2004) reúne pesquisas sobre intercâmbios, mobilidades acadêmicas definindo esses fenômenos como formas de "Circulação Internacional". Para Azevedo (2015), os programas de intercâmbio da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) são uma forma de "deslocamentos estudantis". Ainda sobre redes, as reflexões da pesquisa de doutorado de Azevedo (2022) sobre o programa de financiamento para bolsas de doutorado pleno no exterior da CAPES são interessantes para reflexões no contexto do Brasil.

A categoria desse tipo de movimento como "migração" continua sendo um caminho analítico para um conjunto de pesquisas mais recentes. A pesquisa de Cárdenas (2019) se refere ao fenômeno de "migração qualificada" para os médicos cubanos no Brasil participantes do Programa Mais Médicos, em que existe o objetivo de permanecer no país trabalhando na sua área de formação. Em pesquisa anterior sobre o fluxo de brasileiro para o Vale do Silício, na Califórnia, utilizei a mesma definição em Fonseca Cruz (2022). Nesse caso de pesquisa, os brasileiros já possuíam formação e um certo prestígio e posição social no Brasil e tinham o desejo de planos de continuar nos Estados Unidos na expectativa de manter certas ocupações. Sobre as definições em torno de migrações qualificadas, Pretoff (2017) destaca que para um conjunto de autores a "migração qualificada" não incluiria o perfil de estudantes internacionais. A proposta de Pretoff (2017) é que a

"a categoria de estudantes internacionais pode ser interpretada como uma categoria de potenciais imigrantes qualificados, já que, algumas vezes, esses estudantes acabam construindo trajetórias de trabalho nos países de destino ao terminarem os estudos" (PETROFF, 2017, p.765)

A partir deste trecho, é possível concluir que a categoria de migração envolve um projeto de permanência e, ao mesmo tempo, a temporalidade que é importante. Em sua pesquisa sobre estudantes moçambicanos no Brasil, Subuhana (2005) define o fluxo como uma forma de "migração temporária". No caso destes estudantes, muitos tinham a obrigatoriedade do retorno para o país de origem pelos acordos de financiamentos de seus estudos.

Considerando a especificidade de estudantes neste caso, Oliveira (2021) utiliza a categoria de "Migração por Estudos" para os estudantes de medicina brasileiros em Rosário. A definição utilizada por Oliveira (2021) considera migração como a busca de melhores condições de vida

relacionada a uma aspiração mais ampla e o fluxo para a Argentina acontece pela busca pela melhor educação e formação em um campo profissional específico, a medicina. As análises sobre um fluxo “por estudo” desses estudantes de medicina abrem espaço para a interpretação de que o objetivo final é a formação educacional na Argentina. Entretanto, ao considerar **o projeto de mobilidade** e o sonho de ser médico, o propósito desses deslocamentos é a possibilidade de exercer a profissão.

Para além da categoria “migração”, um conjunto de outras pesquisas se utiliza de categorias mais fluidas revelando um conjunto de pesquisas que se relacionam com o cosmopolitismo. Na antropologia, Ulf Hannerz (2009) define o cosmopolitismo como uma orientação ou um desejo de estar engajado com o Outro. Ao mesmo tempo, em que envolve uma capacidade intelectual e estética, é uma capacidade técnica de se relacionar com experiências e culturas diferentes (ídem, 2009). Na mesma direção, Weenink (2008) define este tipo de habilidade como Capital Cosmopolita. A pesquisa desenvolvida tinha como objetivo entender a percepção de famílias cujos filhos estavam estudando em colégios internacionais entre 2001 e 2002. Dessa maneira, define o Capital Cosmopolita como

Uma propensão a se engajar em espaços sociais globalizadas [...]. O capital cosmopolita compreende predisposições e competências corporais e mentais (*savoir faire*) que ajudam a se engajar com confiança em tais espaços. Além disso, proporciona uma vantagem competitiva, um avanço em relação aos concorrentes. As pessoas acumulam, apresentam e exibem capital cosmopolita enquanto vivem no exterior por algum tempo, visitam e hospedam amigos de diferentes nacionalidades, frequentam reuniões com regularidade destinadas a um público internacional, mantêm um círculo globalmente disperso de amigos ou parentes, lêem livros, revistas e revistas que alcançam um público global e possuem uma fluência quase nativa de inglês e pelo menos um outro idioma. (WEENINK, 2008, p. 1092)

Essa chave conceitual se tornou fundamental para estudos sobre pesquisadores e estudantes internacionais. No contexto brasileiro, destaco a pesquisa de Lombas (2013) sobre pesquisadores que obtiveram bolsas de estudos do governo para a realização de formação pós-graduada e de pesquisa no exterior, nas modalidades de Doutorado Pleno, Doutorado Sanduíche e Pós-Doutorado em 3 países (Estados Unidos, França e Grã-Bretanha) entre 1996 e 2007. A conclusão de Lombas (2013) é que a exposição internacional favorece relações interculturais e estimula a produtividade em redes necessárias para o trabalho e internacionalização da ciência.

Uma outra consideração feita por Hannerz (2009) é que o cosmopolitismo é um tipo de conhecimento específico que envolve também condições econômicas e sociais. Essa é uma das críticas sobre a perspectiva transnacional em estudos migratórios feita por Audebert e Henderson (2023) em que se tem um enfoque em relações dominantes do tipo Norte-Sul sem o

questionamento sobre estas relações de poder. Nesse sentido, o fluxo de estudantes entre países da América Latina e, no caso dessa pesquisa Brasil e Argentina, complexifica esta perspectiva transnacional e cosmopolita. Os estudantes brasileiros no país em seus discursos não falam sobre a sua experiência internacional como um elemento de distinção em relação a outros brasileiros.

Nesse sentido, existe também um desafio conceitual em que certas conceituações clássicas não se enquadram para definir o movimento de brasileiros que estudam medicina. Em relação a categoria de “migração”, concordo com Morais (2012) de que existe uma tentativa de adjetivar a palavra para diferenciar o fenômeno. Assim, seria uma possibilidade de destacar as particularidades da experiência de estudantes em outros contextos. Entretanto, não seria suficiente para definir o fluxo em sua totalidade. A proposta de Morais (2012) é considerar a perspectiva dos próprios estudantes, destacando que a categoria “migrante” até pode aparecer em conversas, mas geralmente mais em uma posição de crítica do que como afirmação. Este me parece um caminho analítico importante para responder a este desafio teórico. Entretanto, no meu contexto de pesquisa, percebi que classificar sua própria experiência de mobilidade não seja uma questão ou preocupação deste grupo e as vivências internacionais são pensadas por outras vias em que destacam o fato de serem “estrangeiros”.

Assim, os estudantes enfatizam as diferenças culturais percebidas e reforçam o fato de serem “estrangeiros”. As experiências sobre ser estrangeiro e as interações sociais que surgem por ser estrangeiros foram analisados sociologicamente por Simmel (2012) e Schutz (2012). Inicialmente, é preciso contextualizar que estes autores estavam interessados em desenvolver uma sociologia baseada em interações sociais cotidianas. Para Schutz (2012), a realidade social é o objeto de estudo das ciências sociais, em que o mundo é apreendido por uma interlocução fundamental entre configuração individual e emoções compartilhadas socialmente. Em análise sobre a teoria de Alfred Schutz, Carla Costa Teixeira (2000, p.15) define que o senso comum se define como “um modo de conceber e vivenciar o mundo que se encontra tão enraizado nos sentimentos e pensamentos de seus integrantes, que lhes é dado como se fosse da ordem das coisas da natureza.” Por isso, a proposta metodológica de Schutz é questionar naturalidade da subjetividade dos indivíduos e por outro lado questionar a própria noção de interação social para ciências sociais.

O caminho de investigação empreendido por Schutz (2012) é pesquisar o estrangeiro para questionar as naturalidades do mundo social. O mundo é apreendido desde o início na interlocução fundamental, por vezes silenciosa, entre sujeitos, a partir de uma configuração de valores, relevâncias, interesses, sonhos, projetos, sensações e emoções compartilhados socialmente e, nessa condição, o mundo se impõe a eles em sua existência objetiva e que lhes ultrapassa. Em sua análise, Carla Costa Teixeira (2000, p. 25) destaca que, na perspectiva de Schutz, “estranho é todo aquele

que não compartilha a tradição do grupo, não reconhece a autoridade do estoque de conhecimento à mão e, portanto, para quem aquele mundo da vida é apenas uma possibilidade e não o mundo naturalizado”. Por isso, Schutz (2012), que se utiliza metodologicamente da investigação do estrangeiro como tipos ideais e exterior ao indivíduo. A sua definição de estrangeiro se relaciona mais com a produção da interação do estranhamento e por isso não se restringe a migrantes e pode ser analiticamente utilizado para grupos marginalizados da sociedade.

Por outro lado, a definição de Simmel (2012) considera a existência de forma social com uma existência em si, sendo assim, a condição de estrangeiro tem propriedades formais invariantes e objetivas. A condição de ser estrangeiro se relaciona com uma relação peculiar em pertencer a algum grupo e um segundo sentido espacial do estar no grupo.

Considerando estas perspectivas sociológicas, é possível perceber que a posição de estrangeiro favorece uma sensibilidade para refletir sobre suas tradições do contexto de origem e da sociedade que se encontra. Ao longo deste estudo, apresentei diferentes aspectos da vida em que os brasileiros destacam as diferenças entre a Argentina e o Brasil. As primeiras diferenças culturais se relacionam com a linguagem e os relatos sobre o aprendizado do espanhol. Sobre os intercambistas brasileiros, Azevedo (2015) considera que formam um tipo específico de “estrangeiro” que desenvolve estratégicas para desenvolver formas de socialização. De acordo com Azevedo,

Podemos compreender o intercambista, desta maneira, como um tipo específico de “estrangeiro”, que, por mais que desenvolva certa “espontaneidade” em terra estrangeira, não consegue se sentir inteiramente parte daquele lugar. Logo, a ideia do não pertencimento sempre estará presente, obrigando tais atores a buscarem formas diversas de socialização e construção de relações sociais locais.

Os estranhamentos nesse sentido, formam uma parte grande das experiências desses estudantes ao viver em outro lugar. Nas conversas e nas interações com os brasileiros, era comum que me contassem sobre as principais diferenças entre as duas culturas, em que as descrições envolvem um conjunto diverso de percepções sobre o idioma, a culinária, o lazer e tantas outras camadas da vida social.

Dessa maneira, o estudo dos fluxos migratórios e das mobilidades contemporâneas é marcada por diferentes enfoques que refletem contextos históricos, econômicos e sociais distintos. Em um primeiro momento, o enfoque esteve em migrações laborais em que migrantes são inseridos em mercados de trabalho que colocam uma situação de provisoriação e vulnerabilidade. No caso das migrações “qualificadas”, houve uma transição de paradigmas: da noção de *brain drain*

ou fuga de cérebros, marcada pela visão econômica, para a ideia de *brain circulation*, destacando uma visão transnacional reflexo de contextos globalizados.

No caso desta pesquisa, a revisão crítica dessas perspectivas teóricas levou a um questionamento sobre quais categorias utilizar para definir este fenômeno. Alinhada com o posicionamento metodológico proposto por Morais (2012), entendo que é essencial priorizar as autodefinições dos próprios estudantes em relação às suas experiências de deslocamento. Durante a investigação, percebi que, além de se identificarem como estudantes, esses indivíduos frequentemente destacavam a vivência de ser estrangeiro como um eixo central em suas narrativas. Essa constatação justifica a incorporação das reflexões de Simmel e Schutz (2012) sobre a condição estrangeira, uma posição social específica marcada pela ambiguidade, simultaneamente de pertencimento e distanciamento. É com esse propósito que, na sequência, aprofundarei as discussões sobre as experiências concretas desses estudantes, explorando como a condição de estrangeiro se manifesta em suas interações cotidianas, suas estratégias de adaptação e suas percepções sobre o Brasil e a Argentina.

### **3.3 Reconfigurando Identidades: entre a Experiência Migratória e a Mobilidade**

#### **Estudantil**

Os deslocamentos humanos, em suas múltiplas manifestações, constituem um objeto de estudo fundamental para as ciências sociais. Mais do que simples mudanças geográficas, os processos migratórios, sejam eles motivados por fatores econômicos, conflitos políticos ou projetos educacionais, envolvem complexas dinâmicas sociais. Quando analisamos especificamente as mobilidades estudantis e profissionais, observamos que esses movimentos assumem características particulares conforme os grupos sociais envolvidos. Enquanto para as elites globais tais deslocamentos podem representar estratégias de acumulação e reprodução de capitais simbólicos (BOURDIEU, 1989), no caso aqui investigado - o fluxo de estudantes brasileiros de medicina para a Argentina – torna-se uma alternativa viável para segmentos da classe média intermediária acessarem formação superior. É precisamente sobre esses aspectos particulares da experiência de mobilidade estudantil em um contexto sul-americano que nos debruçaremos nesta seção, buscando compreender como se configuram as dinâmicas identitárias e as percepções sobre diferenças culturais nesse processo.

Para tal, proponho retomar a forma como a escolha pela Argentina acontece, considerando que existe uma hierarquização de destinos<sup>56</sup>. A possibilidade de estudar medicina é sempre comparada com os outros destinos possíveis para os brasileiros: o Paraguai e a Bolívia. Para os brasileiros na Argentina, estar no país seria uma vantagem comparada com os outros destinos, em que muitas vezes os estudantes compartilhavam visões estereotipadas sobre os outros dois países. Escutei de estudantes que a Bolívia é um país mais “**perigoso**” e a abertura sem controle de muitas faculdades particulares e “**desorganização**” do Paraguai seriam um ponto negativo.

A qualidade do ensino argentino também é discutida em comparação com estes países, em que muitos de meus interlocutores consideram importantes as taxas de aprovação do Revalida. Na última edição do Revalida, a UNR havia obtido a maior taxa de aprovação entre todas as universidades do exterior. Ao mesmo tempo que exaltam a formação médica argentina, alguns interlocutores também passam a criticar faculdades de medicina brasileira que “fazem muitas festas e não tem o mesmo nível de exigência educacional”. Por esse motivo, é comum que os estudantes brasileiros de medicina compartilhem notícias sobre falhas do ensino médico brasileiros. Como exemplo, escutei de uma interlocutora sobre uma pesquisa feita pelo Conselho Regional de Medicina do estado de São Paulo que mostrou que médicos recém-formados não sabiam aferir pressão arterial<sup>57</sup>. Em alguns casos, os brasileiros também passam a defender reformulações sobre o ensino de medicina no Brasil<sup>58</sup>.

Dessa maneira, para alguns de meus interlocutores, existe sim uma percepção positiva sobre cursar medicina no exterior e, especificamente, na Argentina. Estes descrevem as conexões e experiências universitárias de aprendizado, de vivência em outro país e aprendizado de um novo idioma. Entretanto, essa percepção não é um dado a priori ou reconhecido socialmente e é, em defesa de seus projetos de mobilidade, que os brasileiros defendem e descrevem a qualidade da educação argentina. Por esse motivo, considero que existe uma diferença entre compreender a percepção desses brasileiros sobre os ensinos argentino e brasileiro e assumir que o propósito de seus deslocamentos é educacional. Como exemplo, apresentei em um capítulo anterior, o caso de Cecília que procurou opções para financiar uma faculdade particular de medicina no Brasil. Muitos

<sup>56</sup> No contexto da diáspora haitiana, Handerson (2015) apresenta que a hierarquização de destinos envolve percepções de que ir para países centrais com economias mais estabelecidas como Estados Unidos, França, Canadá, traz uma posição superior e com mais dinheiro do que os vindos de países da América Central e América do Sul.

<sup>57</sup> A notícia de 2018 está disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/09/26/40-dos-medicos-recem-formados-reprovam-no-exame-do-cremesp.ghtml>

<sup>58</sup> Neste contexto, se explica também a posição política de muitos estudantes brasileiros na Argentina em defenderem um exame para a habilitação de médicos formados no Brasil, assim como é exigido a aprovação no Revalida para esses médicos formados no exterior. O projeto de lei conhecido como “OAB da Medicina” é um projeto que defende uma avaliação para todos os médicos formados no Brasil serem avaliados para obter o registro médico no Brasil.

de meus interlocutores afirmam que não querem viver na Argentina e se tivessem a possibilidade cursariam medicina no Brasil.

Em relação à vida cotidiana na Argentina, reforçavam sempre os estranhamentos percebidos por serem “**estudantes estrangeiros**”. As diferenças entre os dois países eram enfatizadas por um conjunto diverso de percepções sobre o idioma, a culinária, o lazer e tantas outras camadas da vida social. Retomando Schutz (2012), é nesse estranhamento que a posição de estrangeiro se estabelece.

No caso do idioma, é comum que os brasileiros busquem cursos preparatórios e fazer uma imersão no idioma. Ao mesmo tempo, passam a valorizar mais interações com brasileiros e quando tem a possibilidade de falar em português. Essas outras formas de socialização e estratégias também pode ser percebido pelas diferenças culinárias que os estudantes brasileiros relatam. Um prato comum para o dia a dia argentino é a *milanesa*, um tipo de frango empanado, ou a *suprema*, o frango empanado recheado com queijo e presunto, acompanhado de alguma salada ou então batatas fritas ou purê e por uma tradição italiana, em que muitos pratos são servidos com massas. Enquanto no Brasil, não pode faltar arroz e feijão e para conseguir fazer comida brasileira em casa, muitos estudantes fazem compras em mercados brasileiros.

Os estudantes me explicaram que a qualidade dos produtos é diferente e muita coisa não se encontra nos mercados locais. Uma reclamação bastante comum, por exemplo, é sobre o feijão argentino que tem os grãos maiores e mais duros depois do cozimento. O outro produto que brasileiros compram em mercados brasileiros é o café, considerando que o hábito do argentino é consumir o mate. Em lojas e mercados mais especializados argentinos, se encontra cafés considerados gourmets principalmente da Colômbia e do Brasil, mas os estudantes sentem falta do “café do dia a dia” e assim geralmente compram cafés moídos e torrados de marcas bastante conhecidas nacionalmente como Três Corações ou Café do Sítio. Os mercados brasileiros também são importantes para conseguir encontrar produtos tipicamente brasileiros como a farinha de mandioca para fazer farofa.

Avanço um pouco nas colocações de Schutz (2012) para afirmar que a posição de estrangeiro também proporciona ao indivíduo em um novo olhar sobre a sua sociedade de origem. No caso das pesquisas com intercambistas, Azevedo (2015, p. 70) destaca que o retorno gera “alterações na forma como lidam com o Brasil e com as redes previamente existentes aqui”. No caso dos estudantes de medicina, alguns de meus interlocutores falavam sobre uma nova percepção sobre o Brasil e a saudade de aspectos da vida que não imaginavam. Destaco, especialmente essa fala de Rafaela que estava em seu primeiro morando na Argentina, Durante a entrevista, ela reafirmou a sensação de ser estrangeira destacando que, muitas vezes, sente a necessidade de

nomear o que faz falta e valorizar o que antes ela considerava da vida no Brasil. Dessa maneira, ela afirmou que

Eu me sinto como estrangeira, tipo eu sei que aqui não é minha casa [...] A gente sente isso sim, às vezes sente saudade de casa, [...] quem tá morando fora e tal vai entender porque eu já vi assim que quando a gente não dá vazão para esse sentimento e vai virando uma angústia assim, né? Então é muito importante você falar não só ‘eu tô com saudade’, mas é do que? Ah, do domingo com a minha família, o pão de queijo da esquina, porque daí eu acho que ajuda a gente lidar melhor com essas coisas porque realmente vai ter coisas que a gente não vai encontrar aqui, vai ter coisas que a gente vai querer. [...] Ao mesmo tempo me faz valorizar mais, [...] você ganha esse amor assim... Acho que pelo seu país e também pelo comum é muito mais assim, tipo o momento com a família, a comida e tudo que antes parecia tão normal e ordinário (Rafaela, 2024)

Assim, Rafaela destaca que percebe uma mudança sobre o que parecia comum no Brasil. Assim como destaquei acima, a culinária é um aspecto importante para as interações e relações estabelecidas e sempre estão destacadas nos estranhamentos. Uma outra colocação importante a partir da fala de Rafaela permite refletir sobre o retorno. No momento da nossa entrevista, Rafaela estava cursando o primeiro ano e ela ainda não tinha certeza de quando conseguiria ir. Para os estudantes com mais condições financeiras, é comum que voltem para o Brasil para as festas de ano, depois do fim das aulas em dezembro ficando até inicio de março com o retorno das aulas.

Entretanto, muitos brasileiros descrevem um sentimento duplo: a felicidade pelos reencontros, mas também uma tristeza em perceber mudanças. Além das vivências cotidianas na Argentina, a posição de estrangeiro se reforça também com o retorno e o estranhamento com o Brasil. Gabriela foi uma das estudantes que descreveu essas sensações, concluindo que nessa volta a sensação é de viver todas as adaptações como se fosse a primeira vez. Escolhi a fala dela porque quando nos conhecemos, ela estava na Argentina há quase 3 anos e me disse que vai para o Brasil todo ano e toda vez sente esse mesmo estranhamento. De acordo com Gabriela,

[É bom voltar para o Brasil] E ao mesmo tempo não. Não é, porque eu vi uma vida diferente. É estranho quando você volta você bagunça todas as suas emoções, todos seus sentimentos. Você passou um tempo lá [no Brasil] e vê tudo que você perdeu, você vê tudo que você não participou. E aí quando já participou de outras coisas, você vai ter que ir embora de novo. (Gabriela, 2024)

Em um primeiro momento, descrevi essas percepções sobre a chegada na Argentina, mas são estranhamentos que acontecem também no retorno e nas experiências no Brasil. Para muitos estudantes, estar longe da família os coloca em uma posição de perceber esses afastamentos e os sacrifícios que são feitos pelo projeto de mobilidade. Durante as entrevistas, era comum que

perguntasse para os estudantes o momento mais difícil de suas experiências na Argentina. Escutei muitos relatos sobre familiares e amigos que faleceram no Brasil e o processo de vivenciar o luto sem poder retornar para estar junto. Não pretendo aprofundar estas questões, mas é importante considerar que estar no exterior é como Gabriela colocou “perder” momentos no Brasil. Os estudantes brasileiros vivenciam estas dinâmicas da vida *entre* dois lugares reforçando a percepção de ser estrangeiros.

Entretanto, ao final reforçam que é um movimento necessário pelo projeto de mobilidade. Aprofundei essas perspectivas no capítulo 2 na análise sobre o sonho de ser médico. Entretanto, vale a retomada para a definição do fluxo de mobilidade e a relação que se estabelece na identidade dos indivíduos. A definição de projeto para Gilberto Velho (1994) baseado na definição de Alfred Schutz do projeto como "conduta organizada para atingir finalidades específicas". Assim, o projeto envolve um planejamento sobre a ação que se baseia em expectativas e experiências socioculturais. Os projetos individuais estão em interação dentro do campo de possibilidades, premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos (VELHO, 1994, 2008).

Em relação ao sonho de ser médico, isso significa que o projeto de mobilidade de brasileiros para a Argentina envolve um conjunto de concepções sobre a profissão médica. Em um primeiro lugar, dentro do campo da saúde, o médico ocupa a posição social de hierarquia. Assim, ser médico representa uma possibilidade de ascensão socioeconômica e estabilidade profissional. Nesse sentido, muitos destes estudantes já são formados no Brasil em outras carreiras e profissões dentro do campo da saúde, com destaque para a enfermagem, mas pretendem ter um reconhecimento e uma valorização maior. Além disso, ser médico também se relaciona com um ideal humanitário de “salvar vidas” que constitui um imaginário importante destes futuros médicos.

Uma questão importante para Velho (1994, 2008) é que as concepções e os planejamentos sobre as condutas são partes importantes da individualidade e da identidade. Por isso, os projetos estão ligados com a própria concepção de indivíduo-sujeito. Nesse sentido, Velho (2008) descreve a importância do passado e da memória, experiências que considero que se relacionam com o campo de possibilidades, para conseguir imaginar e planejar o futuro. Essas são experiências individuais que criam condições para que um projeto seja articulado. Em suas palavras,

A consistência do projeto depende, fundamentalmente, da memória que fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar projetos. [...] As circunstâncias de um presente do indivíduo envolvem, necessariamente, valores, preconceitos, emoções. O projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade. Ou seja, na constituição da identidade social dos indivíduos, com particular ênfase nas sociedades e segmentos individualistas,

a memória e o projeto individuais são amarras fundamentais. São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória. (VELHO, 1994, p.101)

A partir disso, a memória e o projeto, de alguma maneira, não só ordenam como dão significado à trajetória dos indivíduos. No caso dos estudantes brasileiros, o sonho de ser médico é mais do que um projeto, se torna uma parte de sua identidade. A partir da perspectiva proposta por Velho (1994) através do projeto conseguimos obter elementos da concepção de mundo sobre si. Para além disso, a centralidade do projeto de se tornar médicos também se torna uma parte importante da biografia de vida destes sujeitos.

Nesse sentido, destacam sempre o fato de serem estudantes, a ocupação e dedicação em seus estudos. De fato, as experiências da vida universitária ocupam grande parte de suas preocupações. Entretanto, neste processo, estão vivendo em outro país, o que é reforçado pelas vivências, estranhamentos em uma nova posição na sociedade pela condição de estrangeiro. Considero que é nesta articulação de projetos e experiências que se constitui a experiência dos brasileiros em serem estudantes estrangeiros.

Em poucas situações, os estudantes falavam de sua experiência como uma forma de migração. Uma destas vezes foi Marina que conheci assim que havia chegado em Rosário em março de 2024. Conseguí o contato de Marina ainda em Brasília através de uma colega de curso do departamento. Me apresentei antes de ir para a Argentina e marcamos de nos encontrar em uma mesa no *Mercado del Patio*, um centro com lojas que fica próximo da Faculdade de Medicina de Rosário. Perguntei para a Marina sobre as principais dificuldades da vida na Argentina e foi nesse momento que passou a me descrever as percepções de argentinos sobre os brasileiros que vêm estudar medicina. Existe uma certa hostilidade com brasileiros em um contexto de intensificação da crise política e econômica no país, considerando que existe uma visão de que os brasileiros chegam com bastante dinheiro. Sobre este contexto, Marina me falou que

O que eles [argentinos] não é percebem é que somos um tipo bom de migrante... Não trazemos nenhum tipo de problema social, na verdade acabamos por movimentar a economia. Para você ter uma ideia, meus pais vieram me visitar ano passado e foram para Bariloche passar férias. Isso incentiva o turismo, sabe? E, mesmo aqueles brasileiros que não têm tantas condições, são pessoas que trabalham para se sustentar aqui (Marina, 2024)

A partir desta fala de Marina, é possível perceber que a definição de ser “**migrante**” envolve um conjunto de percepções que envolvem condições econômicas e vivências sociais específicas. Relacionar o migrante com “**problemas sociais**” é uma associação com um imaginário

de vulnerabilidades. Assim, ser um tipo bom de migrante é se afastar da inserção laboral de migrantes em empregos abaixo de sua qualificação. Ainda assim, Marina destaca que os brasileiros não se relacionam com esse tipo de experiência reforçando uma distinção nos termos de Bourdieu (2008). Segundo Bourdieu (2008), a aversão a certas atitudes e estilos de vida diferentes são também marcadores de posições sociais de diferenciação.

A fala de Marina também envolve uma percepção sobre condições econômicas para viver na Argentina. Um outro fator que diferencia os brasileiros estudantes de medicina é a percepção de que a presença dos brasileiros é positiva por movimentarem a economia argentina em crise. Para os brasileiros com um poder aquisitivo maior, são consumidores e investidores em uma economia em crise. Para aqueles que não possuem as condições, são estudantes que assumem outras ocupações temporária para cumprir o sonho de ser médico.

Em outra entrevista com duas amigas que estudam na UAI, essa visão sobre a questão financeira em fluxos estudantis foi um ponto importante. Conheci Fernanda na faculdade e ela me perguntou se poderíamos fazer a entrevista com a sua amiga, Larissa, que poderia complementar com a percepção dela. As duas se tornaram amigas durante a faculdade e também são vizinhas, morando no mesmo prédio, em uma rua próxima da faculdade. Nos encontramos em um domingo à tarde na casa de Larissa. Naquele dia, Fernanda havia feito um bolo e comíamos junto com café enquanto fazia as perguntas. As duas amigas chegaram em Rosário e se matricularam na universidade pública, depois fazendo a transferência para a faculdade particular depois de um ano.

Em um certo momento, eu perguntei se elas já perceberam ou já sofreram algum tipo de discriminação na faculdade. As duas amigas, Fernanda e Larissa, concordam que existem formas de discriminação e uma exigência maior sobre estrangeiros. Mas comparando a experiência das duas universidades na universidade pública era pior. Para Fernanda, a interação entre estudantes por causa da metodologia PBL era muito difícil e os argentinos não estavam dispostos a participar de atividades em grupo e estudar com brasileiros. Quando foi contar para um professor, a sua recomendação foi de buscar outros colegas na turma. Sobre ser estrangeiro na faculdade particular, Fernanda considera que

Eu acho que por sermos estrangeiros também tem um peso muito maior. A gente teve um curso sobre microbiologia e a gente vê isso, tipo assim uma diferença muito discrepante. Chegou no final de semestre, o professor botou todos os brasileiros no preparatório de matéria e dois ou três argentinos que não tinham ido na prova e tem coisas assim também. Essa questão assim, eu acredito que por ser uma faculdade particular essa questão da xenofobia é bem mais mascarada do que na UNR porque lá é uma coisa bem mais explícita porque lá é público. Então enfim agora na [universidade]

particular eles pegam um pouco mais leve porque eles sabem a gente está em muitas aulas e a gente, em tese, paga, né? Mas é muito difícil também. (Fernanda, 2024)

O peso de ser estrangeiro, para Fernanda, se relaciona com exigências de um desempenho melhor para os estudantes estrangeiros. Mas o ponto mais marcante sobre a sua fala é a comparação entre as duas universidades e que pagar a mensalidade garantiria mais direitos para os alunos. Na perspectiva de Fernanda, o financiamento das universidades públicas faz com que argentinos teriam mais direito em estar na universidade. Ainda sobre a fala de Fernanda, a quantidade de alunos brasileiros é um indicativo de que, por causa da crise econômica do país, são os brasileiros que ajudam a sustentar as universidades particulares.

De maneira geral, percebemos que a relação econômica é uma consideração importante sobre as suas experiências. Considero que existe uma relação sobre o tempo e dinheiro na experiência de mobilidade destes brasileiros. Por um lado, o **tempo** que demoraria para passar em uma universidade pública no Brasil em que são feitas muitas críticas ao sistema de ingresso por provas e vestibulares. E, por outro lado, a relação do **dinheiro** em que se compara o custo de mensalidade das universidades particulares no Brasil. Ao mesmo tempo, é o dinheiro que também garante posições importantes para os brasileiros na Argentina. No caso de Marina que estuda na universidade público significa que viver na Argentina também é “**movimentar a economia**” e para Fernanda a presença de brasileiros na universidade garante as mensalidades. Considerando estas análises sobre ocupação e trabalho, os estudantes não se reconhecem como migrantes por um conjunto de percepção que envolvem também uma condição econômica.

Ainda, um outro ponto importante a ser destacado é a análise sobre os processos documentais e o contexto de legislações e permanências de brasileiros na Argentina. A perspectiva de análise documental na Antropologia em contextos de fluxos foi explorada por Xavier (2023) na pesquisa sobre a Lei de Migrações Brasileira, a Lei 13.445. De acordo com Xavier (2023), como a legislação migratória se relaciona com vivências narradas pelos migrantes, considerando também que documentos tem também uma vida social.

No caso de estudantes e profissionais, para Subuhana (2009) a impermanência das documentações e vistos que os estudantes moçambicanos obtinham para vir ao Brasil é um outro fato para a definição da “migração temporária”. De acordo com a sua pesquisa, Subuhana (2009, p,112) afirma que os moçambicanos “entram no Brasil com o ‘Visto Temporário IV’, que pode ser renovado e prorrogado anualmente, bem como transformado em Visto Permanente”. Em pesquisa anterior sobre os brasileiros qualificados nos Estados Unidos, apontei que a legislação migratória do país emite vistos pela ocupação ou razão para a solicitação sem estar atrelado ao tempo de

permanência (FONSECA CRUZ, 2022). Por isso, os “vistos temporários” poderiam ser emitidos para longos período de tempo.

Para o fluxo de brasileiros que estudam medicina na Argentina, essa temporalidade pela via dos documentos não faz sentido uma vez que os brasileiros obtêm a documentação para residência<sup>59</sup>. O processo para obter a residência e o documento nacional é mais simples por causa de acordos entre os países sul-americanos e integrantes do Mercosul. O Decreto 6.736 de 2009, acordo bilateral entre a Argentina e o Brasil, determina em seu Art. 1 que “os nacionais brasileiros que se encontrem na Argentina e os nacionais argentinos que se encontrem no Brasil poderão obter a transformação dos vistos de turista ou dos vistos temporários em permanente, desde que requeiram e cumpram com os requisitos previstos no presente Acordo”.

Pelo processo de residência argentina, conseguem obter o Documento Nacional de Identidade (DNI), ou seja, o documento de identificação argentino e permanecem em situação migratória regular<sup>60</sup>. O documento de identificação argentino tem uma importância para a vida cotidiana destes brasileiros no país. A primeira dimensão é que o documento permite a criação de uma conta bancária argentina. As conversões de câmbio informais com conversões mais favoráveis fazem transferências para contas bancárias argentinas. Em segundo lugar, o DNI é exigido em contratos de alugueis de apartamentos e, em alguns mercados e lojas, também é possível obter alguns descontos com a identidade argentina.

Um ponto importante é que o decreto para residência prevê um processo para a solicitação de residência sem nenhuma determinação sobre como deve ser a admissão no país. Pelas legislações de livre circulação e integração do Mercosul, os brasileiros não precisam solicitar visto de entrada para turismo na Argentina. O Ministério das Relações Exteriores do Brasil destaca que os documentos necessários para entrada como turista, são o Passaporte ou Carteira de Identidade (RG), documento de identificação brasileiro. Esses são os únicos documentos previstos para entrada e, desde 2021, as autoridades migratórias argentinas já não carimbam passaporte ou expedem documento comprobatório de entrada no país, ficando toda a viagem registrada no sistema local com a permanência máxima permitida a brasileiros em turismo de 90 dias.

<sup>59</sup> É preciso destacar que esta é uma relativa facilidade quando comparado com outros migrantes. No caso de haitianos, por exemplo, precisam apresentar uma carta convite de algum residente e é solicitado um visto específico para a entrada.

<sup>60</sup> Este contexto se diferencia de outros contextos migratórios de estudantes de medicina brasileiros. No caso do Paraguai, por exemplo, Webber (2023) aponta que existe um alto número de estudantes com status migratório irregular, que vivem entre a fronteira de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este. Para esses estudantes, a regularização documental se relaciona mais com obrigatoriedades para as etapas de internato e para a emissão do Diploma de Médico do que com a vivência diária no lado paraguaio (WEBBER, 2023). Um fato curioso é que, para incentivar a regularização de documentos dos brasileiros, o governo paraguaio tem organizado mutirões dentro das faculdades particulares de medicina em Ciudad del Este (WEBBER, 2023).

O caminho mais comum percorrido pelos estudantes brasileiros é entrar na Argentina como “turista”, pelo direito garantido pela nacionalidade brasileira, e, neste período de 90 dias, fazem o pedido para residência e a matrícula nas universidades argentinas. Entretanto, no início de 2024, quando Javier Milei assumiu o governo, uma aplicação mais rigorosa da legislação sobre “Falsos Turistas” passou a ser aplicada. A classificação surgiu no período da ditadura militar argentina com o objetivo de impedir a circulação e permanência de cidadãos de países limítrofes (Alvites Baiadera, 2020). A classificação de “falso turista”<sup>61</sup> se define quando, ao cruzar a fronteira, não se apresentam todas as condições para tal. Na prática, para os brasileiros comprovarem o status de turista, tem sido exigido as passagens de ida e volta, endereço de hospedagem e, em alguns casos, comprovações de meios financeiros. De acordo com o governo argentino, para acessar as universidades, os brasileiros deveriam solicitar um visto de estudos ainda no Brasil.

É interessante considerar que definições estatais também são contextuais. A pesquisa desenvolvida por Sharpe e Catalano (2023) sobre brasileiros estudando medicina em Buenos Aires destacam que para organismos do turismo como o Ministério do Turismo da Argentina e a Secretaria de Turismo de Buenos Aires, este segmento é denominado “turismo por estudo”. Naquele momento, com a presidência de Alberto Fernandez destacava também o interesse pela Argentina como destino, destacando a centralidade do país e o interesse pela cultura nacional. Em um certo momento, a presença de turistas também foi considerada positiva para o contexto nacional.

Entretanto, a eleição de Javier Milei em 2023 representou uma mudança da política argentina em uma virada para a extrema direita e uma política neoliberal acentuada. A preocupação sobre gastos públicos foram a base de sua campanha destacando que assumindo a presidência passaria uma motosserra nos gastos públicos. De fato, em um ano de governo, o gasto público reduziu 30% na comparação anual em termos reais ajustados pela inflação. A reportagem de outubro revela em números como proporcionalmente a educação pública foi bastante afetada e que a Secretaria de Ciência e Tecnologia teve redução de orçamento de 98,2% e a Secretaria de Educação 52,1% a menos.

Essa reportagem foi feita depois que a Lei de Financiamento à Educação não foi implementada. Quando estava na Argentina para a segunda parte do campo de pesquisa, em setembro, as universidades principalmente públicas estavam se mobilizando em manifestações e

---

<sup>61</sup> É interessante considerar que a aplicação mais rígida dessa legislação tem acontecido também como uma forma de controle entre a circulação dos países fronteiriços Brasil e Argentina, ainda que em um contexto político diferente. A razão para a migração de brasileiros não é política, mas acontece pelo projeto de formação profissional na medicina. Ainda assim, concordo com Alvites Baiadera (2020) que a atualização destas políticas tem um papel crucial na legitimação de relações de poder que favorece o controle mais rígido sobre a imigração e a gestão das fronteiras.

paralisações para a aprovação pelo Congresso Argentino. Na época, o congresso argentino aprovou a medida, mas Milei decretou o voto presidencial. O documento<sup>62</sup> afirma que as motivações para as paralisações e manifestações são apenas políticas e defende ainda uma auditoria sobre os gastos públicos das universidades e uma revisão geral sobre o sistema de ensino. Entre estas revisões a serem feitas, o governo argentino afirmou que “21,8% dos estudantes de medicina são estrangeiros, principalmente do Brasil, que gera um custo adicional para o sistema educacional universitário público”.

Esse questionamento tem sido levantado pelo governo argentino e no dia 3 de dezembro de 2024 foi anunciada um conjunto de mudanças no regime migratório<sup>63</sup>. Uma das medidas é a autorização para universidades públicas argentinas a cobrarem mensalidades de estudantes estrangeiros não residentes do país. Manuel Adorni, porta-voz do governo, destacou que essa será uma fonte de financiamento importante para o país considerando que 1 em cada 3 estudantes de medicina são estrangeiros. A análise política não é o foco desta dissertação, mas são questões que atravessam o trabalho de campo.

Para um conjunto de estudantes que conheci engajados com o movimento estudantil e político de esquerda, era bastante preocupante o contexto político do país e era preciso defender a educação pública argentina. Mas para a maior parte dos brasileiros que conheci, essa não era uma preocupação central. Algumas vezes, eram feitas comparações entre o Jair Bolsonaro e Javier Milei, concluindo que uma proposta ou uma declaração do governo não significa sua implementação. Outra questão é que os brasileiros destacavam que as exigências sobre “estrangeiros não residentes” não afetam os brasileiros que têm os direitos garantidos pelas integrações e acordos do Mercosul.

Esse é um conjunto de acontecimentos que conforma um campo político em que o movimento de brasileiros representa uma tensão no país. As discussões sobre os custos da educação para a sociedade argentina aumentam, a hostilidade com a presença dos brasileiros também se intensifica. De maneira geral, interlocutores relataram que já escutaram muito argentino falar que os brasileiros “vêm se aproveitar dos estudos deles gratuito, mas não pagam impostos”. Percebi que era comum ser percebida como brasileira pelos argentinos e, automaticamente, assumirem que eu estava em Rosário para estudar medicina. Nesses casos, tentava explicar que era uma pesquisadora trabalhando na Argentina. Uma destas situações aconteceu em março de 2024,

<sup>62</sup>Disponível em: [https://www.argentina.gob.ar/noticias/estamos-favor-de-la-educacion-universitaria?fbclid=IwY2xjawFpD\\_JleHRuA2FlbQIxMQABHV5TrL6NZZVYEm\\_a0iTgGYTVxqThbuF322aGMJD6IWoY8qRw8lvWt4gUmQ\\_aem\\_AihyHv1E9rpgeT3N6WJ6Sw&sfnsn=scwspwa](https://www.argentina.gob.ar/noticias/estamos-favor-de-la-educacion-universitaria?fbclid=IwY2xjawFpD_JleHRuA2FlbQIxMQABHV5TrL6NZZVYEm_a0iTgGYTVxqThbuF322aGMJD6IWoY8qRw8lvWt4gUmQ_aem_AihyHv1E9rpgeT3N6WJ6Sw&sfnsn=scwspwa)

<sup>63</sup> Além do contexto educacional, as medidas também incluem a cobrança de serviços de saúde para estrangeiros e uma revisão das autorizações de permanência para certos crimes para “garantir a segurança nacional”. O comunicado completo está disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/noticias/el-gobierno-nacional-va-impulsar-una-serie-de-modificaciones-en-el-regimen-migratorio>

quando uma colega do doutorado, Lara, estava na cidade para o Congresso de Antropologia Latinoamericana (ALA).

Naquela semana, estava acontecendo uma paralisação dos transportes públicos e por isso para conseguir voltar da universidade pegamos um táxi no centro de Rosário. Entramos no carro e logo o motorista nos perguntou se éramos brasileiras. O motorista começou a contar sobre as férias que tinha passado no Brasil na década de 1990 e emendou criticando o nosso país que não tinha mais como ir porque ficou muito caro e depois de ver a praia do Rio de Janeiro não tinha mais o que fazer. No final, depois que pagamos pela corrida, ele se vira e nos pergunta “e quanto é que vocês pagam para estar aqui mesmo?” em espanhol. Imediatamente, a Lara fala que não pagamos nada, simplesmente porque não estamos na Argentina para estudar. Descemos do carro ainda sem entender muito bem aquela situação.

De toda maneira, relatos como esse da minha experiência eram compartilhados comigo em diferentes momentos. Compartilhava esse caso do taxista para meus interlocutores perguntando se já havia acontecido algo parecido com eles ou com conhecidos brasileiros. Assim, fui obtendo relatos diversos de **casos de xenofobia**, categoria utilizada pelos brasileiros. Essa situação também é muito diferente da experiência de Oliveira (2021, p.56), também em um táxi de Rosário. Segundo Oliveira,

Durante o trabalho de campo na Argentina para a realização das entrevistas, em uma das vezes que utilizei o táxi, ao conversar com o motorista fui questionado sobre o motivo da viagem, eu lhe falei um pouco sobre minha pesquisa e ele revelou que de fato há muitos brasileiros estudando em Rosário, me perguntou o motivo dessa migração e eu revelei as dificuldades de acesso à universidade pública brasileira como o vestibular e o alto custo de cursos como o de Medicina nas universidades particulares. O taxista ficou visivelmente incomodado, pois ele não conseguia conceber a ideia de que a universidade pública brasileira é sustentada com os impostos, mas só uma pequena parcela tem a chance de frequentá-la, ele disse que o sistema brasileiro não era justo e me disse que se essa situação acontecesse na Argentina a população se mobilizaria e lutaria para que o acesso fosse possível para todos.

A partir deste relato, acredito que existe um aspecto temporal em que a crise econômica argentina se intensifica e um novo contexto político de ascensão de um governo de ultradireita. Além disso, desde 2021, o fluxo de brasileiros tem se intensificado e nenhum argentino com quem conversei parecia desconhecer totalmente o fluxo de brasileiros que estudam medicina no país principalmente na região em que mais circulava próxima as faculdades. Por fim, também considero que existe uma dimensão de gênero, de modo que há uma diferença entre ser mulher viajando para o trabalho de campo e ser um homem pesquisando o mesmo contexto.

Os casos de “xenofobia”, destacando a categoria utilizada pelos brasileiros, eram variadas. Como por exemplo, o caso de um grupo de amigos brasileiros que estavam andando em uma rua perto de casa e conversando em português e uma senhora argentina os parou falando que deveriam falar espanhol ou voltar para o Brasil. Outra situação comum para os brasileiros era chegar em alguma loja e, ao perceberem que eram brasileiros, o valor dos produtos aumentava. Vitor, um de meus interlocutores, descobriu que o preço do aluguel de um amigo argentino era menor que o que ele e a namorada pagavam para o mesmo tipo de apartamento no mesmo prédio. Em sua pesquisa, Oliveira (2021) aponta situações semelhantes percebidas por suas entrevistas com os brasileiros que são mais observados e seguidos em lojas e estabelecimentos comerciais.

A xenofobia, nestes casos, se definiria para situações de aversão e rejeição com estrangeiros em contextos nacionais. Os brasileiros, entretanto, por um conjunto de condições sociais e financeiras estão em uma posição social diferente de outros migrantes e estrangeiros na Argentina. O destaque feito por Oliveira (2021) é que

sua condição de imigrante é denunciada somente em casos como, por exemplo, quando seu sotaque acentuado fique muito evidente ou quando são negros. Por conseguinte, essa situação social mais privilegiada não faz com que o brasileiro seja blindado a violências, tanto reais quanto simbólicas, de cunho xenofóbico e em alguns casos, racista também.  
(OLIVEIRA, 2021, p. 84-85)

A partir do exposto acima, concordo que para além da nacionalidade, um outro elemento importante nestes casos são características raciais que complexificam estes contextos. Em minha pesquisa, também encontrei casos da identificação de brasileiros por características fenotípicas. Em um caso, Vitor que se identifica como um homem negro, me disse que em todas as primeiras aulas na faculdade os professores falavam o seu nome na chamada e logo em seguida perguntavam se era brasileiro e ele se perguntava “se é porque sou preto”. Uma vez, conta que perguntou diretamente a um professor o porquê de ele perceber tão diretamente que era brasileiro e a resposta foi que tinha muitos sobrenomes e um nome “muito brasileiro”, sem falar sobre questões raciais.

Em minha pesquisa, passei a perguntar também se conseguiam identificar um brasileiro na Argentina e a maior parte indicava um conjunto de características. Algumas variavam entre a roupa, destacando estampas mais coloridas e chinelos havaianas, passando pela forma por penteados e o estilo que se pintam as unhas. A relação entre as diferenças de vestuário de brasileiros e argentinos também foi descrito por Silva (2020) em uma análise sobre a presença de argentinos em Armações de Búzios, no Rio de Janeiro. De acordo com o autor,

Alguns diacríticos poderiam ser usados para diferenciar argentinos e brasileiros. Os homens e as mulheres argentinas trajavam, em sua maioria, roupas que destoavam das

roupas que os brasileiros usam quando próximos à praia ou durante as férias: os homens argentinos portavam bermudas cargo ou jeans, sapatênis e camisetas ou blusas pólo, muitos com o penteado estilo “mullet”. Os homens brasileiros usavam mais tecidos sintéticos (como o “tactel” e o “nylon”) e sandálias abertas, muitos sem camisa ou de regata, embora não fosse raro que alguns homens brasileiros usassem bermudas cargo com sapatênis. Já as mulheres argentinas me pareceram destoar fortemente das mulheres brasileiras: usavam brincos grandes, estavam em geral maquiadas com batom, rímel e lápis de olho preto, se vestiam com um grau maior de formalidade e muitas delas, em especial as mais jovens, calçavam as notáveis “plataformas”, calçados altos muito comuns em Buenos Aires. Por contraste, as mulheres brasileiras andavam com os cabelos soltos e levemente úmidos, vestindo “saídas de praia”, sandálias e quase todas sem maquiagem. (SILVA, 2020, p. 71-72)

Ainda que o contexto descrito por Silva (2020) está localizado em uma cidade litorânea com uma economia voltada principalmente para o turismo das praias do litoral, estes elementos de diferenciação<sup>64</sup> do vestuário e da estética brasileira e argentina eram destacados principalmente por mulheres com quem conversei em minha pesquisa. Outras características se relacionam mais diretamente com fenótipos raciais como o cabelo, em que se destacava cabelos mais cacheados e crespos, e o tom de pele. Ainda no tópico de estética e beleza, Rafaela foi uma das minhas interlocutoras que compartilhou sobre a dificuldade de encontrar produtos específicos para cabelos crespos e cacheados na Argentina. Para conseguir produtos para seu cabelo, geralmente tentava trazer diretamente do Brasil ou comprar nos mercados brasileiros.

Quando destacavam a sua própria identificação racial, alguns de meus interlocutores já se autoafirmavam como brancos e alguns como negros, mas alguns de meus interlocutores descreviam os sentimentos de sentir certas ambiguidades sobre a sua identidade racial. Como exemplo, uma situação marcante foi durante uma entrevista em que meu interlocutor Rodrigo falou que as discriminações que sofria no Brasil eram muito mais intensas. A sua família cearense se mudou para São Paulo quando ele era ainda era criança e durante a sua infância falou que sofria muita discriminação na escola pelo seu jeito de falar. De acordo com ele, não se entende como negro, mas também sabe que não é branco. Na Argentina, relata que estas percepções sobre ele são diferentes e envolve mais uma “curiosidade” sobre outro contexto. De maneira geral, percebo que

<sup>64</sup> A pesquisa de Silva (2020) não exclui as diferenciações de brasileiros e argentinos por outras características como o sotaque ou a cor de pele. Em suas palavras, “casais entre argentinos e brasileiros eram facilmente percebidos pelo sotaque característico ao comunicarem-se entre si e também, pela cor da pele. Os brasileiros eram mais morenos ou negros e os argentinos eram predominantemente brancos.” (SILVA, 2020, p.81-82). No contexto de mobilidade para Búzios, a pesquisa de Silva (2020) demonstra um perfil de classe média argentina que busca melhores oportunidades de trabalho que pode também caracterizar uma prevalência de pessoas mais brancas. No entanto, isso não significa que não existem outras diversidades raciais que compõe a Argentina, como descrevo mais adiante neste capítulo.

existe uma identificação por “**traços brasileiros**” que se relaciona com questões fenotípicas do cabelo e cor de pele.

De maneira geral, concordo com Faustino e Oliveira (2021) que existem dimensões racializadas em casos de xenofobia que merecem ser investigadas. O artigo analisa a aplicabilidade do conceito “xeno-racismo”, inicialmente proposto romancista sri-lankês Ambalavaner Sivanandan, no contexto migratório brasileiro. Para Sivanandan, xeno-racismo é um “tipo racismo atribuído a estranhos empobrecidos, mesmo que sejam brancos” (Sivanandan apud Fekete, 2001). No caso brasileiro, entretanto, Faustino e Oliveira (2021) consideram que a imigração de europeus teve uma recepção diferenciada, em geral, positiva ainda que a dimensão de classe seja importante. Por outro lado, com a expansão da globalização e do aumento de novos fluxos especialmente Sul-Sul relações mais complexas que envolvem racialidades se exaltam. Nesse sentido,

essa combinação entre a migração Norte-Sul e uma crescente migração Sul-Sul, nos últimos anos, foi marcada por uma distribuição desigual e seletiva do tratamento dispensado aos diferentes grupos de migrantes, a depender de sua origem geográfica e, sobretudo, classificação (hétero-atribuída) dos imigrantes nas hierarquias raciais nativas, o que levanta grandes desafios ao emprego do conceito de xeno-racismo, tal como pensado originalmente nos contextos de imigração Sul-Norte. (FAUSTINO, OLIVEIRA, 2021, p.202)

Assim, podemos concluir que existe um sistema complexo de origens nacionais, significações e marcadores sociais de diferenças que estão em jogo no tratamento de migrantes em diferentes localidades. Uma consideração importante é que as categorias raciais são também definidas por questões nacionais, continentais, raciais, étnicas, religiosas, de classe. Neste sentido, considero que, para compreender o tratamento de brasileiros na Argentina retomo a posição de Faustino e Oliveira (2021) que a “xenofobia racializada” deve considerar a formação social destas categorias.

Para tal, retomo a pesquisa de Caggiano (2023) que traça uma genealogia do racismo no país, mostrando como a ideia de uma Argentina Branca e europeia é uma construção desde o século XIX. Por um lado, houve um aumento de ofensivas militares em territórios indígenas, que incluiu assassinatos e deslocamentos forçados em massa e a diminuição, em termos absolutos e relativos, da população negra, consequência da alta mortalidade de homens em guerras e da suspensão da entrada no país após a abolição do tráfico de escravos. Nesse mesmo contexto, houve o aumento em massa da migração europeia que consolidou a ideia de Buenos Aires como uma metrópole moderna, branca e europeia. Esse foi o contexto social

entre o final do século XIX e o último quarto do século XX, a presença indígena e afro na Argentina moderna foi silenciada e negada, enquanto a presença de imigrantes regionais era metódicamente ignorada. Ao mesmo tempo, as diversas classes trabalhadoras foram racializadas por meio da reapropriação de categorias marcantes ("cabecita negra", "negrada", "indiada", etc.), que, apesar de carregarem um conteúdo racial evidente, negavam seu caráter racista ao recorrer ao efeito ideológico da própria negação: a suposta inexistência de indígenas e negros. Daí a difundida pírueta retórica local que afirma: "não me refiro a 'negro de pele', mas a 'negro de alma'", conectando a negação à incerteza fenotípica que se manifesta na aparência. (Caggiano, 2023, p. 143)

Assim, categorias raciais na Argentina envolvem uma dimensão de classe e origem social. No século XX, essa exclusão se transformou na racialização das classes trabalhadoras desqualificando politicamente setores populares. É neste sentido que se mantém na Argentina, uma desigualdade entre cidades interioranas e rurais conhecidos como *pueblos*, comunidades indígenas e cidades maiores, as capitais de províncias. Assim, é interessante perceber como Caggiano (2023) destaca a importância da categoria classe para relações raciais na Argentina.

No caso de brasileiros estas relações se complexificam pela ideia de que os brasileiros possuem mais condições financeiras ao chegar para estudar na Argentina. Concordo com Oliveira (2021, p.84) de que “no dia a dia, pode-se dizer que os imigrantes brasileiros se encontram em uma situação social mais estável quando comparados aos outros que migram pela necessidade de trabalho”. O grupo de estudantes são em geral parte de uma classe média que tem acesso a bens, serviços e moradias em regiões centrais de Rosário. Adiciono, para além de todos estes acessos, que os brasileiros também estão em uma posição mais favorável<sup>65</sup> pela sua nacionalidade. Assim, se beneficiam dos acordos de integração do Mercosul e conseguem obter os documentos de residência. Entretanto, assim como colocado por Oliveira (2021), “essa situação social mais privilegiada não faz com que o brasileiro seja blindado a violências, tanto reais quanto simbólicas, de cunho xenofóbico e em alguns casos, racista também”.

A partir disso, esta seção analisou um contexto político mais recente em que os acontecimentos políticos atravessam a experiência dos brasileiros no país. A ascensão do governo de Javier Milei com uma política de ultradireita e neoliberal de corte de gastos intensifica a discussão sobre os custos da educação para os estudantes estrangeiros. Considerando este contexto, comparado com os outros migrantes na Argentina, o brasileiro vivencia relações complexas de por um lado, ter acesso a uma situação mais privilegiada de acesso, mas que não isenta situações de

---

<sup>65</sup> Defendo a “posição mais favorável” de brasileiros pela comparação com a situação migratória de migrantes de outras nacionalidades na Argentina. Como exemplo, a pesquisa desenvolvida por Carina Trabalón (2019) apresenta estratégias empreendidas por haitianos para adentrar o país e as dificuldades de documentação e passagem pelo controle migratório.

violência. Estas ambiguidades formam a posição particular que o estudante brasileiro de medicina acaba por ocupar.

O que desejo salientar com as discussões deste capítulo é o fato de que existem elementos que aproximam o deslocamento de brasileiros a uma experiência migratória e, ao mesmo tempo, particularidades que merecem ser destacadas. De toda forma, acredito que é importante ter uma categoria para descrever o fenômeno. Optei neste estudo por utilizar a categoria “mobilidade estudantil”. Primeiro, acredito que destaca um dos aspectos mais importantes que é ser um estudante de medicina. Considerando o sonho de ser médico, o mais importante é obter a formação profissional independentemente do lugar ou da instituição de ensino. De certa maneira, a lógica é que estes brasileiros vivem intensamente um outro universo: as experiências de formação para a carreira médica. E utilizei a categoria “mobilidade” para destacar o movimento de sair do país de origem para ir para outro e também se relaciona com uma percepção de impermanência importante, em que os estudantes se movem entre outras universidades, cidades e países que deve ser considerado como parte deste fenômeno dos brasileiros.

Dessa maneira, as análises desenvolvidas neste estudo evidenciam que esse deslocamento de brasileiros para a Argentina apresenta elementos comuns às experiências migratórias tradicionais, mas também particularidades que exigem categorias analíticas específicas. A opção pelo termo mobilidade estudantil captura a essência desse fenômeno: por um lado, destaca o caráter formativo e temporário do deslocamento; por outro, enfatiza a dinâmica de circulação e impermanência que marca essas trajetórias, nas quais os estudantes transitam entre instituições, cidades e contextos culturais diversos. Mais do que uma escolha conceitual, essa categoria permite compreender como a identidade desses indivíduos se reconstrói na intersecção entre a formação médica e a experiência de viver em um outro país. Assim, este trabalho não apenas contribui para os debates sobre educação internacional e mobilidade, mas também desafia fronteiras conceituais rígidas, propondo uma abordagem que valoriza as nuances dessas experiências em constante movimento.

## CONCLUSÃO

“A gente tem que se conduzir na vida e tem que ter fôlego e tem que ter sonho, a vida é sonho. Então se é sonho a gente tem que realizar o sonho com o nosso fôlego” mensagem de Fernanda Montenegro para Lina

A fala de Fernanda Montenegro sintetiza elementos centrais para as análises desenvolvidas neste trabalho. Inicialmente, o sonho pode ser compreendido como algo distante da realidade ou mesmo inalcançável; no entanto, quando transformado em guia para a condução da vida, ele se torna uma estratégia de ação, convertendo imaginários em projetos concretos. Para realizá-los, o fôlego surge como a energia necessária, uma força tanto física quanto emocional, que sustenta a dedicação a esses ideais mobilizadores.

Ao longo desta pesquisa, acompanhamos trajetórias de brasileiros que buscam formação médica na Argentina. Seus percursos não começam com um desejo explícito de mobilidade geográfica, mas sim com o sonho de se tornarem médicos. Esse projeto se relaciona com um duplo significado: por um lado, a expectativa de ascensão social e retorno financeiro; por outro, uma vocação humanitária, associada ao ideal de "salvar vidas". Essa dualidade reflete a própria configuração do campo da saúde, no qual a medicina ocupa posição hierárquica privilegiada, valorizada tanto pelo saber técnico quanto por um vocabulário afetivo do cuidado, que engloba dimensões práticas e emocionais.

As impossibilidades de cursar medicina no Brasil se relacionam com uma conjuntura mais ampla sobre o acesso ao ensino superior. Nas universidades públicas, o curso de medicina é o mais concorrido e as vagas disponíveis não são suficientes para acompanhar a demanda, resultado da expansão médica brasileira que se concentrou no ensino privado. Ao mesmo tempo, políticas públicas educacionais não foram suficientes para garantir a democratização do ingresso e o alto custo de mensalidades é um empecilho para a maior parte da população brasileira. Além disso, articulações de conselhos profissionais de medicina fazem a manutenção de um perfil médico hegemônico que impede a diversificação e, em última instância, a popularização do acesso a saúde.

Os meus interlocutores de pesquisa descrevem estas dificuldades compartilhando as trajetórias de como tentaram seguir a profissão no Brasil. As experiências de estudo para o vestibular em cursinhos preparatórios, o ingresso em outro curso de graduação foram caminhos possíveis. Depois, descrevem a descoberta sobre a possibilidade de cursar medicina na Argentina por redes de contato de estudantes, perfis em redes sociais ou por agências de agências que se apresentam como assessorias estudantis. Pela perspectiva de Gilberto Velho (1998, 2004), este momento é a expansão do campo de possibilidades pela busca de alternativas. De acordo com Velho, o projeto é uma forma de antecipação do futuro em ações práticas visando um objetivo a

partir das condições concretas. No caso dos brasileiros, realizam uma análise sobre as condições viáveis para concretizar seu sonho no Brasil. Por causas das dificuldades em cursar medicina no contexto nacional, outras estratégias são acionadas. Para meus interlocutores, seguir para a Argentina foi a opção escolhida em uma vantagem relativa.

Dessa maneira, o propósito dessa dissertação foi desenvolver uma análise sobre o processo de se deslocar para outro país e a experiência destes brasileiros em Rosário. Neste sentido, analisei as experiências de aprendizado dos estudantes. Primeiramente, desenvolvi a análise sobre a fluência do espanhol, considerando que existe uma falsa noção de proximidade entre os dois idiomas, mas as dificuldades que enfrentam para se comunicar é um dos principais motivos para evasão. A comunicação é fundamental dentro do espaço universitário e no contexto argentino, uma vez que as provas são orais e na Universidade Nacional de Rosário (UNR), foi implementada a metodologia participativa de aprendizagem por problemas que pressupõe grupos de discussão. As percepções sobre as dificuldades de adaptação e a mobilidade entre instituições de ensino principalmente para as faculdades privadas são observações importantes.

Além disso, também explorei dois conjuntos de sociabilidades: entre os estudantes em Rosário e entre os estudantes e as famílias de origem no Brasil. Sobre o contexto entre estudantes, é importante destacar que existe uma rede de apoio mutuo e troca de informações que mobiliza a chegada e garante a sua permanência. Apesar disso, também existem casos de conflitos entre estudantes principalmente no processo de dividir moradia. As relações com as famílias são estabelecidas principalmente pela categoria do apoio: tanto em sentido financeiro e afetivo.

Com o desenvolvimento dessa pesquisa, participei da vida cotidiana de estudantes de medicina brasileiros em Rosário, compreendendo suas trajetórias e analisando perspectivas sobre suas mobilidades. Ao longo deste trabalho, demonstrei características que aproximam o movimento de meus interlocutores de uma experiência migratória, mas também destaquei elementos significativos que diferenciam este tipo de fluxo. Por este motivo, a definição que utilizo para caracterizar este fenômeno é mobilidade estudantil. O primeiro termo “mobilidade” manifesta a impermanência entre cidades, países e universidades no exterior ao mesmo tempo que define o movimento de saída do local de origem. E “estudantil” revela uma categoria importante para meus interlocutores por representar uma etapa importante para obter a formação profissional independentemente do lugar ou da instituição de ensino. De certa maneira, a lógica é que estes brasileiros vivem intensamente um outro universo: as experiências de formação para a carreira médica.

Dessa maneira, essa dissertação contribui para o campo de estudos antropológicos sobre mobilidades estudantis e profissionais. Os deslocamentos analisados mencionadas brevemente

sobre a sua dinâmica atual indicam outros tipos de mobilidade profissionais: não são necessariamente uma estratégia de reprodução de capitais simbólicos ou para criar elementos de distinção, são uma estratégia de um perfil socioeconômico intermediário para ascensão social relacionado a uma profissão específica, tema que ainda merece ser abordado com a atenção devida.

O material empírico compilado neste percurso, assim como os referenciais teóricos trazidos, nos permite diferentes combinações e reflexões. A temática é ampla, complexa e também é um campo de pesquisa que não se esgota neste trabalho. Acredito que existe uma potencialidade de estudos sobre formação profissional e mobilidades. No caso da profissão médica, deslocamentos entre cidades da Argentina e entre países feitos por brasileiros ainda são um tema de investigação a serem explorados. Especificamente, as relações entre Brasil e Argentina também foram exploradas nesse contexto de mobilidade e existe uma potencialidade em considerar uma análise ampla e comparativa sobre América Latina.

O retorno e o registro de médicos que se formaram no Brasil também é um campo de pesquisa futuro bastante interessante. O processo revela um campo de disputas em que de um lado está as articulações políticas do Conselho Federal de Medicina (CFM) em defesa de um exame de avaliação que restringe o registro profissional e, em outro, os estudantes formados que defendem sua formação. Pesquisas antropológicas sobre o perfil e atuação de médicos no Brasil é um campo ainda em aberto a ser desenvolvido.

Uma forma de inserção e atuação profissional dos médicos formados no exterior é através do programa Mais Médicos Em 2023, o Mais Médicos foi retomado pelo governo Lula e a apresentação feita pelo Governo Federal é de que é “um conjunto de ações e iniciativas do governo para o fortalecimento da Atenção Primária à Saúde do país”. Assim, qualquer profissional médico pode se inscrever para atuar em regiões consideradas emergenciais, seguindo uma lista de prioridade: médicos formados em instituições de educação superior brasileiras ou com diploma revalidado no Brasil; Médicos brasileiros formados em instituições estrangeiras com habilitação para exercício da medicina no exterior (Intercambista Brasileiro); Médicos estrangeiros com habilitação para exercício da Medicina no exterior (Intercambista Estrangeiro). A distribuição de médicos entre regiões do país e atuação de médicos brasileiros no programa também é um desdobramento possível dessa pesquisa.

Como mencionado ao longo deste texto, busquei demonstrar uma análise social que conecta estes temas contribuindo para o debate sobre mobilidades estudantis e profissionais. A grande contribuição e impacto deste trabalho foi desenvolver uma análise que problematiza teorias sobre mobilidades profissionais que acontecem em um sentido específico e motivadas por um objetivo. Esta dissertação aprofundou análises sobre o deslocamento de brasileiros para uma cidade

argentina para estudar medicina. O movimento está associado a um projeto, o sonho de ser médico, construído pela idealização sobre a profissão. Dessa maneira, esta pesquisa revela que a mobilidade estudantil para a Argentina não se reduz a um mero cálculo de oportunidades, mas constitui uma jornada simbólica onde o 'sonho de ser médico' se reinventa.

## REFERÊNCIAS

- ALARCON, R. **The Migrants of the Information Age: Foreign-Born Engineers and Scientists and Regional Development in Silicon Valley.** Berkeley: University of California Berkeley, 1998.
- ALMEIDA, A. M. F. et al. (EDS.). **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras.** Campinas: Editora UNICAMP, 2004.
- ALVES, H. G. S. **Migração estudantil interestadual na Universidade Federal de Goiás: políticas, sentidos e juventudes.** Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Educação) — Inhumas - GO: Universidade Estadual de Goiás (UEG), 2023.
- ALVITES BAIADERA, A. P. Migraciones internacionales, fronteras y Estados. ¿Cómo interpretar el régimen de frontera desde América del Sur? **Desafíos**, v. 31, n. 1, p. 123, 1 jan. 2019.
- ANGELUCCI, C. **Estudiantes brasileños en la Facultad de Medicina de Rosario (Argentina).** . Em: JORNADA DE JÓVENES INVESTIGADORES AUGM. Mendoza, Argentina: 2018.
- ANGELUCCI, T. C. Lengua-lugar y lengua-hogar: aportes teóricos para abordar la movilidad humana en contextos educativos. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 31, p. 175–191, 11 dez. 2023.
- ANGELUCCI, T. C.; POZZO, M. I. Estudiantes brasileños en la Facultad de Ciencias Médicas de Rosario (Argentina): Implicancias interlingüísticas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 1, p. 807–833, 8 jun. 2020.
- ANGELUCCI, T. C.; POZZO, M. I. El concepto de hablante nativo en el discurso de profesores de inglés (Argentina). **Andamios, Revista de Investigación Social**, v. 18, n. 47, p. 147–176, 19 out. 2021.

ASSIS, G. D. O. **Estar aqui, estar lá ... uma cartografia da vida entre dois lugares.** Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Antropologia Social)—Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 1995.

ASSIS, G. DE O. “De Criciúma para o mundo”: gênero, família e migração. **Campos - Revista de Antropologia**, v. 3, p. 31–49, 2003.

AZEVEDO, L. F. DE; DUTRA, R. C. DE A. Política de formação de doutores no exterior e legitimidade da elite acadêmica no Brasil contemporâneo. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, 2 dez. 2021.

AZEVEDO, L. **Deslocamentos estudantis: juventudes, trajetórias e a geopolítica do conhecimento nos intercâmbios acadêmicos.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)—Juiz de Fora: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 2015.

AZEVEDO, L. **“Cérebros” brasileiros pelo mundo: mobilidade academica, carreiras científicas e internalização da ciência nacional.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais)—Juiz de Fora, MG: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 2022.

BASTOS, F. H. C.; MAGESTE, L. Migração internacional qualificada e política migratória no brasil (2000-2017). **Conjuntura Austral**, v. 9, n. 48, p. 72–97, 31 dez. 2018.

BATALOVA, J. Z., Jeanne Batalova Jie Zong and Jeanne. **Brazilian Immigrants in the United States.** Disponível em: <<https://www.migrationpolicy.org/article/brazilian-immigrants-united-states-2015>>. Acesso em: 8 maio. 2022.

BECKER, Howard S. et al. **Boys in white: student culture in medical school.** Chicago: The University of Chicago Press. 2007.

BENASSI, A. S. et al. Migraciones universitarias – estudio de un caso: los alumnos de la República Federativa del Brasil en la Facultad de Ciencias Médicas de la Universidad Nacional de Rosario. **Políticas Educativas – PolEd**, 27 nov. 2018.

BESERRA, B. **Brasileiros nos Estados Unidos : Hollywood e outros sonhos.** Fortaleza: Editora UFC/UNISC/HUCITEC, 2005.

BICA, R. **Exames de licenciamento em medicina: uma análise da discussão brasileira e internacional.** Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Saúde; Epidemiologia; Política, Planejamento e Administração em Saúde; Administração)—Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

BJERG, M. M. **Historias de la inmigración en la Argentina.** 1. ed ed. Buenos Aires: Edhsa, 2014.

BONET, O. **Saber e Sentir: uma etnografia da aprendizagem da biomedicina.** [s.l.] Editora Fiocruz, 2004.

BORDAZAR, L. L. B. Migraciones en el Mercosur: Hacia la conformación de un modelo de integración regional. **Relaciones Internacionales**, v. 30, n. 60, 6 ago. 2021.

BOURDIEU, P. Gostos de classe e estilo de vida. Em: ORTIZ, R. (Ed.). **Pierre Bourdieu: sociología.** 2. ed ed. São Paulo (SP): Atica, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** ed. Lisboa: Edições 70, 2006.

BOURDIEU, P. **A distinção: Crítica social do julgamento.** Tradução: Débora Kern; Tradução: Guilherme Teixeira. São Paulo & Porto Alegre: Edusp & Zouk, 2008.

CAGGIANO, S. Racismo a la argentina: imaginarios en tensión en una sociedad blanca llena de negros. **Tabula Rasa**, p. 135–159, 2023.

CÁRDENAS, F. J. S. **Integración sociocultural de migrantes cualificados. El caso de los médicos cubanos participantes del Programa Mais Médicos en perspectiva comparada.** Brasília - DF: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2019.

CASTRO, R. Pele negra, jalecos brancos: racismo, cor(po) e (est)ética no trabalho de campo antropológico. **Revista de Antropologia**, v. 65, n. 1, p. e192796–e192796, 27 abr. 2022.

CATALANO, Bárbara. **Turismo y Mercosur: prácticas socioculturales de integración en la Ciudad de Buenos Aires.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2017.

CATALANO, B. Turismo, viajes y lazos sociales: el caso de los turistas VFA en la ciudad de Buenos Aires. **Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 19, n. 1, p. 177–188, 2021.

COELHO, E. C. **As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822 - 1930**. Rio de Janeiro São Paulo: Ed. Record, 1999.

**DemografiaMedica2023\_8fev-1.pdf**. , [s.d.]. Disponível em: <[https://amb.org.br/wp-content/uploads/2023/02/DemografiaMedica2023\\_8fev-1.pdf](https://amb.org.br/wp-content/uploads/2023/02/DemografiaMedica2023_8fev-1.pdf)>. Acesso em: 25 ago. 2023

DECASPER, S.; SERVILLI, N. **Imaginarios turísticos: Argentina para el turista brasileño**. *Turismo y Sociedad*, v. 18, p. 43-60, 2016.

DENARDI, D. L. E. “**Migraciones internacionales hacia Argentina. Breve caracterización de las principales corrientes migratorias con énfasis en la reciente migración venezolana**”. . Em: CONGRESO POR EL 20° ANIVERSARIO DEL INSTITUTO DE ESTUDIOS IBEROAMERICANOS (IIAS). BUSAN, KOREA: 2017.

DOLORES LINARES, M. Migración venezolana reciente en Argentina: una política migratoria selectiva en el contexto del giro migratorio restrictivo. **Migraciones internacionales**, v. 12, p. 0, 30 jul. 2021.

DOMENECH, E.; PEREIRA, A. Estudios migratorios e investigación académica sobre las políticas de migraciones internacionales en Argentina. **Íconos - Revista de Ciencias Sociales**, n. 58, p. 83–108, 2 maio 2017.

DUTRA, R. C. DE A.; AZEVEDO, L. F. DE; LAIER, A. C. MIGRAÇÕES ESTUDANTIS: DESAFIOS E LIMITES DE INTEGRAÇÃO À SOCIEDADE DE DESTINO. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 51, 2018.

EILBAUM, Lucía. **Entre campos e academias: uma perspectiva comparada entre Brasil e Argentina**. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*, Niterói, n. 32, p. 45-66, 2012.

FASSIN, D. **Humanitarian reason: a moral history of the present times**. Berkeley: University of California Press, 2012.

FAUSTINO, D. “Por que Fanon, por que agora?”: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. São Carlos, SP: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar, 2015.

FAUSTINO, D. M.; OLIVEIRA, L. M. D. Xeno-racismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 29, n. 63, p. 193–210, set. 2021.

FÁVERO, M. D. L. D. A. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar em Revista**, n. 28, p. 17–36, dez. 2006.

FLEISCHER, S. **Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts**. 1a ed ed. São Paulo, SP, Brasil: Annablume, 2002.

FONSECA CRUZ, T. **BRASILEIROS NO VALE DO SILÍCIO**: Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Sociologia)—Brasília - DF: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2022.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

FOUCAULT, M. **O Nascimento da Clínica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010c.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Edição comemorativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2020.

FRANCA, I. B. D. L. Revalida: uma política pública analisada pela perspectiva do Judiciário. **Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais - RPPI**, v. 2, n. 2, p. 25–51, 22 dez. 2017.

FREITAS, J. A. X. DE; ALMEIDA, W. M. DE. Sendo “Doutor” no exterior: brasileiros estudando Medicina na Argentina. **Périplos: Revista de Estudos sobre Migrações**, v. 7, n. 2, 21 dez. 2023.

FREITAS, J. A. **BRASILEIROS ESTUDANDO MEDICINA NA ARGENTINA: análise do fenômeno a partir da última década**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais)—São Paulo: Universidade Federal do ABC, 2021.

FRIGERIO & RIBEIRO. **Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e estereótipos.** Petrópolis: Vozes, 2002.

GIAMBIAGI, Fábio; TIZZIANI, Emerson. **O ajuste da economia argentina.** Textos para Discussão, nº 21, IBRE/FGV, Rio de Janeiro, 1 abr. 2025. 56 p. Disponível em: [https://portalibre.fgv.br/sites/default/files/2025-04/td21-o-ajuste-da-economia-argentina\\_2025\\_04\\_15.pdf](https://portalibre.fgv.br/sites/default/files/2025-04/td21-o-ajuste-da-economia-argentina_2025_04_15.pdf). Acesso em: 27 jun. 2025.

GOMES, J. D. G. **O cuidado em julgamento: um olhar sobre os processos de destituição do poder familiar no estado de São Paulo.** Doutorado em Direitos Humanos—São Paulo: Universidade de São Paulo, 20 set. 2022.

GOMES, L. B.; MERHY, E. E. Uma análise da luta das entidades médicas brasileiras diante do Programa Mais Médicos. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 21, n. suppl 1, p. 1103–1114, 20 jul. 2017a.

GOMES, L. B.; MERHY, E. E. Uma análise da luta das entidades médicas brasileiras diante do Programa Mais Médicos. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 21, n. suppl 1, p. 1103–1114, 20 jul. 2017b.

GONZALEZ, L.; RIOS, F.; LIMA, M. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Rio de Janeiro: Zahar : Editora Schwarcz, 2020.

GUEDES, Simoni Lahud. **El Brasil reinventado: notas sobre las manifestaciones durante la Copa de las Confederaciones.** Revista Nueva Sociedad, n. 248, nov-dez de 2013

GULLO, Marcelo. **Argentina Brasil: a grande oportunidade.** Mauad Editora Ltda, 2006.

HAESBOERT, R.; SILVEIRA, M. Migração brasileira no Mercosul. **TRAVESSIA - revista do migrante**, n. 33, p. 5–10, 16 abr. 1999.

HANDERSON, J. **DIASPORA. AS DINÂMICAS DA MOBILIDADE HAITIANA NO BRASIL, NO SURINAME E NA GUIANA FRANCESAS.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social—Rio de Janeiro RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

HANDERSON, J.; AUDEBERT, C. EL SISTEMA MIGRATORIO HAITIANO EN AMÉRICA DEL SUR: RECIENTES DESARROLLOS Y NUEVOS PLANTEAMIENTOS. Em: **El sistema migratorio haitiano en América del Sur: proyectos, movilidades y políticas migratorias.** [s.l.: s.n.]. v. 31.

HELMANN, J. Negros y estudiantes: Una etnografía acerca de un conjunto de migrantes haitianos en la Córdoba contemporánea. **Síntesis**, n. 12, p. 1–14, 5 ago. 2022.

HONWANA, A. M. **O tempo da juventude: emprego, política e mudanças sociais em África.** 1a. edição ed. Maputo: Kapicua Livros e Multimédia Lda, 2013.

IORIO, J. C. **Trajetórias de Mobilidade Estudantil Internacional: estudantes brasileiros no ensino superior em Portugal.** Tese de Doutoramento em Migrações—Lisboa, Portugal: Universidade de Lisboa, 2018a.

IORIO, J. C. O capital linguístico e as migrações internacionais: uma análise da influência deste capital na escolha dos estudantes brasileiros do ensino superior por Portugal. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, v. 6, n. 1, p. 77–97, 2018b.

IREDALE, R. The Migration of Professionals: Theories and Typologies. **International Migration**, v. 39, n. 5, p. 7–26, jan. 2001.

LOBO, A. D. S. “Just bring me a little letter”: the flow of things in Cape Verde transnational family relations. **Etnográfica**, n. vol. 18 (3), p. 461–480, 1 out. 2014a.

LOBO, A. DE S. **Tão longe tão perto.** Brasília - DF: Aba, 2014b.

LOMBAS, M. L. S. **A MOBILIDADE INTERNACIONAL DE PÓS-GRADUANDOS E PESQUISADORES E A INTERNACIONALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: EFEITOS DE UMA POLÍTICA PÚBLICA NO BRASIL.** Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Sociologia)—Brasília, DF: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2013.

MACHADO, C. D. B.; WUO, A.; HEINZLE, M. Educação Médica no Brasil: uma Análise Histórica sobre a Formação Acadêmica e Pedagógica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 42, n. 4, p. 66–73, dez. 2018.

MACHADO, M. H. (ED.). **Os médicos no Brasil: um retrato da realidade.** Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz, 1997.

MARGOLIS, M. **Goodbye, Brazil: emigrantes brasileiros no mundo.** São Paulo: Editora Contexto, 2013.

MARGOLIS, M. L. **Little Brazil: an ethnography of Brazilian immigrants in New York City.** Princeton Chichester: Princeton University Press, 1994.

MARTES, A. C. B. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts.** São Paulo, SP: Paz e Terra, 2000.

MATO, D. Racismo y educación superior en América Latina. **Revista de Educación Superior en América Latina**, 2021.

MATO, D. Racismo, exclusión e inequidades en el sistema universitario argentino. Aprendizajes de una consulta con estudiantes y profesionales de pueblos indígenas de la provincia de Chaco. **Revista Educación Superior y Sociedad (ESS)**, v. 35, n. 2, p. 474–505, 29 dez. 2023.

MAUSS, M. Ensaio sobre a Dádiva. Em: **Sociología e antropología.** São Paulo - SP. Ubu Editora, 2017.

MELO, L. K. S. **ESTUDANTES DE MEDICINA E POLÍTICAS PÚBLICAS NA FRONTEIRA:** um olhar sobre as cidades gêmeas de Ponta Porã-BR e Pedro Juan Caballero-PY. 2021.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. Argentina e Brasil: a balança de poder no Cone Sul. Annablume, 1996

MORAIS, S. S. Fluxos, viagens, espaço: palavras-chave na busca de um termo além de migração. Em: LOBO, A. (Ed.). **Entre fluxos.** Brasília - DF: Editora Universidade de Brasília, 2007.

MORAIS, S. S. **Múltiplos regressos a um mundo cosmopolita: moçambicanos formados em universidades brasileiras e a construção de um sistema de prestígio em Maputo.** Brasília - DF: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2012.

MURPHY-LEJEUNE, E. **Student Mobility and Narrative in Europe: The New Strangers.** 0. ed. [s.l.] Routledge, 2003.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Viagens de estudos ao exterior: as experiências de filhos de empresários.** In: ALMEIDA, A. M. F. da P. M. de et al. (Eds.). *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004. p. 47-63.

OLIVEIRA, A. P. D. S. **MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS MOTIVADAS PELO ESTUDO: O CASO DOS ESTUDANTES DE MEDICINA BRASILEIROS NA UNIVERSIDADE NACIONAL DE ROSÁRIO (UNR).** Dissertação (Mestrado em Geografia)—Londrina PR: Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2021.

OLIVEIRA, A. P. DA S.; ANTONELLO, I. T. Estudiantes brasileños en Argentina: un estudio de caso sobre el proceso de reterritorialización. **Migraciones Internacionales**, v. 14, 15 dez. 2023.

ORSI, G. O. “Não há negros na Argentina”: o mito da homogeneidade racial argentina. **Simbiótica Revista Eletrônica**, v. 9, n. 2, p. 140–163, 3 out. 2022.

PALACIOS, M. **Migrar para estudiar: El caso de los y las estudiantes brasileños y brasileñas en la carrera de Medicina de la UNLP (2016-2020).** (Tesis de grado Licenciatura en Sociología—La Plata: UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PLATA, 2023.

PEIRANO, M. **Rituais Ontem E Hoje.** São Paulo. Zahar, 2003.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, n. 42, p. 377–391, dez. 2014.

PEIRANO, M. G. S. (ED.). **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais.** Rio de Janeiro: Relume Dumará : Núcleo de Antropologia da Política, 2001.

PETROF, Alissa. **Migração Qualificada.** In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEGA, Tuila; TONHATI, Tânia (Org.). **Dicionário crítico de migrações internacionais.** Brasília: Editora UnB, 2017.

PIRES, Lenin. **Arreglar não é pedir arrego: uma etnografia de processos de administração institucional de conflitos no âmbito da venda ambulante em Buenos Aires e Rio de**

**Janeiro.** Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

PRADO, Ceres Leite. Intercâmbios culturais: como práticas educativas em famílias das camadas médias. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

PRADO, Ceres Leite. **Um aspecto do estudo de línguas estrangeiras no Brasil: os "intercâmbios".** In: ALMEIDA, A. M. F. da P. M. de et al. (Eds.). *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004. p. 64-84.

RENOVATO, E. A. **Fronteiras e Deslocamentos: as percepções de brasileiros que estudam medicina em Pedro Juan Caballero (Paraguai).** Dissertação (Mestrado em Sociologia)—Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2021.

REVEL, J. **Le vocabulaire de Foucault.** Nachdr. ed. Paris: Ellipses, 2004.

RODRIGUES, F. G. **Migração internacional de formação e o sonho de se tornar médico: os estudantes de Medicina brasileiros na Bolívia.** Tese (Doutorado em Geografia, Tratamento da Informação Espacial)—Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2015.

SALLUM, Brasílio. Brasil e Argentina hoje: política e economia. Edusc, 2004

SANTOS, D. P. D.; REAL, G. C. M. Revalidação de diplomas estrangeiros no Brasil: destaques da literatura científica. **LAPLAGE EM REVISTA**, v. 6, n. 2, p. 149–160, 10 abr. 2020.

SAYAD, A. O que é um Imigrante? Em: **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade.** 1<sup>a</sup> edição ed. [s.l.] EESC, 1998a.

SAYAD, A. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade.** 1<sup>a</sup> edição ed. [s.l.] EESC, 1998b.

SCHMEIL “Alquila-se una isla”: Turistas argentinos em Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1994.

SHARPE, A. I. S.; CATALANO, B. Estudiar Medicina en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Experiencias, representaciones y movilidad académica de brasileños en la Universidad

de Buenos Aires y el Instituto Universitario de Ciencias de la Salud Barceló. **Diálogos Pedagógicos**, n. 42, p. 176–196, 2023.

SHELLER, M.; URRY, J. **The new mobilities paradigm**. *Environment and Planning A: Economy and Space*, v. 38, n. 2, p. 207-226, 2006.

SILVA, A. G. D. **POLÍTICAS PÚBLICAS E MIGRAÇÃO: VIVÊNCIA ACADÊMICA DE ESTUDANTES COTISTAS DE MEDICINA DA UFRJ-MACAÉ**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

SILVA, K.; MORAIS, S. S. Tendências e tensões de sociabilidade de estudantes dos Palop em duas universidades brasileiras. **Pro-Posições**, v. 23, n. 1, p. 163–182, abr. 2012.

SIMMEL, G.; SCHUTZ, A. **El extranjero: sociología del extraño**. Espanha: Ediciones Sequitur, 2012.

SIQUEIRA, S. **Sonhos, Sucesso E Frustações Na Emigração De Retorno: Brasil/Estados Unidos**. [s.l.] Fino Traço Editora, 2009.

SUBUHANA, C. **ESTUDAR NO BRASIL: IMIGRAÇÃO TEMPORÁRIA DE ESTUDANTES MOÇAMBICANOS NO RIO DE JANEIRO**. Tese de Doutorado—Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ, 2005.

SUBUHANA, C. A experiência sociocultural de universitários da África Lusófona no Brasil: entremeando histórias. **Pro-Posições**, v. 20, n. 1, p. 103–126, abr. 2009.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. 576 p.

TARDELLI, Gabriel Calil Maia. **Entre o poder colonial e a razão humanitária: sobre os modos de gestão da população Warao**. Doutorado em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília 2023.

TAYLOR, D. (ED.). **Michel Foucault: key concepts**. London New York: Routledge, 2014.

TEIXEIRA, Carla Costa (Org.). **Em busca da experiência mundana e seus significados.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. 210 p.

TRABALÓN, C. Estrategias de movilidad, visados y fronteras: Trayectorias de haitianos y haitianas hacia la Argentina. **Estudios Fronterizos**, v. 20, 20 dez. 2019.

TRABALÓN, C. Racialización del control y nuevas migraciones: procesos de ilegalización durante la última década en la Argentina. **Périplos: Revista de Estudios sobre Migraciones**, v. 5, n. 1, 27 mar. 2021a.

TRABALÓN, C. Migración haitiana en ciudades de Argentina: Experiencias espaciales, fronteras y racialización. **Estudios Sociales Contemporáneos**, n. 25, p. 119–144, 1 jul. 2021b.

TURNER, V. W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura.** Tradução: Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana.** Niterói: EdUFF, 2008.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VARELLA, J. F. **EM BUSCA DE UM SONHO: UMA ANÁLISE DO FLUXO DE ESTUDANTES BRASILEIROS PARA A BOLÍVIA.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia)—Brasília - DF: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2013.

VELHO, G. **TRAJETÓRIA INDIVIDUAL E CAMPO DE POSSIBILIDADES.** Em: **PROJETO E METAMORFOSE.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1994

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

VENANCIO, V. “Se eu não tivesse estudado, eu seria mais uma Madalena”: o parentesco como atualizador da falsa abolição brasileira. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 9, n. 17, 21 set. 2022.

VENANCIO, V. **Nu bem djobi vida li: mobilidades, pertencimentos e tensões da antinegritude na vida de mulheres da África continental residentes na capital cabo-**

**verdiana.** Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social—Brasília: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2024.

VIVIANA KAPLAN, C.; DE LOS ÁNGELES SULCA, E. M. Racismo y pueblos indígenas en Argentina. Retos para la micropolítica escolar. **InterNaciones**, v. 22, 1 jan. 2022.

WEBBER, M. A. **Estudantes brasileiros de medicina em Presidente Franco (PY): motivações e tensões de um fluxo universitário transfronteiriço.** Dissertação (Mestrado em Antropologia)—Curitiba - PR: Universidade Federal do Paraná., 2018.

WEBBER, M. A. **“SÍ, SE PUEDE”: A BUSCA PELO DIPLOMA SUPERIOR EM MEDICINA NA FRONTEIRA BR-PY.** Tese de doutorado (Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras)—Foz do Iguaçu: Universidade Estadual do Oeste do Paraná UNIOESTE, 2023.

WEENINK, D. Cosmopolitanism as a Form of Capital: Parents Preparing their Children for a Globalizing World. **Sociology**, v. 42, n. 6, p. 1089–1106, 1 dez. 2008.

XAVIER DE BRITO, A. Habitus de herdeiro, habitus escolar: os sentidos da internacionalização dos estudantes brasileiros no exterior. Em: ALMEIDA, A. M. F. DA P. M. DE et al. (Eds.). **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras.** Campinas: Ed. de UNICAMP, 2004.

YAO, J. A. Negros en Argentina: integración e identidad. **Amnis**, v. 2, 2002.

G1. REITOR DIZ QUE DECOTELLI NÃO SE FORMOU NO DOUTORADO PELA UNIVERSIDADE NACIONAL DE ROSARIO. G1, São Paulo, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18/video/reitor-diz-que-decotelli-nao-se-formou-no-doutorado-pela-universidade-nacional-de-rosario-8655718.ghtml>. Acesso em: 27 mar. 2025.

G1. 40% DOS MÉDICOS RECÉM-FORMADOS REPROVAM NO EXAME DO CREMESP. G1, São Paulo, 26 set. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/09/26/40-dos-medicos-recem-formados-reprovam-no-exame-do-cremesp.ghtml>. Acesso em: 27 mar. 2025.

FOLHA DE S.PAULO. ‘VAMOS PARA ONDE OS BRASILEIROS NÃO VÃO’, DIZ CUBANO VAIADO POR MÉDICOS. Folha de S.Paulo, São Paulo, 17 ago. 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/08/1333042-vamos-para-onde-os-brasileiros-nao-vao-diz-cubano-vaiado-por-medicos.shtml>. Acesso em: 27 mar. 2025.

LA CAPITAL. Rosario ya tiene su "mini Brasil" y no crece. La Capital, Rosario, 19 fev. 2024. Disponível em: <https://www.lacapital.com.ar/suscriptores/rosario-ya-tiene-su-mini-brasil-y-no-crecer-n10065172.html>. Acesso em: 27 mar. 2025.

LA CAPITAL. Un 17% de los médicos matriculados en Rosario son brasileños. La Capital, Rosario, 19 fev. 2024. Disponível em: <https://www.lacapital.com.ar/la-ciudad/un-17-ciento-los-medicos-matriculados-rosario-son-brasileños-n10150375.html>. Acesso em: 27 mar. 2025.

BBC NEWS BRASIL. BUENOS AIRES SE TORNA DESTINO DE CASAMENTO PARA GAYS BRASILEIROS. BBC News Brasil, São Paulo, 17 maio 2012. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/05/120517\\_casamento\\_gay\\_buenosaires\\_mc](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/05/120517_casamento_gay_buenosaires_mc). Acesso em: 27 mar. 2025.

LA CAPITAL. Rosario fue elegida el mejor destino turístico LGBT de Argentina. La Capital, Rosario, 19 fev. 2024. Disponível em: <https://www.lacapital.com.ar/la-ciudad/rosario-fue-elegida-el-mejor-destino-turistico-lgbt-argentina-n10151644.html>. Acesso em: 27 mar. 2025.

FOLHA DE S.PAULO. NÚMERO DE BRASILEIROS QUINTUPLICA EM 7 ANOS E TRANSFORMA FACULDADES DE MEDICINA NA ARGENTINA. Folha de S.Paulo, São Paulo, 12 mar. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/03/numero-de-brasileiros-quintuplica-em-7-anos-e-transforma-faculdades-de-medicina-na-argentina.shtml>. Acesso em: 27 mar. 2025.

G1. CUBANO VAIADO POR BRASILEIROS É O SÍMBOLO DO PROGRAMA MAIS MÉDICOS. G1, São Paulo, 23 dez. 2013. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2013/12/23/cubano-vaiado-por-brasileiros-e-o-simbolo-do-programa-mais-medicos.htm>. Acesso em: 27 mar. 2025.

LA CAPITAL. El número de médicos brasileños en Rosario crece cada año. La Capital, Rosario, 19 fev. 2024. Disponível em: <https://www.lacapital.com.ar/la-ciudad/un-17-ciento-los-medicos-matriculados-rosario-son-brasileños-n10150375.html>. Acesso em: 27 mar. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre a reserva de vagas em instituições federais de ensino superior e técnico para estudantes oriundos da rede pública de ensino e estabelece outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 30 ago. 2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2012/l12711.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2012/l12711.htm). Acesso em: 27 mar. 2025.

ARGENTINA. Ley nº 24.521, de 20 de novembro de 1995. Ley de Educación Superior. Buenos Aires, 1995. Disponível em: [https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/ley\\_n\\_24521.pdf](https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/ley_n_24521.pdf). Acesso em: 27 mar. 2025.

BRASIL. Decreto nº 6.736, de 7 de fevereiro de 2009. Regulamenta a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, e estabelece normas para a execução do Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Educação Profissional. Diário Oficial da União, Brasília, 9 fev. 2009. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6736.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6736.htm). Acesso em: 27 mar. 2025.

ARGENTINA. Ordenanza 728/2013, da Universidade Nacional de Rosario. Sobre os procedimentos administrativos para a inscrição no curso de Medicina da Universidade Nacional de Rosario. Rosario, 2013. Disponível em: <https://www.unr.edu.ar>. Acesso em: 27 mar. 2025.

ARGENTINA. Informe FDT 2019. Datos sobre formación y desarrollo de la educación universitaria. Buenos Aires, 2019. Disponível em: [https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/informe\\_fdt\\_datos2019\\_vf-1.pdf](https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/informe_fdt_datos2019_vf-1.pdf). Acesso em: 27 mar. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016. Estabelece a Política Nacional de Mobilidade Urbana. Diário Oficial da União, Brasília, 30 dez. 2016. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2016/l13409.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2016/l13409.htm). Acesso em: 27 mar. 2025

